

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TURISMO REGENERATIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA SUSTENTABILIDADE



GABRIELA TREVISAN NIVOLONI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

GABRIELA TREVISAN NIVOLONI

Turismo regenerativo no estado de São Paulo: uma perspectiva para além da sustentabilidade

São Paulo

2021

GABRIELA TREVISAN NIVOLONI

Turismo regenerativo no estado de São Paulo: uma perspectiva para além da sustentabilidade

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Turismo, apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Debora Cordeiro Braga

São Paulo

2021

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Nivoloni, Gabriela Trevisan

Turismo regenerativo no estado de São Paulo: uma perspectiva para além da sustentabilidade / Gabriela Trevisan Nivoloni; orientadora, Debora Cordeiro Braga. -São Paulo, 2021.
132 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Programa de Pós-Graduação em / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Turismo regenerativo. 2. Desenvolvimento. 3. Design regenerativo. 4. Comunidades. 5. Sustentabilidade. I. Braga, Debora Cordeiro. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Nome: Nivoloni, Gabriela Trevisan

Título: Turismo regenerativo no estado de São Paulo: uma perspectiva para além da sustentabilidade

Aprovado em: 29/07/2021

Banca:

Nome: Prof.^a Dr.^a Debora Cordeiro Braga

Instituição: Universidade de São Paulo (ECA)

Nome: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

Instituição: Universidade de São Paulo (ECA)

Nome: Me. Eliane Avelina de Azevedo Sampaio

Instituição: Universidade de São Paulo (EACH)

A todos aqueles que se dedicam à busca
por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me acompanham na jornada desta vida.

À minha mãe, por me ensinar a ser uma pessoa mais humana. Ao meu pai, pelo apoio às minhas decisões. Ao meu irmão, pela parceria (em especial pelas contribuições na estética deste trabalho). À minha avó Louli, por escrever todos os dias e me incentivar a fazer o mesmo. À minha avó Conceição, pelo exemplo de garra. Ao meu avô Lula, pelas criações e histórias mirabolantes. Ao meu avô Nico e ao meu tio Lile, que apesar de longe, vivem em meu coração. A todos aqueles da minha família que sempre se fizeram presentes, por todo o suporte e compreensão.

À Escola de Comunicações e Artes e à Universidade de São Paulo, pelos anos de aprendizado. À Debora, minha orientadora, por quem tenho grande admiração, por todo o suporte e paciência.

Àqueles que estiveram mais próximos na elaboração deste trabalho: Gabriel, Gus, Carol e Gu, por todas as trocas e apoio mútuo. A todos os amigos com quem vivenciei o Atletismo, a ECA Jr. e as Goldens, pelas doses de sorriso diárias. À Giuli e à Paula, pelas experiências vividas em terras mais distantes. A todos os amigos presentes na jornada da vida, especialmente àqueles que me acompanharam durante a graduação.

A todos os que moram longe, mas estão sempre comigo. Àqueles que não mencionei, mas sabem que fazem parte.

Aos que se disponibilizaram a participar das entrevistas, por todo o trabalho que vêm fazendo até então e por dedicarem tempo à pesquisa.

Agradeço todos que se dedicam à luta por um mundo mais justo para todas as partes envolvidas.

*“Pessoas pequenas em lugares pequenos
fazendo coisas pequenas podem mudar o
mundo”*

Provérbio Africano

RESUMO

Esta pesquisa aborda a temática do design regenerativo aplicado ao turismo como um modelo que, a partir de uma visão sistêmica, trabalha a relação do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o meio no qual está envolvido. O trabalho estuda comunidades localizadas no estado de São Paulo a fim de averiguar se possuem características que se adequem aos processos e fatores que o modelo abrange. Para tal, destrincha-se o conceito de turismo regenerativo e identificam-se os seus processos, fatores e possíveis indicadores, com o objetivo de levantar os aspectos essenciais que devem ser contemplados em uma dinâmica de turismo regenerativo. Na sequência, contatam-se comunidades com potencial de intersecção com o modelo estudado e realizam-se entrevistas a fim de identificar o grau de conformidade dessas em relação ao turismo regenerativo, bem como constatar se, da parte dos envolvidos, há interesse em desenvolver o modelo proposto. Assim, com a finalidade de verificar possibilidades para adequação ao turismo regenerativo, caracterizam-se as comunidades tanto individual quanto conjuntamente e discorre-se acerca do momento no qual essas se encontram quanto ao turismo regenerativo. Por fim, conclui-se que, apesar de carecerem de alguns pontos para adequação integral, as comunidades analisadas se enquadram no modelo proposto e que, portanto, há espaço para que o turismo regenerativo seja desenvolvido no estado de São Paulo.

Palavras-chave: Turismo regenerativo. Desenvolvimento. Design regenerativo. Comunidades. Sustentabilidade.

ABSTRACT

This research discusses regenerative design applied to tourism as a model that, from a systemic view, works with the relation of human beings with themselves, others and the environment in which they are involved. The study analyzes communities located in the state of São Paulo in order to verify if they have characteristics that suit the processes and factors covered by this model. For that, the concept of regenerative tourism is unraveled, and its processes, factors and possible indicators are identified, with the objective of raising the essential aspects in a dynamic of regenerative tourism. In sequence, communities with intersection potential with the studied model are contacted and interviews are made to identify their compliance degree in relation to regenerative tourism, as well as to verify whether, on the part of those involved, there is interest in developing the proposed model. Thus, in order to verify possibilities for adapting to regenerative tourism, those communities are characterized both individually and jointly, as well as discussed the level of development in which they are found in terms of regenerative tourism. Finally, it is concluded that, despite lacking some components for their full adaption, the analyzed communities fit into the proposed model and, therefore, there is a place for regenerative tourism to be developed in the state of São Paulo.

Keywords: Regenerative tourism. Development. Regenerative design. Communities. Sustainability.

RESUMEN

Esta investigación aborda la temática del diseño regenerativo aplicado al turismo como modelo que, desde una mirada sistémica, trabaja la relación del ser humano consigo mismo, con los demás y con el entorno en el que se involucra. El trabajo estudia las comunidades ubicadas en el estado de São Paulo para comprender si tienen características que se adecuen a los procesos y factores cubiertos por el modelo. Para ello, se detalla el concepto de turismo regenerativo y se identifican sus procesos, factores y posibles indicadores, con el objetivo de plantear los aspectos esenciales que deben contemplarse en una dinámica de turismo regenerativo. A continuación, se contactan comunidades con potencial de intersección con el modelo estudiado y se realizan entrevistas con el fin de identificar el grado de conformidad de esas en relación al turismo regenerativo, así como verificar si, por parte de los involucrados, existe interés en desarrollar el modelo propuesto. Así, con el fin de verificar posibilidades de adaptación al turismo regenerativo, se caracterizan las comunidades de modo individual y conjunto, y se discute el momento en el que se encuentran en relación al turismo regenerativo. Finalmente, se concluye que, a pesar de faltar en algunos puntos para una plena adaptación, las comunidades analizadas se encajan en el modelo propuesto y que, por lo tanto, hay espacio para el desarrollo del turismo regenerativo en el estado de São Paulo.

Palabras clave: Turismo regenerativo. Desarrollo. Diseño regenerativo. Comunidades. Sostenibilidad.

RIASSUNTO

Questa ricerca affronta il tema del design rigenerativo applicato al turismo come modello che, da un punto di vista sistemico, si occupa di identificare il rapporto dell'essere umano con se stesso, con gli altri e con l'ambiente in cui è coinvolto. Lo studio analizza le comunità situate nello stato di São Paulo per valutare una possibile associazione tra le loro caratteristiche e quelle definite dal modello. A tal fine, si dettaglia il concetto di turismo rigenerativo e si identificano i suoi processi, i suoi fattori e i possibili indicatori con l'obiettivo di evidenziare gli aspetti essenziali che devono essere contemplati in una dinamica di turismo rigenerativo. Successivamente, vengono contattate le comunità con potenzialità di intersezione con il modello studiato e vengono effettuate interviste al fine di identificare il grado di conformità di esse in relazione al turismo rigenerativo, oltre a verificare se, da parte dei soggetti presi in esame, ci sia interesse nello sviluppo del modello proposto. Così, per constatare le possibilità di adattamento al turismo rigenerativo, le comunità vengono analizzate sia individualmente che congiuntamente e viene discusso il momento in cui si trovano in relazione al turismo rigenerativo. In conclusione, nonostante manchino alcuni punti per il suo pieno adattamento, le comunità analizzate si inseriscono nel modello proposto con la possibilità di sviluppare il turismo rigenerativo nello stato di São Paulo.

Parole chiave: Turismo rigenerativo. Sviluppo. Design rigenerativo. Comunità. Sostenibilità.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 — Contraste do Design de Sistema Técnico e Design de Sistema Vivo.....	40
Figura 2 — Elementos da Prática Regenerativa	44
Figura 3 — O amadurecimento da sustentabilidade	49
Figura 4 — Estrutura <i>Essential Living Processes</i>	60
Figura 5 — Mapa da distribuição geográfica das comunidades selecionadas para entrevista.....	69
Figura 6 — <i>Contrast of Technical System Design and Living System Design</i>	130
Figura 7 — <i>A regenerative framework and methodology</i>	130
Figura 8 — <i>The Maturation of Sustainability</i>	131
Figura 9 — <i>Essential Living Processes framework</i>	131

QUADROS

Quadro 1 — Objetivos específicos e procedimentos metodológicos.....	17
Quadro 2 — Diferenças entre sustentabilidade e regeneração.....	48
Quadro 3 — Fatores para a regeneração no turismo e síntese para um modelo dinâmico.....	58
Quadro 4 — Indicadores do SISDTUR mantidos para análise do turismo regenerativo	61
Quadro 5 — Indicadores para o turismo regenerativo.....	61
Quadro 6 — Comunidades selecionadas para entrevista	70
Quadro 7 — Modelo de ficha da comunidade	73
Quadro 8 — Lógica de numeração dos indicadores para o turismo regenerativo.....	75

Quadro 9 — Quadro para análise da Comunidade 1	76
Quadro 10 — Quadro para análise da Comunidade 3	82
Quadro 11 — Quadro para análise da Comunidade 4	89
Quadro 12 — Quadro para análise da Comunidade 7	97
Quadro 13 — Quadro para análise da Comunidade 9	104
Quadro 14 — Resultado das análises dos indicadores para o Turismo Regenerativo e as comunidades do estado de São Paulo analisadas	111
Quadro 15 — Fatores para o turismo regenerativo nas comunidades	114

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	TEMA, JUSTIFICATIVA, PROBLEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	4
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
2	A ORIGEM DO DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO.....	18
2.1	O AVANÇO TECNOLÓGICO E A DINÂMICA DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL.....	18
2.2	DISCUSSÕES ACERCA DOS DANOS AMBIENTAIS E SOCIAIS DECORRENTES DA INDUSTRIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO	22
2.3	DA AGRICULTURA REGENERATIVA AO DESIGN REGENERATIVO	25
2.3.1	AGRICULTURA REGENERATIVA	25
2.3.2	PERMACULTURA	28
2.3.3	DESIGN ECOLÓGICO VS. DESIGN REGENERATIVO	35
2.4	DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO	38
2.4.1	VISÃO TECNICISTA VS. VISÃO ECOLÓGICA.....	41
2.4.2	ABORDAGENS REGENERATIVAS A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO E DESIGN REGENERATIVO.....	42
3	TURISMO REGENERATIVO	46
3.1	O CONCEITO	46
3.1.1	SUSTENTABILIDADE VS. REGENERAÇÃO.....	48
3.1.2	DESIGN REGENERATIVO APLICADO AO TURISMO.....	50
3.1.3	ELEMENTOS DO TURISMO REGENERATIVO	58
3.1.4	ABORDAGENS PRÁTICAS.....	63
4	EXPERIÊNCIAS DE TURISMO REGENERATIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO	
	68	
4.1	COMUNIDADES	68

4.2	INDICADORES DE ANÁLISE	72
4.2	PERCEPÇÃO DAS ANÁLISES DAS COMUNIDADES.....	111
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS	125
	ANEXO 1 — FIGURAS ORIGINAIS	130
	APÊNDICES	132
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	132

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA, JUSTIFICATIVA, PROBLEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA

Com o advento das grandes indústrias e de suas tecnologias, a movimentação de recursos materiais e energéticos tem sido uma das grandes responsáveis pela degradação do meio ambiente e pelo aquecimento global. Além disso, diante da atual crise política brasileira, a carência de políticas ambientais voltadas para a conservação e preservação do patrimônio natural vem comprometendo a fauna e a flora, essenciais para o equilíbrio ambiental e para a vida no planeta. No contexto da globalização, destacam-se a desvalorização da mão de obra, o aumento da concentração de pessoas nos núcleos urbanos e a mudança de comportamento do consumidor, fatores que afetam diretamente a vida dos indivíduos que vivem sob tais condições (KRÜGER, 2001). Nota-se, portanto, que há urgência em tratar abordagens voltadas para temáticas de responsabilidade socioambiental e desenvolvimento sustentável em diversos âmbitos, a fim de minimizar os impactos negativos causados pela globalização.

Assim como em outros setores, no âmbito do turismo, tanto nas localidades foco da atividade turística quanto no meio no qual está inserida, entende-se a urgência de recorrer a abordagens voltadas para um turismo que, além de garantir a sustentabilidade da atividade turística e a participação de todos os seus envolvidos, seja capaz de regenerar o seu entorno. Faz-se necessário, portanto, pensar em abordagens sistêmicas que busquem ir além do modelo linear tecnicista no qual a sociedade como um todo vem pautando-se há décadas. Assim, este trabalho surge a partir da busca por um turismo que tenha como objetivo regenerar e não apenas reduzir a degradação gerada pelo ser humano, uma vez que se entende que o desenvolvimento sustentável isoladamente não garante a restauração de sistemas vivos, dado que esse se refere a sustentar o padrão que conecta e fortalece o sistema como um todo, mas deixa em aberto o que se está buscando perpetuar (WAHL, 2016).

Para gerar reflexão acerca dos impactos negativos causados pela atividade turística, bem como fomentar o pensamento sistêmico no setor, a pesquisa apresenta a temática do turismo regenerativo, advinda do desenvolvimento e design

regenerativo, partindo do pressuposto de que o modelo pode contribuir para a restauração de sistemas vivos a partir da transformação de indivíduos e de seus círculos socioambientais (AVECILLA, 2018). Por meio da visão sistêmica advinda do design, este trabalho pretende fomentar discussões voltadas para uma perspectiva inovadora dentro do campo acadêmico do turismo que, por vezes, acaba se restringindo a teorias obsoletas. Além disso, a temática a ser abordada, que tem como objetivo oferecer experiências que beneficiem o todo sem prejuízo das partes envolvidas (CES, 2020), firma a afinidade da graduanda com o tema, em virtude da proximidade com a temática ambiental durante o seu percurso, tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito acadêmico-profissional, advinda de pesquisas, leituras e interesse na área da sustentabilidade.

Ao considerar o expressivo número de matérias que tratam a temática, tanto em revistas e páginas voltadas para o turismo, quanto em canais e jornais de áreas correlatas, a pesquisa não poderia deixar de mencionar as mudanças de comportamento impostas pela pandemia da Covid-19¹. Reitera, portanto, a urgência de pensar na adequação da atividade turística que se ajuste às exigências de todos os seus envolvidos, considerando que aquela, além de sustentar, possa gerar, por meio das relações entre as partes, bons frutos para o ambiente e para a comunidade local onde está inserida.

A abordagem do turismo regenerativo ainda vem sendo construída em escala incipiente quando comparada a outros modelos do setor. Na ferramenta de busca do Google foram encontrados 438 mil resultados para “turismo regenerativo”, em contraste com buscas realizadas com as palavras chaves “turismo ecológico”, “turismo sustentável” e “turismo de base comunitária”, que exibiram, respectivamente, 96,3 milhões, 20,6 milhões e 19,3 milhões de resultados na mesma ferramenta de busca na data de acesso, dados que comprovam a incipiência do conceito de turismo regenerativo quando comparado a outros modelos.

¹Na recém-publicada matéria *Move Over, Sustainable Travel. Regenerative Travel Has Arrived* publicada pelo jornal norte-americano The New York Times (2020), o turismo regenerativo é tratado como modelo capaz de se adequar à mudança de comportamento do turista, levando em consideração o atual contexto da pandemia (GLUSAC, 2020).

Além disso, percebeu-se que, até a data de início deste trabalho, não havia número expressivo de matérias sendo publicadas em nível acadêmico acerca da temática do turismo regenerativo. Em português, apenas um artigo, escrito em Portugal em 2020, foi encontrado (CES, 2020). Em espanhol, por sua vez, foram encontradas quatro publicações distintas com temática relacionada ao turismo regenerativo, das quais uma foi utilizada para o referencial teórico deste trabalho (AVECILLA, 2018). Quanto à língua inglesa, foram encontrados dois artigos de abordagem mercadológica redigidos por Pollock (2019), fundadora da agência *Conscious Travel* (CONSCIOUS TRAVEL, s.d.) e um artigo acadêmico, com referências à autora, que se trata de um estudo sobre a consciência de jovens viajantes quanto ao turismo regenerativo em uma comunidade em Puducherry, na Índia (AJOON e RAO, 2020). Em termos conceituais, contudo, com exceção da tese de AVECILLA (2018), não foram encontrados materiais que abordassem em profundidade a temática. Por esse motivo a pesquisa procurou aprofundar os conceitos de design e desenvolvimento regenerativo, a fim de contextualizar o leitor a respeito do que é tratado em sequência.

Apesar da escassez na quantidade de resultados para “turismo regenerativo” na ferramenta de busca utilizada, quando comparado a outros modelos de turismo, foram encontradas oito matérias relevantes para análise, publicadas em *blogs* e portais de notícia utilizando as mesmas palavras-chave. Na ordem como aparecem na ferramenta de busca, os canais são Estadão (CAMPOS, 2021), Viajar Verde (DUÉK, 2020), Panrotas (MONACO, 2021), Hotel Inspectors (LENCASTRE, 2021), Turismo e Inovação (2020), Travindy (TERUEL, 2020), WTM (SMITH, 2020) e Diário do Turismo (2020) que tratam, em sua totalidade, do conceito de turismo regenerativo como uma “tendência” para além da sustentabilidade. Das oito matérias, duas fazem um paralelo o turismo regenerativo e a pandemia e isolamento social², e cinco citam exemplos de localidades que se enquadrariam no modelo proposto.

A recém-publicada “O que é turismo regenerativo?” do jornal Estadão (CAMPOS, 2021), por exemplo, trata do conceito como um turismo que, visando obter impactos

² Este trabalho foi escrito em meio à pandemia da *Covid-19*.

positivos, prevê as boas práticas da sustentabilidade a partir do envolvimento social, econômico e cultural. Apesar de não entrar em detalhes teóricos, a matéria reitera a importância da responsabilidade em toda a cadeia turística, inclusive do ponto de vista do turista no que diz respeito a escolhas e decisões acerca das viagens para o pós-pandemia e acrescenta que o modelo diz respeito a “sermos capazes de, através de nossa própria atividade turística, promover melhorias em uma área, local ou destino. E isso se refere a todos os players do turismo, do viajante ao empreendedor” (CAMPOS, 2021, online), exemplificando o turismo regenerativo a partir de casos de hotéis ao redor do mundo.

Dentre os exemplos citados, nas matérias estão o hotel *Bentwood Inn* (LENCASTRE, 2021), localizado no Parque Nacional de Yellowstone nos Estados Unidos; a rede de hotéis de luxo *Red Carnation Hotels* (LENCASTRE, 2021); o hotel de luxo *The Brando*, na Polinésia Francesa (CAMPOS, 2021); uma experiência regenerativa desenvolvida em uma vila com cerca de 800 famílias em Alter do Chão, no Pará, no Brasil (TURISMO E INOVAÇÃO, 2020); e Comuna do Ibitipoca em Minas Gerais, no Brasil (DUÉK, 2020).

Apesar dos exemplos de localidades que se enquadrariam no modelo de turismo regenerativo, até então não foi possível inferir a existência de localidades de fato adequadas ao modelo proposto no Brasil, uma vez que a divergência entre os exemplos citados é significativa e não foram encontrados materiais acadêmicos que analisasse tais aspectos acerca do tema. Apesar da escassez de casos de turismo regenerativo no Brasil, contudo, o trabalho não poderia deixar de mencionar o estudo de Curitiba citado por Mang e Haggard (2016), no qual os autores explanam o porquê de a cidade ser considerada como um dos modelos líderes mundiais no planejamento e desenvolvimento urbano ecológico. Os autores reforçam que o diferencial dos programas desenvolvidos na cidade deve-se à sua projeção, uma vez que esses são desenhados com o intuito de incluir diversas questões cívicas, além de serem projetados para que compensem o seu investimento inicial. Outros fatores que chamam a atenção no caso de Curitiba são a quantidade de áreas verdes dispostas ao longo do território, a eficiência de seu transporte público, e o alto índice de indivíduos que destinam seus resíduos para reciclagem, fazendo com que cerca de 70% do lixo gerado na cidade seja reciclado (MANG e HAGGARD, 2016).

Dentre outros aspectos, as conquistas da cidade de Curitiba se devem, segundo Mang e Haggard (2016) à vocação do lugar, uma vez que é este o responsável por influenciar continuamente a evolução de sistemas, indo além das fases de design e implementação. Além da vocação, que é a base para as parcerias, os fatores organização e ordenação são essenciais para trazer atividades e materiais de maneira efetiva e eficiente e continuar trabalhando para atingir objetivos desejados. Apesar de não se tratar de um caso de turismo regenerativo, o reconhecimento de uma cidade brasileira como exemplo de líder mundial em planejamento e desenvolvimento urbano ecológico traz visibilidade e mostra potencial, indicando que a temática da regeneração deve ser abordada e incentivando questionamentos acerca de quais seriam outras possibilidades no Brasil quando se pensa em regeneração.

Com base na análise dos materiais levantados, os meios de hospedagem mencionados nas matérias, contudo, devido ao caráter mercadológico, em um primeiro momento não se adequam ao modelo estudado, uma vez que esse considera necessário que haja uma mudança de paradigma no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, no qual “as pessoas importem mais do que os mercados e o dinheiro” (AVECILLA, 2018, p. 88, tradução nossa)³ e hotéis e empreendimentos no geral se pautam na obtenção de lucro. Assim, com o objetivo de averiguar outras possibilidades de localidades que pudessem abranger a temática do turismo regenerativo, foram realizadas leituras a fim de gerar perspectivas com o intuito de encontrar comunidades que se enquadrassem na mudança de paradigma proposta por Avecilla (2018). Assim, a pesquisa se voltou para a busca de comunidades intencionais e Ecovilas, uma vez que essas se caracterizam por sua qualidade de associativismo voluntário e, em grande parte, adotam ideologias políticas alternativas ao sistema vigente, contrapondo o capitalismo, pautado em práticas como acúmulo de capital, trabalho assalariado e competitividade entre mercados, como único sistema possível.

Nesse âmbito, é possível fazer referência a um dos processos do turismo regenerativo (AVECILLA, 2018), repensar e redesenhar estruturas políticas, que diz

³ No original: “*las personas importen más que los mercados y el dinero*” (AVECILLA, 2018, p. 88).

respeito à mudança de paradigma para o desenvolvimento econômico, no qual as pessoas sejam mais importantes do que os mercados e o dinheiro. É a partir desse ponto que o turista pode ser envolvido, levando em consideração que esse deve estar acostumado ou, ao menos, aberto à possível mudança de paradigma. Com base nisso, o presente trabalho identificou Ecovilas como comunidades passíveis de intersecção com o modelo proposto e, portanto, serão tratadas como objeto de estudo para conferir uma possível abordagem para o turismo regenerativo, a fim de que uma análise mais profunda possa ser realizada. A partir do desenvolvimento de indicadores bem como da seleção de possíveis casos nos quais o turismo regenerativo se encaixaria, espera-se obter uma aproximação a respeito do que trata o modelo.

Diante dos fatos apresentados, o presente trabalho desenvolverá o conceito de turismo regenerativo a partir da definição de desenvolvimento regenerativo, proveniente do design, a fim de entender a sua aplicabilidade no contexto do turismo no Brasil, levando em consideração comunidades que se adequem aos seus princípios. Diante da escassez de trabalhos voltados para a temática, a pesquisa abordará o turismo regenerativo a partir do seguinte **questionamento**: as experiências desenvolvidas em comunidades do estado de São Paulo possuem características que se adequem aos processos e fatores do turismo regenerativo?

Para tal, o trabalho tem como **objetivo** caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo a partir do estudo de experiências desenvolvidas por comunidades. Para atingir o objetivo geral, esta pesquisa se fundamenta nos seguintes objetivos específicos:

- Destrinchar os conceitos de design e desenvolvimento regenerativo a fim de conceituar o turismo regenerativo;
- Identificar os seus processos e fatores e elaborar indicadores de acompanhamento;
- Avaliar o grau de concordância das práticas das comunidades com os princípios teóricos;
- Identificar se há interesse, da parte dos envolvidos, em desenvolver o modelo proposto nas comunidades selecionadas;

- E, por fim, caracterizar o momento no qual o turismo regenerativo se encontra no estado de São Paulo, a fim de investigar possíveis caminhos para uma maior aderência das comunidades com o modelo estudado.

No próximo subcapítulo serão tratados os materiais e métodos utilizados a fim de alcançar os objetivos traçados anteriormente.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao abordar uma temática incipiente e pouco estudada no Brasil, o presente estudo possui caráter descritivo-exploratório. A partir da consulta de livros, dissertações e artigos, a pesquisa bibliográfica realizada permitiu reunir publicações que tratam desde a origem do desenvolvimento regenerativo, advindo do design, até sua aproximação com a atividade turística. Além disso, matérias de jornais e publicações de revistas acadêmicas, divulgadas em mídias de grande alcance, foram levantadas para contextualizar em números a temática a ser estudada. Assim, com base em metodologias existentes, as obras consultadas permitiram que indicadores fossem estabelecidos para análise em pesquisa documental.

Na sequência, no intuito de encontrar e definir as comunidades a serem investigadas, o referencial teórico foi analisado e, levando em consideração a sua abordagem na mídia, a plataforma da *Global Ecovillage Network* (GEN, [s.d.])a foi utilizada para coleta de dados de associados para pesquisa empírica. Junto a representantes das comunidades selecionadas, a partir da realização de entrevistas com roteiro semiestruturado, o estudo pôde ser complementado e testado por meio de análise qualitativa de todo o material, a fim de alcançar os objetivos traçados previamente.

No referencial teórico, com base na leitura de livros e artigos acadêmicos, o presente trabalho desenvolveu a cronologia do desenvolvimento regenerativo, partindo da contextualização do surgimento de ciências e teorias pautadas em abordagens holísticas a partir da história do avanço tecnológico e da dinâmica da sociedade pós-industrial. Para fins de contextualização, com base na leitura e síntese de livros e artigos científicos, percorreu, em ordem cronológica, a história da Revolução Industrial, Revolução Verde e globalização, nesta ordem, uma vez que entende que tais conceitos contribuíram para o surgimento do que hoje se conhece

por desenvolvimento e design regenerativo. Em seguida, tratou de discussões acerca dos danos ambientais e sociais decorrentes do avanço tecnológico e da dinâmica da sociedade pós-industrial, uma vez que a temática desta pesquisa tem como objetivo abordar tópicos voltados para sustentabilidade e regeneração, intrinsicamente relacionadas à contenção e à reversão de tais efeitos, respectivamente. Na sequência, a partir da leitura e síntese de materiais de fontes secundárias, tratou de abordagens sistêmicas em diversos âmbitos que surgem a partir da década de 1970 com o intuito de conter os danos ambientais e sociais decorrentes do avanço tecnológico, são elas, em ordem cronológica: agricultura regenerativa, Permacultura, design ecológico, design regenerativo e, por fim, desenvolvimento regenerativo, advindo deste último.

No tocante à agricultura regenerativa, devido à escassez de trabalhos voltados para a temática, a pesquisa se pautou na consulta de fontes secundárias para contextualização teórica a partir da leitura de artigos científicos que fazem menção a tal conceito. Apesar de não ser o foco principal do trabalho, os princípios e contexto da Permacultura foram expostos, uma vez que, por meio de pesquisas entende-se que existe possível intersecção entre práticas permaculturais e desenvolvimento de culturas regenerativas, dado que ambos se pautam em uma abordagem sistêmica. Para descrever o conceito de Permacultura a partir de fonte primária, foram consultados panfletos explicativos desenvolvidos por seus precursores, uma vez que houve dificuldade no acesso a obras originais devido à pandemia da Covid-19, durante a qual a pesquisa foi realizada.

Na sequência, os conceitos de design ecológico e design regenerativo foram desenvolvidos em conjunto, uma vez que se caracterizam como as bases para o surgimento do desenvolvimento regenerativo e método utilizado para atingi-lo. Inicialmente, para entender suas origens, materiais de fonte secundária foram utilizados para situar a autora deste trabalho acerca da temática e, na sequência, consultas a bibliografias de autores da área foram realizadas. Devido à abrangência e complexidade envolvidas no processo de planejamento de projetos de desenvolvimento e design regenerativo, os principais conceitos relacionados a estes foram aqui explicitados. Contudo, com a necessidade de síntese para um trabalho acadêmico, entende-se que etapas de aprofundamento na temática, não foram explanadas em sua totalidade. Assim, sugere-se e encoraja-se que, para maior

especialização, as obras originais dos autores precursores aqui citados sejam consultadas tanto para fins acadêmicos quanto para fins mercadológicos ou práticos. Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso de graduação em turismo, os conceitos de desenvolvimento e design regenerativo aplicáveis ao turismo, além de terem sido citados no decorrer do texto, foram levados em consideração para possíveis abordagens no âmbito.

A partir da contextualização e entendimento da origem do desenvolvimento regenerativo, a pesquisa introduziu a temática das abordagens regenerativas aplicadas ao turismo, conceituando-a como turismo regenerativo, assim como esta vem sendo tratada tanto no meio acadêmico quanto na mídia. A escassez de fontes acadêmicas voltadas para turismo regenerativo, apesar de ter sido um dos argumentos para o desenvolvimento deste trabalho, foi motivo pelo qual apenas duas autoras foram citadas no decorrer de sua contextualização. Pollock, encontrada inicialmente com uma abordagem mercadológica e, em seguida, Avecilla com uma perspectiva acadêmica do turismo, ambas consultadas a fim de entender os processos e fatores do turismo regenerativo. Além disso, para fins de embasamento e aprofundamento na temática, um *webinar* (TRAVINDY ESPAÑOL, 2021) que tratou das diferenças entre sustentabilidade e regeneração, ministrado por Avecilla, uma das autoras que teve obra consultada (AVECILLA, 2018) para este trabalho foi assistido e transcrito.

Ainda a respeito do turismo regenerativo, a fim de compreender como este vem sendo praticado mundo afora, foi verificado, com base em consultas em matérias de jornais e publicações de revistas acadêmicas, como o modelo se caracteriza de acordo com a mídia. Na ferramenta de busca do Google, em contraste com buscas realizadas com as palavras chaves “turismo ecológico”, “turismo sustentável” e “turismo de base comunitária”, que exibiram, respectivamente, 96,3 milhões, 20,6 milhões e 19,3 milhões de resultados, “turismo regenerativo” mostrou 438 mil. Quando os termos foram traduzidos para o inglês, obtiveram-se 74,9 milhões para “*ecological tourism*”, 376 milhões para “*sustainable tourism*” e 668 milhões para “*community-based tourism*”, contra 3,1 milhões para “*regenerative tourism*”. Apesar do aumento expressivo no número de resultados de “turismo regenerativo” para “*regenerative tourism*”, a parcela de resultados é ínfima em ambos, uma vez que, somados os resultados da busca, “turismo regenerativo” representa 0,32% dos

resultados em português e “*regenerative tourism*” representa 0,27% dos resultados em inglês. A pesquisa pretendeu apresentar insumos para fins de contextualização dos materiais e métodos aqui desenvolvidos, uma vez que os únicos trabalhos acadêmicos encontrados foram obras de autoras estrangeiras.

Diante disso, a partir dos conceitos trabalhados no capítulo 3, a fim de retomar o objetivo geral da pesquisa, que pretende caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo com base no estudo de experiências desenvolvidas por comunidades, diante da análise do material teórico, fez-se necessária uma metodologia capaz de averiguar conformidade de localidades com o modelo sugerido. Assim, ao identificar a necessidade de compreensão de processos dinâmicos e holísticos em evolução, uma síntese realizada com os cinco fatores para o turismo regenerativo propostos por Avecilla (2018), por meio do Quadro 3, principiou os indicadores para o turismo regenerativo, estabelecidos a fim de aprimorar a compreensão e objetividade para dar prosseguimento à pesquisa. No intuito de entender quais os possíveis parâmetros que comprovem a compreensão e conformidade com o modelo proposto, insumos fundamentais para a análise proposta no trabalho, fez-se necessário que indicadores fossem estabelecidos. Para tal, a metodologia do sistema de indicadores de sustentabilidade do desenvolvimento do turismo SISDTUR, desenvolvida por Hanai (2009), foi utilizada como base para estabelecer os indicadores para o modelo estudado.

O SISDTUR, desenvolvido por Hanai (2009), é utilizado como “instrumento metodológico prático, útil e exequível que tem a finalidade de auxiliar o processo de monitoramento e gestão sustentável da atividade turística” (HANAI, 2009, p. 390) em determinada localidade em conformidade com os princípios da sustentabilidade. Em sua metodologia, Hanai (2009) propõe indicadores baseados nas cinco dimensões: social, econômica, ambiental, institucional e cultural, nas quais estes se enquadram de acordo com as suas características e necessidades. Os indicadores do SISDTUR, entretanto, por fazerem referência ao turismo sustentável, não se mostraram suficientes na análise de um modelo de turismo regenerativo, uma vez que o desenvolvimento regenerativo está um passo adiante do desenvolvimento sustentável. Assim, tanto os indicadores quanto as dimensões de Hanai (2009) foram revisados e modificados, conforme necessidade, com base nos fatores para o

turismo regenerativo descritos por Avecilla (2018), e deram origem ao Quadro 5 de indicadores para o turismo regenerativo.

A partir da compreensão dos conceitos supracitados, a pesquisa tratou de analisar, sintetizar e discorrer a respeito de abordagens práticas para o modelo estudado, no intuito de analisar a realidade brasileira. Assim, a fim de contemplar o objetivo de caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo, a possibilidade de análise de comunidades descritas como Ecovilas foi levantada, uma vez que estas foram identificadas como possível ponto de intersecção com os processos e fatores do turismo regenerativo. Por se tratarem de comunidades que integram as dimensões social, cultural, econômica e ecológica, levando em consideração uma abordagem sistêmica visando à sustentabilidade, constatou-se que, no geral, estão enraizadas em processos participativos locais e trabalham para restauração e regeneração de seus ambientes sociais e naturais (GEN, [s.d.]a).

Diante disso, na sequência, contextualizou-se a *Global Ecovillage Network* (GEN), que, em suma, se caracteriza, por meio da união entre indivíduos, redes, organizações e governos, como uma associação global sem fins lucrativos composta de comunidades e iniciativas voltadas para regeneração. Dividida entre três regiões administrativas autônomas, abarca Ecovilas e “projetos de Ecovilas” (GEN, on-line, tradução nossa)⁴, que se resumem em “iniciativas locais que inspiram, educam e adotam modos de vida de Ecovilas, sem necessariamente constituir determinado número de pessoas morando juntas como uma comunidade” (GEN, [s.d.]a, on-line, tradução nossa)⁵.

Ao trabalhar com pesquisas em áreas como design participativo e sustentabilidade, a GEN se baseia em 32 princípios da regeneração divididos entre áreas distintas e acolhe cerca de 10 mil comunidades intencionais e tradicionais de todo o mundo. Dentre as atividades desenvolvidas nas comunidades, em conformidade com o material estudado, a Permacultura, práticas de espiritualidade e desenvolvimento comunitário se destacaram e confirmaram, em um primeiro momento, a possibilidade

⁴ No original: “Ecovillage projects” (GEN, [s.d.]a, on-line).

⁵ No original: “local initiatives that inspire, educate and foster ecovillage lifestyles, without constituting a certain number of people living together as a community” (GEN, [s.d.]a, on-line).

de intersecção entre os princípios adotados nestas comunidades e o turismo regenerativo. Assim, com o intuito de identificar localidades que se enquadrassem nos processos de turismo regenerativo, desenvolvidos por Avecilla (2018), a pesquisa utilizou como base a plataforma da rede GEN como ferramenta para fornecer informações acerca de experiências em comunidades.

A partir de filtro existente na plataforma, foram identificadas possíveis comunidades no estado de São Paulo a serem analisadas em profundidade. Uma planilha, contemplando nome, município, responsável, telefone, e-mail e site das comunidades, foi elaborada com base nas informações disponíveis na própria plataforma. A planilha incluiu ainda uma coluna destinada à categoria e outra destinada a principais atividades desenvolvidas, com o intuito de entender qual a caracterização na qual a esta melhor se enquadra e quais as temáticas abordadas no local, respectivamente. Tanto as informações de categoria quanto as informações das principais atividades desenvolvidas foram adquiridas com base na plataforma GEN e no site de cada uma delas, de acordo com disponibilidade.

As categorias, definidas para enquadrar as comunidades de acordo com o seu escopo, foram divididas em propriedade isolada, Ecovila, projeto, e instituto. As atividades desenvolvidas, por sua vez, visando observar as temáticas abordadas nesta, foram divididas em sete, de acordo com possibilidade de intersecção com o turismo regenerativo, com base nos estudos realizados e nas informações disponíveis contemplam: Permacultura; bioconstrução; agricultura orgânica; arte; espiritualidade; educação ambiental; e desenvolvimento comunitário.

A quantidade de comunidades escolhida foi definida de acordo com o número de Ecovilas, projetos, institutos e propriedades isoladas disponíveis no site da GEN. Na sequência, para que pudessem ser incluídos no trabalho, município, caracterização e principais atividades das comunidades foram compiladas em um quadro (Quadro 6) como uma adaptação da planilha original elaborada, uma vez que optou-se pela omissão do nome das comunidades em função do critério de anonimato da pesquisa. A fim de identifica-las para análise, seus nomes foram substituídos por números de 1 a 10, seguindo a ordem em que foram compiladas na planilha original. Adicionalmente, a Figura 5 contendo as respectivas numerações foi elaborada, com

o intuito de, por meio de localização aproximada, obter-se uma ideia da distribuição espacial das comunidades.

Os entrevistados, por sua vez, foram selecionados de acordo com a disponibilidade dos potenciais indivíduos, levando em consideração que apenas uma pessoa de cada comunidade fosse entrevistada. A escolha do indivíduo ficou a critério da comunidade, que deveria escolher alguém que a representasse e pudesse compartilhar informações a respeito da história, valores, infraestrutura, dinâmica e projetos desenvolvidos. Assim, com a finalidade de verificar conformidade com o modelo proposto, bem como compreender o interesse da comunidade em receber indivíduos externos, as comunidades selecionadas, localizadas no estado de São Paulo, foram contatadas.

A partir dos indicadores estabelecidos no subcapítulo 3.1.3, um roteiro para entrevista semiestruturada (Apêndice A) foi desenvolvido, com o objetivo de contemplá-los para que atores de localidades que se enquadrassem nos processos de design do turismo regenerativo pudessem ser entrevistados na sequência. Além dos indicadores, o roteiro de entrevistas abrangeu sucintamente o conceito de turismo regenerativo, a fim de contextualizar os entrevistados acerca do tema estudado sem enviesar a pesquisa. Compreendeu ainda um tópico para que o representante discorresse sobre a pretensão da comunidade em receber indivíduos externos e o que seria importante que estes soubessem antes da visita, a fim de entender a abertura daquela em receber turistas perante um modelo de turismo regenerativo, bem como preparar os envolvidos para uma possível visita, uma vez que o modelo requer alinhamento entre as partes.

A elaboração do roteiro de entrevista foi realizada a partir dos indicadores, que foram ordenados seguindo a ordem lógica de valores, história e surgimento; infraestrutura; projetos desenvolvidos; e participação dos indivíduos nos processos e experiências oferecidas. Em função de seu caráter semiestruturado, as entrevistas tiveram tempo de duração estipulado entre 30 e 60 minutos e, por meio de perguntas direcionadas aos indicadores (Apêndice A).

O intuito da etapa de entrevistas da metodologia foi verificar se, de fato, as práticas das comunidades selecionadas se aproximam dos princípios do turismo regenerativo e, em caso positivo, se existe intenção de desenvolver a atividade na comunidade

em questão. Para que tal objetivo fosse alcançado, um modelo de ficha (Quadro 7) abrangendo as principais informações da comunidade, bem como perguntas de alinhamento para o modelo proposto foi adotado individualmente para cada uma das comunidades. A ficha contemplou ainda os indicadores, no intuito de averiguar quais seriam atendidos, atendidos parcialmente ou não atendidos pela comunidade em questão, de acordo com informações coletadas nas entrevistas. Além disso, indicadores que obtiveram destaque nas comunidades em questão receberam um asterisco (*) ao lado da palavra “atende”, a fim de que pudessem ser identificados.

Partindo disso, uma análise descritiva, contendo os pontos observados nos indicadores foi realizada, a fim de avaliar o grau de concordância das práticas das comunidades com os princípios teóricos, bem como identificar se havia interesse, da parte dos envolvidos, em desenvolver o modelo proposto nas localidades selecionadas. Ao final de cada análise individual no subcapítulo 4.2 foi incluído ainda um resumo contendo os principais aspectos levantados no texto, com base nos fichamentos individuais.

Na sequência, na etapa de percepção das análises, objetivando retomar informações acerca do diagnóstico realizado, o Quadro 14 comparativo contendo as respostas dos indicadores de todas as cinco comunidades analisadas foi elaborado. Além disso, contendo as comunidades e os fatores para o turismo regenerativo, o Quadro 15 também foi desenvolvido, para que fosse possível averiguar quais e quantos fatores haviam sido contemplados. Assim, os resultados das análises puderam ser retomados para investigação conjunta e apontamentos, a fim de verificar adequação das comunidades ao modelo de turismo regenerativo, com a finalidade de caracteriza-lo no estado de São Paulo, bem como investigar possíveis caminhos para uma maior aderência das comunidades com o modelo estudado.

As abordagens utilizadas para contemplar os objetivos específicos do estudo foram sintetizadas no Quadro 1 que segue:

Quadro 1 — Objetivos específicos e procedimentos metodológicos

Objetivo específico	Procedimento metodológico utilizado
Destrinchar os conceitos de design e desenvolvimento regenerativo a fim de conceituar o turismo regenerativo;	Pesquisa bibliográfica: levantamento de dados de fonte secundária a partir da consulta de livros, artigos, dissertações, matérias de jornais e publicações de revistas acadêmicas;

Identificar os seus processos e fatores e elaborar indicadores de acompanhamento;	Pesquisa descritivo-exploratória: análise do referencial teórico coletado e adequação de indicadores para o modelo estudado, a partir dos fatores para o turismo regenerativo (AVECILLA, 2018) e metodologia SISDTUR (HANAI, 2009);
Avaliar o grau de concordância das práticas das comunidades com os princípios teóricos; identificar se há interesse, da parte dos envolvidos, em desenvolver o modelo proposto nas comunidades selecionadas;	Pesquisa empírica: seleção de comunidades suscetíveis à intersecção com os processos de turismo regenerativo (AVECILLA, 2018) e levantamento primário de dados a partir da aplicação de entrevistas de caráter semiestruturado com base nos indicadores estabelecidos;
Caracterizar o momento no qual o turismo regenerativo se encontra no estado de São Paulo, a fim de investigar possíveis caminhos para uma maior aderência das comunidades com o modelo estudado.	Fichamento dos resultados das entrevistas; análise descritiva qualitativa dos dados coletados para comparação com os fatores observados no referencial teórico.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O próximo capítulo, que inicia o referencial teórico utilizado, tratará de contextualizar a origem do desenvolvimento regenerativo, que baseia os conceitos do turismo regenerativo.

2 A ORIGEM DO DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO

2.1 O AVANÇO TECNOLÓGICO E A DINÂMICA DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Desde o século XVIII, com advento da Primeira Revolução Industrial, a tecnologia passou a se materializar em produções de grande escala. A união entre ciência e técnica transformava países da Europa e da América do Norte com a substituição de ferramentas por máquinas. A necessidade de substituir a forma arcaica de trabalho por um sistema mais moderno que fosse capaz de produzir mais com menos recursos humanos, difundida pelas ideias do Iluminismo, dava surgimento à indústria moderna, na Inglaterra do século XVII (DE MASI, 1999).

O modo de produção proto-industrial da época, pautado na adoção de novas tecnologias, possibilitou a passagem do artesanato à manufatura, diminuindo a participação humana no ciclo produtivo, rumo ao que, segundo De Masi (1999), consistia no sonho de Aristóteles: a robotização das fábricas que possibilitaria uma produção na qual “o cerne de toda a questão continua sendo o eterno desejo humano de uma melhor qualidade de vida conquistada sempre com menos trabalho”

(DE MASI, 1999, p. 39). Aos poucos, novos métodos de extração e de transporte de matérias-primas iam sendo criados e a substituição da força humana pela mecânica e a sua conseqüente demanda por energia, pouco a pouco aumentava, como no trecho lembrado por De Masi (1999):

Os recursos energéticos de que a humanidade podia se valer nunca chegaram a ultrapassar um bilhão de megawatts. Entre a metade do século XVIII e a metade do século XIX, graças ao impulso industrial, tais recursos aumentaram mais de cinquenta vezes, superando os 53 bilhões de megawatts. (DE MASI, 1999, p. 41).

Assim, no esforço em direção à eliminação do trabalho humano no processo de produção, a engenharia despendia a sua inteligência a fim de reduzir a fadiga humana necessária à produção de bens em busca do sonho comum no qual “somente quando o homem estivesse liberado dessa fadiga a atividade humana finalmente se traduziria no prazer do ócio ativo, isto é, do estudo e da invenção” (DE MASI, 1999, p. 44).

Sem se dar conta, pouco a pouco, em busca do lucro, a sociedade industrial caminhava rumo à própria destruição, na crença de que um dia atingiria a ambição definida por De Masi (1999) como “o eterno sonho de produzir e consumir sem trabalhar” (DE MASI, 1999, p. 44), que não se restringia apenas ao lucro e à riqueza, mas, como sugere a fórmula da produtividade “lucro e riqueza, no fim das contas, não representam nada mais do que à medida que nós nos aproximamos da realização deste sonho” (DE MASI, 1999, p.45).

Assim, a revolução científica do século XIX caminhava em direção a uma nova era de inovações, que trazia consigo as tecnologias mais avançadas da época traduzidas na concepção do automóvel, passando pelo avião, até chegar no computador, que segundo o autor colaboraram para a confusão entre a dimensão científica e tecnológica “num único e poderoso impulso empenhado na dupla proposta de prolongar o tempo de vida e de intensificar o aproveitamento do tempo” (DE MASI, 1999, p. 46). O fortalecimento de tal modelo contribuía para um comportamento de consumo que, pouco a pouco, caminhava em direção ao esfacelamento “contra a saturação do mercado e contra a mão-de-obra sobressalente” (DE MASI, 1999, p. 46), aumentando assim o desemprego, uma vez que a intensificação da eficiência técnica atingiu um nível superior à capacidade de absorção da mão de obra.

A partir de meados do século XX, diante da aceleração no âmbito científico e tecnológico, decorrentes da Segunda Guerra Mundial, “a sociedade industrial, centrada na produção em larga escala de bens materiais, deu vez à sociedade pós-industrial, centrada na produção de bens não materiais” (DE MASI, 2001, p. 19). Neste momento, o trabalho humano passava a ser substituído por máquinas também na produção agrícola e o poder, que antes era concentrado nas mãos dos proprietários dos meios de produção, passava para aqueles que eram proprietários dos meios de criação.

Aos poucos, a população ativa se deslocava das zonas rurais para as manufaturas e a urbanização passava a se concretizar com a migração de grandes quantidades de camponeses em direção aos centros urbanos (DE MASI, 2001). Ao passo que os centros urbanos iam crescendo, a progressiva liberação do esforço ia se concretizando em lazer no tempo livre daqueles que dedicavam grande parte de seu tempo ao trabalho. Assim, a fim de se adequarem à demanda de significativa parte da sociedade, que passava a dividir seu tempo entre trabalho e lazer, as cidades iam se tornando “funcionais”. Divididas em áreas de acordo com suas funções, casta e classe, segundo De Masi “a zona industrial para produzir, o setor comercial para comprar e vender, o setor burocrático para os negócios político administrativos, o setor de diversões para o tempo livre” (2001, p. 124).

Apesar das décadas de ascensão dos centros urbanos, a produção agrícola, não deixava de ser considerada e a chamada Revolução Verde tomava frente nos Estados Unidos e Europa, que passavam a empregar tempo e dinheiro no desenvolvimento de tecnologias e práticas agrícolas para tal fim. O programa teve início em 1946, quando, a pedido do governo mexicano, a fundação estadunidense Rockefeller realizou um estudo acerca da fragilidade da agricultura no país (BONZI, 2013). A pesquisa daria início a uma nova era na comunidade científica, que financiada por instituições como a própria Rockefeller, passaria a desenvolver técnicas de melhoramento de sementes de espécies como trigo, milho e arroz, base da alimentação de grande parte da população mundial (ANDRADES e GANIMI, 2007).

A partir deste momento, agentes químicos restantes da Segunda Guerra Mundial, como o DDT, utilizados no combate de insetos em campos de batalha, estavam à

disposição de agricultores, que poderiam pulverizar suas plantações com fertilizantes, herbicidas e fungicidas químicos. Com isso, os responsáveis pelo gerenciamento das terras não mais precisariam se preocupar com técnicas de adubamento, manejo e pousio do solo, antes fundamentais para a produtividade do terreno (BONZI, 2013). A mecanização, por meio de sistemas de irrigação e utilização de maquinário pesado nas etapas de produção, completava a gama de inovações tecnológicas promovidas pela Revolução Verde (ANDRADES e GANIMI, 2007) e, de 1960 a 1970, a difusão de tecnologias agrícolas se tornava cada vez mais evidente.

As inovações e avanços científicos e tecnológicos, de fato, eram responsáveis pelo expressivo aumento na produção, que então passava a se basear em um modelo artificial de criação de sementes de alto rendimento, fertilizantes e pesticidas químicos, mecanização de etapas da produção e consequente diminuição do uso de mão-de-obra. Assim as bases técnicas da Revolução Verde eram difundidas, mas a sua implementação não levava em consideração o alto custo que seria demandado em termos ambientais e humanos. A incessante busca pelo lucro ignorava o ecossistema nos quais estes processos estavam inseridos e desconsiderava os pequenos produtores que, em massa, passariam a migrar para as grandes cidades em busca de melhores condições em meio à urbanização.

As significativas mudanças desde o final da Segunda Guerra Mundial, dentre elas a ascensão da tecnologia, contribuíram para mudanças nos modos de produção, consumo e cooperação, como lembra De Masi (2001). O progresso tecnológico e científico, a partir do desenvolvimento dos meios de transporte e de tecnologias voltadas para comunicação de massa, de um em um, foi contribuindo para a competição entre os mercados e a constituição do fenômeno conhecido por globalização. Contudo, diante de um processo de significativas integrações culturais, econômicas, políticas e sociais, no qual tecnologias de grande-escala são responsáveis pela movimentação de expressivos volumes de recursos, consequências nocivas para o ser humano, o meio ambiente e a relação entre estes são constantes, quando não crescentes (KRÜGER, 2001).

O processo de industrialização e avanço tecnológico, mesmo com suas adversidades, se mantém firme nos seus princípios pautados no aumento na

capacidade de produção com menos recursos humanos, no desejo de obtenção de lucro a qualquer custo, do ponto de vista do mercado, e na ânsia por novos bens de caráter altamente substituível, do ponto de vista do consumidor. Krüger (2001) lembra que diante do crescimento de tecnologias de grande escala e da existência de grandes complexos industriais, cada vez mais se presume uma especialização e consequente desvalorização do trabalho humano e do trabalhador. Decorrentes de tais processos e da concentração de indivíduos em núcleos urbanos, consequências como o individualismo e o aumento da criminalidade estão entre alguns dos efeitos. Além dos fatores sociais, é possível destacar ainda a geração de poluentes e degradação do meio ambiente, decorrentes do manejo de grandes volumes materiais e energéticos.

No próximo subcapítulo, serão tratados alguns dos principais danos ambientais e sociais decorrentes do processo de globalização e como, em contrapartida com a perspectiva que se foi constituindo, ecologistas e adeptos da descentralização, como coloca De Masi, erguem uma nova visão de mundo, na busca pela “descentralização das decisões, por uma justiça participativa, por uma organização da conveniência em âmbito comunitário”. (DE MASI, 2001, p.162).

2.2 DISCUSSÕES ACERCA DOS DANOS AMBIENTAIS E SOCIAIS DECORRENTES DA INDUSTRIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Diante da ascensão da tecnologia e de seus subprodutos, em meados da década de 60 se começa a falar dos danos ambientais e sociais decorrentes dos processos de industrialização e do iminente fenômeno da globalização. A essa altura, “a ciência e a tecnologia (...) haviam-se tornado servas da corrida da indústria química em busca de lucros e do controle dos mercados (LEAR, 1962, apud CARSON, 1962)” e cada vez mais as consequências como geração de poluentes e degradação do meio ambiente, decorrentes do manejo de grandes volumes materiais e energéticos, apontadas por Krüger (2001) iam se tornando evidentes.

Em 1962, ao descrever a capacidade de alteração de processos celulares que inseticidas à base de hidrocarbonetos clorados e fósforo orgânico poderiam causar no organismo de plantas e animais, Carson (1962) muda o curso de discussões a respeito da utilização de substâncias químicas tóxicas na agricultura. A partir de fontes científicas, a pesquisadora explana em obra intitulada Primavera Silenciosa

(CARSON, 1962) as problemáticas de pesticidas químicos como o DDT, utilizados no combate de insetos, desde a Segunda Guerra Mundial, quando eram pulverizados em campos de batalha para evitar a presença indesejada de insetos transmissores de doenças como tifo, malária e febre amarela (BONZI, 2013).

Além de levantar hipóteses acerca de uma temática em pauta na época, a publicação do livro foi responsável por fomentar discussões e investigações nos Estados Unidos e, posteriormente, no mundo todo. Em dezembro de 1970, a partir da aprovação de uma Lei de Política Nacional Ambiental, a Agência Nacional de Proteção Ambiental dos Estados Unidos era criada, acarretando na proibição do DDT para uso doméstico (CARSON, 1962, p. 18). Além da ameaça dos agrotóxicos, outros fatores decorrentes do processo de industrialização e globalização como o aquecimento global e outros danos ambientais e sociais vêm se tornando cada vez mais presentes no dia a dia da sociedade atual.

Em 1972, se falava da poluição e do esgotamento de recursos naturais decorrentes da industrialização e, após a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano, a Conferência de Estocolmo, era criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Da conferência foram gerados ainda a Declaração sobre o Ambiente Humano, uma série de princípios de comportamento e responsabilidades a fim de direcionar decisões relacionadas a questões ambientais, e o Plano de Ação Mundial, um chamado à cooperação internacional, com o intuito de se pensarem soluções para os problemas então vigentes (CNSEG, c2017).

Mais adiante, em 1992, evento também proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU), chamado ECO-92 reuniu 172 países a fim de retomar os aspectos abordados na Conferência de Estocolmo (CETESB, s.d.). Como resultado, a Agenda 21, um documento com o objetivo de desenvolver um plano de ação visando o desenvolvimento sustentável, foi elaborada levando em consideração uma mudança para uma visão conjunta rumo à sustentabilidade, a descentralização das políticas pensando no desenvolvimento local e uma maior articulação entre Estado e partes envolvidas (CNSEG, c2017). A convocação para convenções passou a ser frequente e então em 1997, o Protocolo de Kyoto, acordo internacional acerca das mudanças climáticas, era firmado na presença de 38 países na chamada Conferência das

Partes para a Convenção das Mudanças Climáticas. Assim, metas referentes à redução de emissões de gases de efeito estufa eram traçadas, a fim de minimizar os impactos causados pelo aquecimento global (CNSEG, c2017).

Em 2012, vinte anos após a ECO-92, a Rio+20, também conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, retomou e avaliou as questões levantadas nas conferências anteriores, além de renovar o compromisso com metas para o desenvolvimento sustentável englobando novas temáticas em pauta. Outras conferências envolvendo diferentes países e organizações foram realizadas ao longo dos anos, até que em 2015, a COP-21 foi realizada pela Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, conduzindo um novo acordo global visando combater os efeitos das mudanças climáticas e das emissões de gases de efeito estufa. Como resultado da COP-21, a nova agenda global de desenvolvimento sustentável foi estabelecida, a Agenda 2030 e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), visando “assegurar os direitos humanos, acabar com a pobreza, lutar contra a desigualdade e a injustiça, alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas, agir contra as mudanças climáticas” (PACTO GLOBAL, s.d., on-line).

Assim, temáticas como a poluição, o aquecimento global, a escassez de recursos naturais e os problemas sociais decorrentes do processo de industrialização e globalização vêm sendo tratados mundo afora, no intuito de encontrar objetivos comuns para um desenvolvimento mais sustentável pensando tanto nas gerações futuras, quanto no planeta que será deixado para estas. A sustentabilidade, contudo, apesar de ter sido pauta durante décadas desde a consolidação do uso de seu termo, vem sendo questionada e repensada, tanto por estudiosos, como Wahl (2016), quanto por indivíduos que buscam ter um modo de vida com menos impactos negativos para o ambiente e para aqueles que o habitam. Diante disso, paralelas aos avanços científicos e tecnológicos que vinham acontecendo desde o século XIX, práticas de pontos de vista holísticos começaram a surgir na tentativa de retomar a relação do ser humano consigo mesmo e com o seu entorno. Da Agricultura Regenerativa, ao design regenerativo, novos conceitos foram surgindo a fim de colocar o ser humano e o seu entorno em pauta novamente.

2.3 DA AGRICULTURA REGENERATIVA AO DESIGN REGENERATIVO

Diante das mudanças resultantes dos avanços científicos e tecnológicos decorrentes dos processos de industrialização e do advento do fenômeno da globalização, tratadas nos subcapítulos anteriores, abordagens holísticas, que visam incluir o ser humano no ciclo natural da natureza, passaram a surgir. Práticas como a Agricultura Regenerativa, fruto dos estudos de Rodale (1987, apud VRSKA, 2019), e a Permacultura, idealizada por Mollison (MOLLISON e SLAY, 1998) e Holmgren (2007), emergiam como pedido de ajuda por parte daqueles que entendiam a importância da relação do ser humano com o seu entorno, em contraste com os danos ambientais e sociais causados durante décadas.

2.3.1 AGRICULTURA REGENERATIVA

Em 1972, uma década após a publicação de *Primavera Silenciosa* (CARSON, 1962), o estadunidense Rodale (1972) apresenta o livro *Sane living in a Mad world: a guide to the organic way of life*, no qual expressa sua inconformidade com o descaso do ser humano para com o meio ambiente, decorrente dos avanços da tecnologia. Rodale (1972) menciona que o ser humano deve também aprender sobre quão limitados e preciosos são os recursos naturais e alerta sua geração sobre soluções simplistas criadas pela tecnologia. Alguns anos depois, em 1987, Rodale, defensor da agricultura regenerativa, publica *Why regenerative agriculture has a bright future*, no qual sugere que o processo de regeneração de ecossistemas pode ser integrado a práticas de agricultura (1987, apud VRSKA, 2019).

Em linhas gerais, do ponto de vista prático, a temática baseia-se no pressuposto de que a partir da regeneração do solo, advinda de um aumento na infiltração e retenção de água, é possível obter um aumento significativo na biodiversidade. Assim o processo natural de sucessão pode ser replicado, a fim de aumentar a capacidade de produção de ecossistemas (RODALE, 1987, apud VRSKA, 2019). Com base na abordagem de novos elementos para serem integrados a práticas agrícolas, a partir da temática da agricultura regenerativa, a abordagem de Rodale (RODALE, 1987, apud VRSKA, 2019) traz ainda a importância da democratização da informação como elemento de empoderamento de agricultores, libertando estes da imposição de conhecimento hegemônico gerada pela Revolução Verde. A abordagem de Rodale, que originalmente abrangia também valores humanos, é

composta de princípios, que foram cunhados como Sete tendências para a Regeneração: Na agricultura, comunidades e espírito pessoal (RODALE, s.d.):

1. **Pluralismo:** o autor (RODALE, s.d.) refere-se a aumentar a diversidade tanto no que diz respeito a espécies de plantas, quanto a aumentar a diversidade de negócios, pessoas e culturas, pensando no âmbito comunitário. No que diz respeito ao espírito pessoal, Rodale (s.d.) cita a importância de se aumentar fatores como diversidade, capacidade, oportunidade e abertura para novas experiências pessoais;
2. **Proteção:** no âmbito da agricultura, se refere à cobertura da superfície de plantas, com o intuito de acabar com a erosão e aumentar populações microbianas próximas à superfície. No que diz respeito à comunidade, Rodale (s.d.) se refere a dispor de maior resistência a flutuações econômicas e culturais, uma vez que quanto maior a quantidade e variedade de negócios e pessoas, maior a quantidade de empregos e, conseqüentemente, maior a estabilidade comunitária. Neste princípio, Rodale (s.d.) cita ainda o aperfeiçoamento da resistência pessoal e capacidade de resistir a crises individuais, no tocante à saúde do corpo e sistema imunológico;
3. **Pureza:** para a agricultura, retoma que sem a utilização de fertilizantes químicos e pesticidas, plantas e outras formas de vida têm mais chances permanecer no solo. No tocante à comunidade, Rodale (s.d.) lembra que sem poluição, as pessoas podem viver com mais saúde e, no âmbito “espírito pessoal”, ao deixar de lado hábitos prejudiciais o potencial de crescimento, felicidade e sucesso aumenta;
4. **Permanência:** na agricultura permanência significa “mais plantas perenes e outras plantas com sistema de raízes vigoroso começam a crescer” (RODALE, s.d., tradução nossa)⁶. Segundo Rodale (s.d.), conforme os negócios e indivíduos vão se tornando bem-sucedidos, estes poderão contribuir em maior nível para a comunidade e, complementar a isso, Rodale (s.d.) acredita que a inserção de comportamentos espirituais positivos cria raízes capazes de atribuir um significado mais profundo à vida;

⁶ No original: “*more perennials and other plants with vigorous root systems begin to grow*” (RODALE, s.d.).

5. **Paz:** na agricultura regenerativa, interferências a ervas daninhas e pragas nos sistemas de cultivo devem ser interrompidas (RODALE, s.d.), em oposição ao que se viu na Revolução Verde. Ao tratar de comunidade, Rodale (s.d.) se refere à redução dos padrões de crime e violência pensando na melhoria da segurança e bem estar. Para o princípio da paz, emoções como raiva, medo e ódio dão lugar à tolerância, compaixão e compreensão;
6. **Potencial:** refere-se ao aproveitamento de nutrientes pelas plantas, levando em consideração que estes tendem a se acumular próximo às superfícies. No fator comunidade, Rodale (s.d.) se refere ao âmbito econômico e cita a economia “*trickle-up*”, na qual mais recursos se acumulam e estão disponíveis a mais pessoas devido a oportunidades para todos. No aspecto individual, o princípio seis se refere à capacidade de influenciar pessoas positivamente por meio de qualidades e recursos presentes no indivíduo e em seu ambiente;
7. **Progresso:** uma vez que a condição do solo obtém significativa melhoria, a capacidade de retenção de água aumenta. Na comunidade, na medida em que a vida coletiva melhora a saúde e riqueza de seus habitantes adquire benefícios e, conseqüentemente, as capacidades de bem-estar e prazer dos indivíduos aumentam.

Os princípios originais cunhados por Rodale (s.d.) permeiam a agricultura, comunidade e indivíduo e reforçam a potência da regeneração em detrimento da sustentabilidade. Importante reiterar, contudo, que atualmente o Instituto Rodale, fundado com base nas teorias de Rodale (s.d.), se trata de uma instituição voltada para agricultura orgânica regenerativa e atualmente trabalha para disseminar o movimento orgânico regenerativo por meio de pesquisas, treinamentos para agricultores e educação do consumidor. Assim, a abordagem regenerativa para a agricultura definida pelo Instituto Rodale atualmente se refere a “um tipo de agricultura que vai além dos padrões orgânicos atuais, com o intuito de regenerar ativamente os recursos naturais usados, apoiando comunidades saudáveis e

prósperas” (RODALE INSTITUTE, 2019, on-line, tradução nossa)⁷ e se aplica especificamente à saúde do solo, bem-estar animal e justiça social.

Assim, o presente trabalho leva em consideração a abordagem original de Rodale que, assim como na Permacultura, que será tratada no subcapítulo que segue, abrange a “incorporação de abordagens de gestão holística, processo de tomada de decisão de uma perspectiva emocional e de maneira horizontal” (VRSKA, 2019, p. 78, tradução nossa)⁸, uma vez que a pesquisa pretende alcançar o conceito de turismo regenerativo.

2.3.2 PERMACULTURA

Assim como a Agricultura Regenerativa, em resposta ao crescimento desenfreado dos avanços científicos e tecnológicos, bem como à utilização irresponsável de seus produtos, em meados da década de 1970, na Austrália, Mollison e Holmgren publicam seu primeiro estudo acerca da chamada Permacultura, um sistema de design para a criação de ambientes humanos sustentáveis (MOLLISON e SLAY, 1998).

A palavra em si não é somente uma contração das palavras permanente e agricultura, mas também de cultura permanente, pois culturas não podem sobreviver muito sem uma base agrícola sustentável e uma ética do uso da terra. Em um primeiro nível, a Permacultura lida com as plantas, animais, edificações e infraestruturas (água, energia, comunicações). Todavia, a Permacultura não trata somente desses elementos, mas, principalmente, dos relacionamentos que podemos criar entre eles por meio da forma em que os colocamos no terreno (MOLLISON e SLAY, 1998, p. 13).

O termo Permacultura, cunhado pelos autores, surgia para descrever um sistema integrado de espécies animais e vegetais perenes ou que se perpetuam naturalmente e são úteis aos seres humanos (HOLMGREN, 2007). Segundo Holmgren (2007), a definição mais atual de Permacultura, capaz de refletir a ampliação da abordagem implícita na obra *Permaculture One*, primeira publicação

⁷ No original: “a type of farming that goes above and beyond today’s organic standards to actively regenerate the natural resources used while supporting healthy, thriving communities” (RODALE INSTITUTE, 2019).

⁸ No original: “incorporation of holistic management approaches, decision-making process from an emotional perspective and in a horizontal manner” (VRSKA, 2019, p. 78).

de Holmgren e Mollison, é: “paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais” (HOLMGREN, 2007, p. 3). A partir disso, entende-se que a Permacultura surge como um incentivo ao uso do pensamento sistêmico e de princípios de design que proporcionam a estrutura conceitual para a implementação do conceito mencionado anteriormente. Não se restringe apenas à paisagem ou à agricultura e deve ser considerada na elaboração de projetos que visem um futuro sustentável (HOLMGREN, 2007).

Para Holmgren (2007), a Permacultura tem como princípio resgatar valores presentes nas sociedades sustentáveis da era pré-industrial, a fim de recuperá-los e aplicá-los de maneira universal para o desenvolvimento do uso sustentável da Terra e de seus recursos. Tem como base a observação dos sistemas naturais e, por este motivo, integra a natureza e não o contrário. Apoia-se tanto na sabedoria de sistemas produtivos tradicionais como no conhecimento científico e tecnológico, uma vez que tem como objetivo criar sistemas ecológica e economicamente viáveis, visando à sustentabilidade (MOLLISON e SLAY, 1998). Em suma,

a Permacultura utiliza as qualidades inerentes das plantas e animais, combinadas com as características naturais dos terrenos e edificações, para produzir um sistema de apoio à vida para a cidade ou a zona rural, utilizando a menor área praticamente possível. (MOLLISON e SLAY, 1998, p. 13).

Assim sendo, tomando como ponto de partida o design, a Permacultura pode ser caracterizada como uma ciência holística baseada em três princípios éticos e doze princípios de design para planejamento. Enquanto a agricultura moderna é totalmente dependente de energias externas, em agriculturas permanentes ou em culturas humanas sustentáveis as necessidades energéticas de sistemas normalmente são supridas dentro do próprio sistema. Além disso, quando a terra passa a ser considerada mercadoria, devido ao seu uso destrutivo, esta passa a

demandar consumo energético muito superior, que acaba sendo suprido por “países do terceiro mundo”⁹ (MOLLISON e SLAY, 1998).

A Permacultura propõe, portanto, um sistema no qual suas necessidades sejam supridas dentro deste por meio da cooperação, a fim de que todas as partes envolvidas sejam beneficiadas, e não prejudicadas. Fundamentados nisso, seus precursores ativeram-se à ética para introduzir o conceito de Permacultura e desenvolveram-na em três princípios éticos: cuidado com a Terra; cuidado com as pessoas; cuidado com a distribuição dos excedentes (MOLLISON e SLAY, 1998).

1. **Cuidado com a Terra:** consiste na conservação ativa, uso de recursos de forma ética, prática de atividades inofensivas e reabilitantes (MOLLISON e SLAY, 1998). Tem como finalidade garantir a sobrevivência de todos os elementos que compõem os ecossistemas (águas, atmosfera, espécies, solos), a fim de se criar sistemas que possam ser úteis e benéficos.
2. **Cuidado com as pessoas:** está diretamente relacionado ao cuidado com a Terra e pretende garantir que as necessidades básicas humanas sejam supridas, uma vez que entende que as pessoas são parte da totalidade dos sistemas vivos. Entende que se o ser humano for capaz de suprir as necessidades básicas (alimentação, abrigo, educação, trabalho e contato humano), não necessitará da indulgência de práticas destrutivas à Terra (MOLLISON e SLAY, 1998). Ou seja, propõe que para que o cuidado com a Terra esteja garantido, é necessário também assegurar o bem-estar humano.
3. **Contribuição do excedente**¹⁰: este princípio, também componente da ética básica de cuidado com a Terra, pretende assegurar que, uma vez que se tenha suprido as necessidades básicas e projetado os sistemas da melhor maneira possível, as influências e energias sejam expandidas, para auxiliar outros grupos ou indivíduos a atingirem os mesmos objetivos (MOLLISON e SLAY, 1998). Neste âmbito, reitera a importância de um sistema que além de garantir o básico, seja capaz de distribuir seus excedentes.

⁹ A expressão “terceiro mundo” foi originada na Guerra Fria para caracterizar os países que posicionaram como neutros na Guerra Fria, ou seja, aqueles que não se aliaram nem aos Estados Unidos nem à União Soviética (INFOPÉDIA, c2003-2021).

¹⁰ Contribuição do excedente também pode aparecer como partilha justa ou distribuição dos excedentes (MOLLISON e SLAY, 1998, p. 15).

Os princípios supracitados foram desenvolvidos a partir de pesquisas de ética comunitária e têm como base culturas tradicionais que buscam a união entre o ser humano e a Terra, levando em consideração que estas sempre existiram em equilíbrio com o meio ambiente (HOLMGREN, 2007). A Permacultura entende, portanto, que a partir do conhecimento milenar das culturas tradicionais, o ser humano pode reaprender a se conectar com a Terra, para então voltar a viver em harmonia com esta, levando em consideração todas as partes envolvidas no sistema.

Ao manifestar os princípios éticos da Permacultura, seus precursores propõem uma reflexão acerca dos problemas decorrentes dos avanços tecnológicos, já citados por Rodale (1972) na Agricultura Regenerativa, não dispensando a importância do conhecimento da sociedade moderna, mas sim gerando embasamento para o design permacultural. Além dos princípios éticos, a Permacultura se apoia em doze princípios de design ou planejamento fundamentados na criação de sistemas ecologicamente corretos e economicamente viáveis. Em razão de seu caráter interdisciplinar, os princípios de planejamento desta podem sofrer variações de conceito conforme autor ou época. Tal fato pode ser compreendido devido à complexidade e amplitude de seu conteúdo, uma vez que a Permacultura abrange, além da agricultura e design, áreas como arquitetura, ciências naturais e economia.

Os princípios de design ou planejamento em Permacultura se baseiam em aspectos da “ecologia de sistemas”, advinda da ciência moderna da ecologia e se materializam como o chamado pensamento sistêmico, no âmbito do design (HOLMGREN, 2007). São eles, conforme Holmgren descreve (2007):

1. **Observe e interaja:** O princípio parte do pressuposto de que a observação e interação com o ambiente são essenciais para a relação harmônica entre o ser humano e a natureza. Neste âmbito, entende-se que a interação com o objeto de observação é necessária a fim de que se faça o uso efetivo das capacidades humanas, reduzindo assim a dependência da tecnologia e de energias não renováveis. O princípio entende que o processo de observação influencia na ação e tem como foco facilitar a criação de novas soluções a longo prazo;

2. **Capte e armazene energia:** Entende que o uso de combustível fóssil direcionado à geração de energia é insustentável a longo prazo. Para tal, sugere captação de fluxos de energia tanto renováveis quanto não renováveis por meio da integração dos elementos existentes dentro do sistema;
3. **Obtenha rendimento:** Além da captação e armazenamento de energia, o terceiro princípio prevê o planejamento como saída para a autossuficiência dentro dos sistemas. Reitera a importância do planejamento de sistemas ser voltado para ser produtivo e objetiva capturar maior índice de energia para assim obter rendimento;
4. **Pratique a auto regulação e aceite *feedback*:** O quarto princípio de design permacultural diz respeito a condições que limitam ou dificultam a expansão dos sistemas. Introduz o conceito de *feedback* como a resposta que a interação com a natureza é capaz de fornecer a partir da interação humana e entende que, a partir deste, os sistemas podem se ajustar de modo a se tornarem autorreguláveis, diminuindo o trabalho despendido em ações corretivas. Sugere que, quanto maior a dependência em relação aos sistemas, menor o controle que se tem sobre eles. E, do outro lado, quanto maior a autossuficiência de um sistema, maior a sua capacidade de resiliência;
5. **Use e valorize os serviços e recursos renováveis:** O princípio aponta a importância do uso adequado de recursos naturais¹¹ a fim de se administrar e manter rendimentos, minimizando assim o consumo exacerbado daqueles e priorizando os recursos renováveis em detrimento daqueles não renováveis. Por recursos renováveis e não renováveis, respectivamente, entende-se aqueles que se renovam em curto prazo quando comparado ao tempo de vida humano e aqueles que não se renovam em curto prazo quando comparado ao tempo de vida humano (CAMPOS, 2018);
6. **Não produza desperdícios:** Reflete a importância da obtenção de soluções que estejam em grado de reduzir o desperdício. Sugere que os sistemas

¹¹ Recurso natural é toda matéria ou energia que é advinda da natureza e possui algum uso para o ser humano. Água, madeira e petróleo são alguns exemplos de recursos naturais, que são divididos entre renováveis e não renováveis (CAMPOS, 2018).

devem ser capazes e responsáveis por fazer o uso de todos os produtos e subprodutos gerados por este;

7. **Design partindo de padrões para chegar aos detalhes:** Diferentemente dos princípios supracitados, o design partindo de padrões para chegar aos detalhes, sugere que a observação e interação com a natureza, primeiro princípio permacultural, é capaz de gerar entendimento acerca de padrões recorrentes na natureza. O reconhecimento de padrões pode e deve ser útil para replicá-lo em projetos de design. Nas palavras de Holmgren, “os sistemas complexos que funcionam tendem a evoluir a partir de sistemas simples que funcionam, de forma que, encontrar o padrão adequado para aquele design é mais importante que entender todos os detalhes dos elementos do sistema” (HOLMGREN, 2007, p. 19).

Em suma, para a Permacultura, a observação e entendimento do contexto do ponto de vista holístico se revelam mais apropriados do que a aproximação dos elementos que compõem o todo;

8. **Integrar ao invés de segregar:** Descreve que a relação entre os elementos que fazem parte dos sistemas deve ser considerada, uma vez que entende que as trocas entre estes são essenciais para desenvolver um sistema autossuficiente. Requer conhecimento profundo a respeito de cada uma das partes bem como a respeito de suas inter-relações. Desenhos adequados, contudo, são capazes de desenvolver grau mais elevado de autorregulação, descrito no item 4, pratique a auto regulação e aceite *feedback*;
9. **Use soluções pequenas e lentas:** Endossa que os sistemas de larga escala bem como a movimentação de materiais e pessoas decorrentes do avanço tecnológico são responsáveis pelo aumento na demanda energética e descaso para com o meio ambiente e todas as suas formas de vida. Nas palavras do autor, “a escala e capacidade humana deveriam ser a unidade de medida para uma sociedade sustentável, democrática e humana” (HOLMGREN, 2007, p. 21). Neste âmbito, sugere que os sistemas devem, portanto, adotar e executar funções na menor escala praticável para tal finalidade, garantindo uso energético eficiente;
10. **Use e valorize a diversidade:** Nas palavras do autor, “a diversidade necessita ser vista como o resultado do equilíbrio da tensão existente na

natureza entre variedade e possibilidade de um lado, e de produtividade e força do outro” (HOLMGREN, 2007, p. 23). Entende-se, a partir disso, que a diversidade deve ser cultivada dentro dos sistemas a fim de garantir segurança e harmonia entre as partes envolvidas. Ademais, diferentemente de movimentos que reconhecem apenas a as diversidades biológica e cultural pré-existentes, na Permacultura se consideram a criação de novas biodiversidades biorregionais decorrentes da união de elementos herdados por ambas natureza e cultura;

11. **Use as bordas e valorize os elementos marginais:** O princípio considera essencial garantir a valorização de elementos considerados marginais ou periféricos dentro de um sistema. “O design que vê a borda como uma oportunidade ao invés de um problema tem maior probabilidade de êxito e de ser mais flexível” (HOLMGREN, 2007, p. 24). Neste âmbito considera os aspectos normalmente julgados como invisíveis ou insignificantes, uma vez que entende que a ampliação de tais aspectos pode contribuir para a estabilidade e crescimento do sistema;
12. **Use criativamente e responda às mudanças:** O último princípio do design permacultural surge a fim de garantir um design criativo, no qual sejam consideradas mudanças que possam ocorrer no sistema. Consiste ainda em entender e adaptar-se a estas, conforme necessidade dos elementos que fazem parte do sistema, agindo em cooperação. Usar criativamente e responder às mudanças diz respeito à observação, criação e adaptação.

Em suma, a Permacultura se baseia em princípios que capazes de permear aspectos dos sistemas ambientais, econômicos e sociais. Tem caráter cooperativo, em detrimento da competição e consumismo, incentivados pela sociedade global industrial e sua expressiva demanda de energia. A partir disso, Holmgren (2007) conclui que:

Os princípios de design da Permacultura (...) podem oferecer uma estrutura conceitual para a geração contínua de soluções para situações e locais específicos, que são necessárias para se avançar além dos êxitos limitados do desenvolvimento sustentável até um reencontro entre cultura e natureza (HOLMGREN, 2007, p. 26).

A visão sistêmica do design permacultural é um dos caminhos possíveis para fortalecer um sistema levando em consideração as necessidades de todas as partes

envolvidas e compõe, igualmente, parte do chamado design e desenvolvimento regenerativo, que serão tratados no tópico que segue.

2.3.3 DESIGN ECOLÓGICO VS. DESIGN REGENERATIVO

Além da ascensão de práticas voltadas para agricultura, ainda no início dos anos 1970, a contribuição de arquitetos visionários como Sim Van der Ryn significava o início de abordagens sistêmicas em áreas não antes levadas em consideração (RYN, 1996, apud MANG e HAGGARD, 2016). O chamado design ecológico, do inglês *ecological design*, lançado por Ryn propunha o ajuste dos edifícios com o seu entorno, levando em consideração toda a sua paisagem, fluxos de energia, ciclagem de resíduos, materiais, água e processos ecológicos, com o objetivo trabalhar a favor dos fluxos de energia a fim de reduzir os impactos ambientais da construção (RYN, 1996, apud MANG e HAGGARD, 2016). Contudo, ainda que abrangesse questões harmônicas dentro de sistemas, o design ecológico, assim como diversos outros termos e abordagens, sofreram alterações ao longo das décadas, conforme necessidade daqueles que o estudavam, levando ao advento do design regenerativo, que, assim como o design Permacultural, passaria a abranger a visão sistêmica que reconhece o ser humano e suas estruturas como parte de um ecossistema maior.

Assim, publicado em 1994, a obra *Regenerative Design for Sustainable Development* (LYLE, 1994, apud ARAÚJO, 2021), discute um design voltado para uma visão holística, capaz de abranger o ser humano, os ecossistemas e as outras espécies. Pautado na teoria dos sistemas, o design regenerativo abrangeria a restauração, renovação e revitalização de fontes de matérias e energias, facilitando assim a integração entre as necessidades do ser humano com a integridade da natureza (LYLE, 1994, apud ARAÚJO, 2021). Lyle acreditava que “todo design do ambiente humano é baseado em algum modelo fundamental do caráter essencial de natureza profundamente enraizada na cultura” (LYLE, 1994, apud MANG e HAGGARD, 2016, tradução nossa)¹², ou seja, ao projetar qualquer ambiente

¹² No original: “all design of the human environment is based on some fundamental model of the essential character of nature deeply imbedded in the culture” (LYLE, 1994, apud MANG e HAGGARD, 2016).

difícilmente seria possível desvencilhar-se das raízes de caráter cultural. O autor acrescenta ainda que

onde a natureza evoluiu uma rede sempre variável e infinitamente complexa de lugares únicos adaptados a condições locais (...) os humanos projetaram uma uniformidade facilmente gerenciável (...) [substituindo] bilhões de anos de evolução por um design de invenção humana mais simples, mais direto e imensamente poderoso (LYLE, 1985, apud MANG e HAGGARD, 2016, tradução nossa)¹³.

Deste modo, iniciada na década de 1990 por Lyle (1994, apud ARAÚJO, 2021), a perspectiva de design regenerativo surge pela primeira vez e vai ganhando forma conforme o passar dos anos e adotada por outros estudiosos, que, a partir de suas próprias abordagens, foram capazes de abarcar distintas áreas do conhecimento em prol da regeneração. Mais recentemente, outras abordagens de design regenerativo como a metodologia *Cradle to Cradle*, de Braungart e McDonough (2014) surgem com o intuito de ressignificar o âmbito do design e instigar mudanças no ponto de vista material, incluindo temáticas voltadas para economia circular. Neste âmbito, como reitera Araújo (2021), o design regenerativo sugere mudança do pensamento projetivo do design:

para o ciclo de vida do artefato, e, calcado em princípios próprios e ambientais, vai resultar na busca de soluções que permitam a concepção de um projeto que alcance também o pós-uso do artefato com o fechamento do seu ciclo (ARAÚJO, 2021, p.34).

Wahl (2016), por sua vez, aborda a temática do design aplicada a culturas regenerativas e, ao questionar a existência da humanidade, em confronto com a visão sistêmica de Capra (2014, apud WAHL, 2016), que será abordada mais adiante, faz indagações acerca da visão de mundo vigente. Aborda a importância de educação e do design para construção de culturas regenerativas e expõe projetos que instigam e retomam o pensamento sistêmico. Para Wahl (2016), “regenerativa” na expressão “cultura regenerativa” (WAHL, 2016, p. 328) faz referência à capacidade de regeneração e transformação que uma cultura possui como resposta à mudança e acredita que as perguntas trabalham no caminho para a sabedoria e

¹³ No original: “where nature evolved an ever-varying, endlessly complex network of unique places adapted to local conditions(...)humans have designed readily manageable uniformity(...) [replacing] billions of years of evolution with a simpler, more direct, and immensely powerful design of human devising” (LYLE, 1985, apud MANG e HAGGARD, 2016).

que, a partir desta, haverá cura para as atuais crises decorrentes de modelos mentais ultrapassados.

Esse autor entende que para que haja ação é necessário entender o mundo e o contexto atual e, para tal, propõe questionamentos acerca da visão de mundo responsável por moldar a cultura existente, a fim de evitar que os mesmos erros se repitam (WAHL, 2016). Acredita que para que exista evolução rumo ao crescimento da diversidade, complexidade, bio-produtividade e resiliência, é essencial que as culturas sejam pautadas na colaboração generalizada, no intuito de garantir que a natureza também vença. Wahl (2016) menciona que é necessário “projetar para os humanos, para os ecossistemas e para a saúde planetária” (p. 69) a fim de que se alcance o deslocamento do *business as usual*, ou “negócios insustentáveis”, como coloca Wahl (2016, p. 69), para inovações restaurativas e regenerativas.

Orr (2016, apud WAHL, 2016) define design como “uma revolução de sistemas que é a arte de ver as coisas como um todo e a relação de nossas ações com suas prováveis consequências” (ORR, 2016, apud WAHL, 2016, p. 14) e não apenas como sinônimo de engenharia ou ciência. Compreende “toda a experiência humana de agricultura, construção, engenharia, planejamento e manufatura” (ORR apud WAHL, 2016, p. 13). Wahl (2016), ao questionar sobre como o design, a tecnologia, o planejamento e as decisões políticas apoiam a saúde humana, comunitária e ambiental, menciona a abordagem de design desenvolvida por Reed (2006, apud Wahl, 2016), um dos fundadores do grupo Regenesys, que descreve o design e desenvolvimento regenerativo.

Fundado em 1995, o grupo estadunidense Regenesys surge para reunir educadores pioneiros nas áreas da Permacultura e design ecológico, além de líderes em planejamento de negócios e desenvolvimento organizacional (REGENESIS, s.d., online), iniciando assim seus trabalhos voltados para diversas áreas das quais o design regenerativo pudesse se apropriar. Ao notar que a fragilidade dos relacionamentos entre as pessoas e a “teia viva da natureza” (MANG e REED, 2012, p. 9, tradução nossa)¹⁴ era a responsável pelos problemas ambientais que vinham sendo

¹⁴ No original: “web of nature” (MANG e REED, 2012, p. 8)

causados, o grupo propôs que seria necessária uma transformação no modo como o ser humano se relacionava com o planeta, “passando da visão atual de se destacar e usar (ou proteger) a natureza para um “todo co-evolucionário, no qual os humanos existem em uma relação simbiótica com as terras vivas em que habitam” (MANG, 2009, apud MANG e REED, 2012, p. 8, tradução nossa)¹⁵.

De acordo com Mang e Reed (2012), o design regenerativo pode ser descrito como “um sistema de tecnologias e estratégias baseado no entendimento do funcionamento dos ecossistemas que gera design para regenerar, ao invés de esgotar sistemas que suportam a vida e recursos de conjuntos socioecológicos como um todo” (MANG e REED, 2012, p. 2, tradução nossa)¹⁶. Contudo, para que o design regenerativo pudesse ser aplicado com sucesso, os autores propuseram o termo desenvolvimento regenerativo, com o objetivo de criar condições necessárias para propor a mudança no pensamento e melhor compreensão de todas as partes interessadas, com o objetivo de fazer do desenvolvimento a fonte da integração harmoniosa com a natureza (MANG e REED, 2012). Assim, subentende-se que o desenvolvimento regenerativo e design regenerativo estão inteiramente associados entre si, uma vez que, segundo Jenkin e Zari (2009, apud MANG e HAGGARD, 2016, p. 29) o desenvolvimento regenerativo poderia ser descrito como o resultado desejado e o design regenerativo como os modos para alcançá-lo.

2.4 DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO

Proposto pelo Grupo Regenesys em 1995, o chamado desenvolvimento regenerativo descreve uma abordagem que tem como objetivo melhorar a capacidade de co-evolução entre os seres, a fim de que os potenciais de diversidade, criatividade e complexidade possam ser desenvolvidos (MANG e HAGGARD, 2016). Segundo Mang e Reed (2012), desenvolvimento regenerativo pode ser definido como:

Um sistema de tecnologias e estratégias capazes de gerar um padrão de compreensão de todo o sistema de um local, bem como

¹⁵ No original: “from the current view of standing apart from and using (or protecting) nature to seeing a “coevolutionary whole, where humans exist in symbiotic relationship with the living lands they inhabit” (MANG, 2009, apud MANG e REED, 2012, p. 8).

¹⁶ No original “a system of technologies and strategies, based on an understanding of the inner working of ecosystems that generates designs to regenerate rather than deplete underlying life support systems and resources within socio-ecological wholes” (MANG e REED, 2012, p. 2).

desenvolver a capacidade de pensamento sistêmico estratégico e o envolvimento/compromisso das partes interessadas, necessárias para garantir os processos de design regenerativo a fim de garantir o máximo de sustentação e alavancagem sistêmica, que é auto-organizada e auto evolutiva (MANG e REED, 2012, p. 2, tradução nossa).¹⁷

Detalhado por Pamela Mang e Bem Haggard no livro *Regenerative Development and Design* (2016), o desenvolvimento regenerativo foi elaborado a partir de estudos de arquitetura, negócios, paisagismo, agricultura regenerativa, planejamento urbano, teoria dos sistemas vivos, psicologia do desenvolvimento, entre outros. Considera ainda a Permacultura, uma vez que esta propõe uma abordagem pautada na transformação da maneira de como os seres humanos desempenham seu papel como parte de um amplo e complexo sistema.

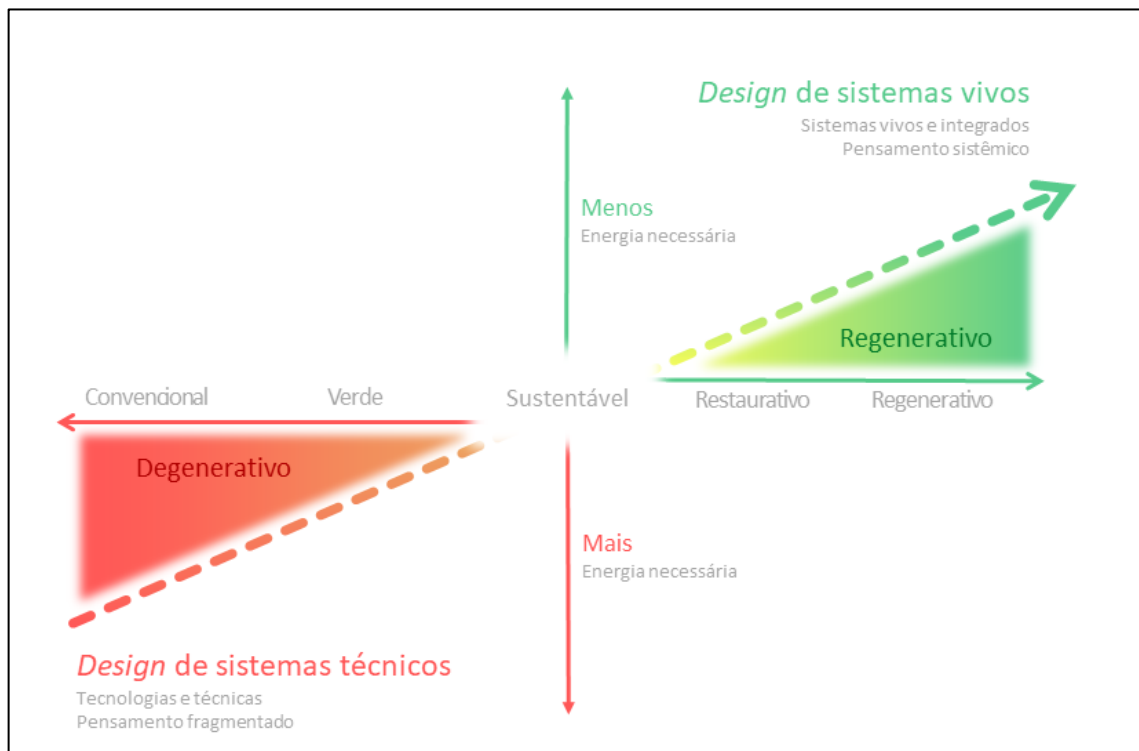
A partir do entendimento de que os problemas ambientais são produto do frágil relacionamento entre o ser humano e a natureza, a questão central a ser tratada no desenvolvimento regenerativo é cultural e psicológica e, secundariamente, tecnológica. Nas palavras de Mang e Haggard, “teríamos que deixar de nos ver como separados da natureza e passarmos a nos ver como parte de um todo coevolucionário, em uma relação simbiótica com os lugares onde vivemos”¹⁸ (MANG e HAGGARD, 2016, p. 14, tradução nossa).

Segundo as definições de Mang e Reed (2012), a metodologia da abordagem regenerativa se concentra no desenvolvimento de assentamentos humanos capazes de estabelecer parcerias com sistemas e processos naturais, a fim de regenerar ativamente a saúde de seu entorno, bem como o espírito das pessoas que o habitam. Assim, a fim de distingui-la de outras abordagens, os autores apresentam a Figura 1, que caracteriza, na parte inferior, os sistemas degenerativos e, na parte superior, pelos sistemas regenerativos.

¹⁷ No original: “a system of technologies and strategies for generating the patterned whole system understanding of a place, and developing the strategic systemic thinking capacities, and the stakeholder engagement/commitment required to ensure regenerative design processes to achieve maximum systemic leverage and support, that is self-organizing and selfevolving” (MANG e REED, 2012, p. 2).

¹⁸ No original: “We would need to shift from seeing ourselves as separate from nature to seeing ourselves as part of a co-evolutionary whole, in symbiotic relationship with the living places we inhabit” (MANG e HAGGARD, 2016, p. 14).

Figura 1 — Contraste do Design de Sistema Técnico e Design de Sistema Vivo



Fonte: MANG, 2012a, on-line. Adaptado pela autora, 2021.

Observa-se na figura acima, da esquerda para a direita, em sequência, representa o design convencional e o *green design* (ou design verde) como práticas degenerativas, que correspondem ao design de sistema técnico, na cor vermelha, o design sustentável no campo de neutro, na cor branca, e o design restaurativo e design regenerativo como práticas regenerativas, que correspondem ao design de sistema vivo, na cor verde.

As práticas degenerativas correspondem a sistemas desenvolvidos por meio de um pensamento fragmentado, voltado para o desenvolvimento de técnicas e tecnologia, atrelado à visão mecanicista, que se aproxima das propostas da Revolução Verde. No diagrama é possível verificar que quanto mais degenerativo, maior a energia necessária para sustentar o sistema. As práticas regenerativas, por outro lado, correspondem a sistemas desenvolvidos por meio da visão sistêmica da vida. Assim, quanto mais regenerativo, menor a energia necessária para garantir o funcionamento do sistema, assim como sugerido pela Permacultura, que sugere que as necessidades energéticas dos sistemas sejam supridas dentro dele próprio,

diferentemente da agricultura moderna, que é totalmente dependente de energias externas (MOLLISON e SLAY, 1998).

No que diz respeito à sustentabilidade, representada no centro da Figura 1, pode-se dizer que não há perdas e não há benefícios, uma vez que esta diz respeito a manter ou reter o sistema em questão. Segundo os autores Mang e Reed (2012) a sustentabilidade ecológica poderia ser definida como a capacidade dos ecossistemas de manter os seus processos e funções essenciais e, em longo prazo, ser capaz de manter a biodiversidade em sua plena proporção.

Complementar a Mang e Reed (2012), Wahl (2016) sugere que a sustentabilidade isoladamente não é um objetivo adequado, uma vez que diz respeito a sustentar o padrão que conecta e fortalece o sistema como um todo, mas deixa em aberto o que se está buscando perpetuar. Neste âmbito, o autor (WAHL, 2016) entende que culturas regenerativas, em função de seu caráter saudável, resiliente e adaptável, são capazes de criar um futuro próspero para a humanidade. Neste âmbito, reitera a importância de se prestar atenção nas relações e interações existentes nos sistemas, objetivando apoiar a resiliência e saúde destes, a fim de promover a diversidade, propondo uma visão sistêmica de mundo, em detrimento da visão tecnicista.

2.4.1 VISÃO TECNICISTA VS. VISÃO ECOLÓGICA

Mang e Reed (2012) mencionam a abordagem de Capra (1996, apud MANG e REED, 2012) a respeito da mudança da visão mecanicista de mundo de Descartes e Newton, na qual o conjunto do mundo e de seus organismos era visto como uma máquina composta de partes separadas, para a visão ecológica, na qual o mundo é entendido como uma rede interdependente de sistemas vivos que se auto organizam, evoluindo continuamente. A visão ecológica entende o conceito de ecossistema como a metáfora dominante para o entendimento de seu funcionamento (CAPRA, 1996, apud MANG e REED, 2012, p. 11). Segundo Capra (1996, apud MANG e REED, p.11), o conceito de ecossistema, conforme tem sido desenvolvido e transmitido por meio da ciência dos sistemas vivos, tem influenciado na formação da compreensão ecológica e regenerativa do mundo e do papel dos seres humanos que fazem parte deste.

No âmbito do design, Wahl (2016) retoma a importância da abordagem sistêmica a fim de colaborar para a percepção acerca das interações isoladas e competitivas existentes, a fim de compreender que tais interações, quando analisadas a longo prazo, estão na realidade inseridas em um contexto de colaboração sistêmica, uma vez que “todos os sistemas regenerativos são fundamentalmente colaborativos” (WAHL, 2016, p. 321). A partir disso, Wahl (2016) entende que a visão sistêmica pode funcionar como aliada no processo compreensão acerca da importância da colaboração.

Mang e Reed (2012) desenvolvem o conceito de design e desenvolvimento regenerativo. Assim como articulado por Regenesis e Lyle, Mang e Reed reconhecem que “humanos, desenvolvimentos humanos, estruturas sociais e preocupações culturais são parte inerente dos ecossistemas”, fazendo dos seres humanos participantes integrais e particularmente influentes na saúde e destino da teia de sistemas vivos da Terra” (MANG e REED, 2012, p. 15, tradução nossa)¹⁹.

2.4.2 ABORDAGENS REGENERATIVAS A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO E DESIGN REGENERATIVO

Ao proporem diferentes níveis de estratégias para a sustentabilidade, Mang e Reed (2012) estabelecem a importância do desenvolvimento e design regenerativo para obtenção de resultados tanto ecológica e quanto socialmente positivos, dentre eles:

Melhorar a saúde e vitalidade das comunidades humanas e naturais – físicas, psicológicas, econômicas e ecológicas; Produzir e reinvestir recursos excedentes e energia para construir a capacidade de relacionamentos subjacentes e sistemas de apoio de locais necessários para a resiliência e evolução contínua das comunidades em questão; Criar um campo de cuidado, compromisso e conexão profunda com o lugar, que permita as mudanças necessárias para os itens anteriores ocorram, durem e evoluam ao longo do tempo (MANG e REED, 2012, p. 14, tradução nossa)²⁰.

¹⁹ No original: “*Regenerative development and design, as articulated by Regenesis and Lyle, recognizes that “humans, human developments, social structures and cultural concerns are an inherent part of ecosystems” [reth.bltenv], making humans integral, and particularly influential participants in the health and destiny of the earth’s web of living systems*” (MANG e REED, 2012, p. 15).

²⁰ No original: “*Improving the health and vitality of human and natural communities—physical, psychological, economic and ecological; producing and reinvesting surplus resources and energy to build the capacity of the underlying relationships and support systems of a place needed for resilience*

Assim, com o objetivo de oferecer os elementos necessários para a abordagem regenerativa, Mang e Reed (2012), trabalham com quatro premissas que colaboram entre si como um sistema, a fim de fornecer uma estrutura que poderá ser integrada a outras práticas:

1. **Lugar e potencial:** diz respeito a entender e conceituar a relação certa com o lugar. Relacionado ao entendimento que se tem a respeito das dinâmicas de um lugar, com o objetivo de identificar o potencial para aperfeiçoar a saúde e viabilidade como resultada da presença humana no lugar em questão.
2. **Foco do objetivo em capacidade regenerativa:** são definidos pela capacidade que deve ser desenvolvida localmente para apoiar a co-evolução contínua, tanto dos ambientes construídos, quanto dos ambientes culturais e naturais, bem como dos seres humanos e os sistemas dos quais estes fazem parte.
3. **Parceria com o lugar:** nas palavras de Mang e Reed, “implementar um projeto regenerativo requer assumir uma nova função, passando de “construtor de sistemas que podem ser controlados” para um jardineiro que trabalha em parceria com um lugar e seus processos” (MANG e REED, 2012, p. 17, tradução nossa)²¹.
4. **Harmonização progressiva:** abordagens regenerativas demandam contínua harmonização entre os sistemas humanos e naturais. Para tal, exigem métricas e indicadores que sejam capazes de rastrear processos dinâmicos e holísticos em evolução.

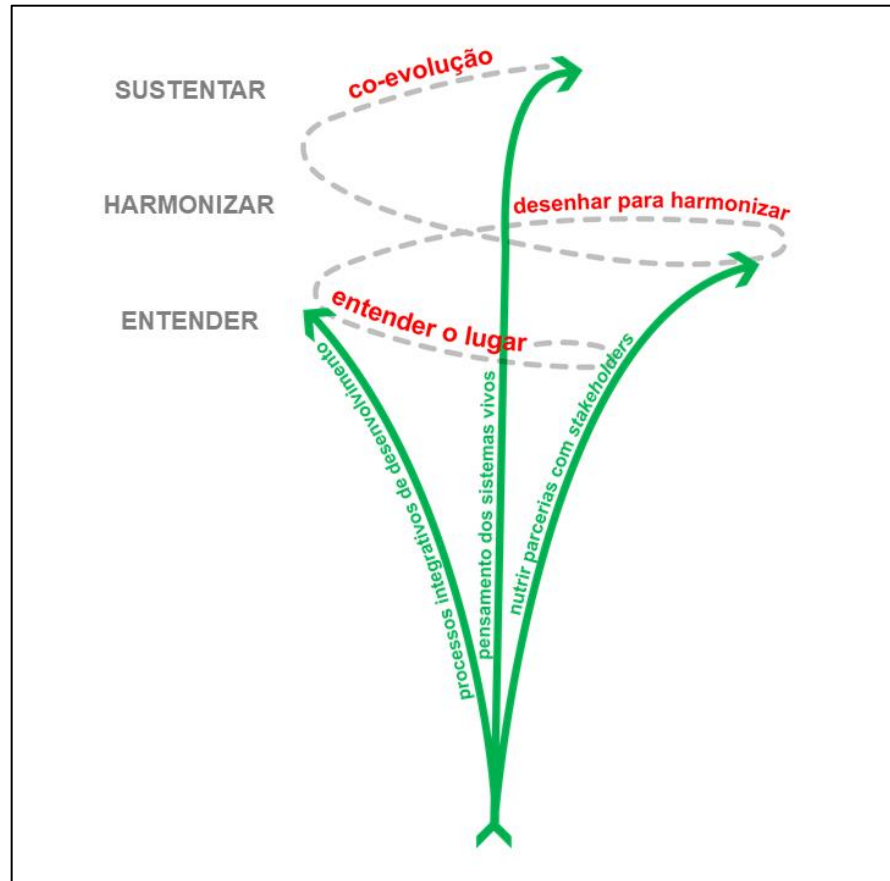
As duas primeiras, “lugar e potencial” e “foco do objetivo em capacidade regenerativa”, definem e moldam o motivo e a motivação de um projeto regenerativo, enquanto as duas últimas, “parceria com o lugar” e “harmonização progressiva” referem-se a como o projeto é realizado, a fim de garantir que os fins e os meios estejam de acordo, garantindo que o processo esteja em direção a um resultado, de fato, regenerativo (MANG e REED, 2012). Além das quatro premissas, o grupo

and continuing evolution of those communities; creating a field of caring, commitment and deep connection to place that enables the changes required for the above to take place and to endure and evolve through time” (MANG e REED, 2012, p. 14).

²¹ No original: “Implementing a regenerative project requires taking on a new role, moving from a “builder of systems we control” to a gardener, working in partnership with a place and its processes” (MANG e REED, 2012, p. 17).

Regenesis desenvolveu um esquema representado na Figura 2 que, segundo Mang e Reed (2012), contemplam os principais elementos da prática regenerativa:

Figura 2 — Elementos da Prática Regenerativa



Fonte: MANG, 2012b, on-line. Adaptado pela autora, 2021.

O esquema identifica três fases e três fatores de desenvolvimento, considerados essenciais para a criação e sustentação de uma espiral evolutiva capaz de aumentar sua capacidade sistêmica à medida que projeto avança de fase (MANG e REED, 2012). As três fases essenciais, representadas pelo espiral (Figura 2), são compreender a relação com o lugar, desenhar para harmonizar e co-evolução. Dizem respeito a etapas em si, enquanto os três fatores determinantes, representados pelas flechas que sobem em direção ao espiral, dizem respeito aos elementos que contribuem para a harmonização do processo.

A primeira fase, compreender a relação com o lugar, começando de baixo para cima, tem como objetivo avaliar integralmente o sistema com o qual se pretende

trabalhar. Diz respeito a todos os aspectos culturais, econômicos, geográficos, climáticos e ecológicos que são parte do sistema. Nesta fase, a história do lugar²² é desenvolvida em conjunto com a comunidade, que poderá se utilizar da narrativa para articular a essência de um lugar, como este se encaixa no mundo e quais os papéis dos que o habitam na sua evolução; desenhar para harmonizar pretende traduzir o conhecimento de design em projetos e processos sistêmicos e integrados, que permitam a otimização da presença de pessoas em um lugar por meio da sinergia com os ecossistemas, melhorando assim a produtividade destes; Por fim, a terceira e última, co-evolução, diz respeito a manter condições de equilíbrio dinâmico com o ambiente por meio de mudanças e adaptações constantes (MANG e REED, 2012).

Além das fases e fatores supracitados, essenciais para atingir as condições necessárias para o equilíbrio com o meio, o design e desenvolvimento regenerativo se apoia em elementos determinantes, essenciais para garantir o funcionamento das fases em direção à co-evolução. Assim como a Permacultura se baseia nos princípios éticos desenvolvidos por Holmgren e Mollison (MOLLISON e SLAY, 1998), o design e desenvolvimento regenerativo proposto pelo grupo Regenesys se apoia nos seguintes elementos determinantes, essenciais para garantir o pleno desenvolvimento das fases:

Aplicar o pensamento sistêmico aos processos de design, planejamento e tomada de decisão; gerenciar integração e harmonização entre disciplinas, fases e *stakeholders*; aumentar a compreensão e apreciação dos *stakeholders* acerca do lugar e potencial oferecido, bem como a sua capacidade de parceria no processo de harmonia com todo o sistema vivo (MANG e REED, 2012, p. 23, tradução nossa)²³.

A partir disso, Mang e Reed (2012) concluem que o desenvolvimento regenerativo é capaz de tornar possível reverter danos ecológicos por meio de construções e empreendimentos. Segundo esses autores, o desenvolvimento regenerativo surge,

²² No original: "Story of place" (MANG e REED, 2012, p.22)

²³ No original: "Apply whole systems thinking to the design, planning and decision making processes; Manage Integration and Harmonization across disciplines, between phases and team members and local stakeholders; Grow Stakeholders understanding and appreciation of the place and the new potential offered, and their capacity to be increasingly effective partners with the whole system of evolving life" (MANG e REED, 2012, p. 23).

portanto, como uma força harmonizadora dentro das comunidades e entre as distintas partes interessadas, capaz de inspirar novos padrões de relacionamento adequados ao lugar. Reiteram ainda que, ao introduzir visões sistêmicas mais amplas, o desenvolvimento se torna um catalisador de infraestruturas e culturas de regeneração biorregionais auto evolutivas, podendo ainda “atuar como pontos globais de acupuntura, regenerando a base elementar da vida e restaurando a capacidade do planeta de regenerar a si mesmo e a capacidade dos humanos de viver em harmonia com o seu lar” (MANG e REED, 2012, p. 29, tradução nossa)²⁴.

Em função de ser organizado a partir de um conjunto de princípios de design, uma atividade humana quase universal, segundo Mang e Haggard (2016), o desenvolvimento regenerativo é passível de ser aplicado em diversas áreas, “por todos aqueles que desejam melhorar a saúde e o bem-estar de suas comunidades” (MANG e HAGGARD, 2016, p. 18)²⁵. Ao dispor de abordagens necessárias para o estabelecimento de parcerias dentro de sistemas vivos, tanto no âmbito social, quanto no âmbito natural, o desenvolvimento regenerativo é capaz de trabalhar com a capacidade de expressão do potencial de diversidade, complexidade e criatividade dos sistemas (MANG e HAGGARD, 2016). A partir disso, entende-se que, apesar de normalmente ser aplicado a projetos de design, o desenvolvimento regenerativo, é um modelo aplicável a diversas áreas. Assim sendo, no capítulo que segue, o presente trabalho desenvolverá o conceito aplicado ao turismo.

3 TURISMO REGENERATIVO

3.1 O CONCEITO

A partir do conceito de desenvolvimento regenerativo, entende-se que tanto a sua interdisciplinaridade, quanto a amplitude de sua visão sistêmica permitem que este seja replicado a áreas correlatas. Importante reiterar ainda que, em função de se tratar de um conceito atual, sua definição se encontra em desenvolvimento e está

²⁴No original: “act like global acupuncture points, regenerating the elemental basis of life and restoring the planet’s capacity to regenerate itself and humans’ capacity to live in harmony with our home” (MANG e REED, 2012, p. 29).

²⁵No original: “by all those who wish to better the health and well-being of their communities” (MANG e HAGGARD, 2016, p. 18).

suscetível a alterações. Assim como no design regenerativo, o turismo regenerativo se manifesta a fim de atuar como ferramenta de estímulo no trabalho da relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a Terra, além da evolução conjunta desses com a natureza, bem como o sentido de pertencimento, pensamento integrado e transformação da sociedade em comunidade (AVECILLA, 2018). No contexto do turismo, segundo AVECILLA (2018), as relações se dão com as pessoas (consigo mesmo), com as empresas ou organizações (com os outros) e com os destinos turísticos (com o lugar ou a Terra).

Ao considerar que o turismo depende da relação entre as pessoas, bem como do entendimento que estas têm acerca do destino, para alcançar a regeneração em nível turístico, a harmonia deve coexistir entre as relações mencionadas, no intuito de garantir consciência por parte daquele que visita o local. Neste âmbito, é necessário garantir a participação ativa do turista em questão, a fim de que este se integre e se alinhe ao fluxo relacional existente de maneira que se obtenha alinhamento entre todas as partes envolvidas (AVECILLA, 2018). Para tal, AVECILLA define o turismo regenerativo como:

O turismo como um enfoque sistêmico que busca facilitar um encontro profundo e transformativo no qual o homem se sinta parte da natureza, que ainda contribua para o melhoramento da capacidade dos sistemas socioambientais que sustentam a vida do destino e assegura um desenvolvimento do homem em co-evolução com a natureza, levando em conta no seu processo de design e implementação não apenas os aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, mas também os políticos e espirituais do destino (AVECILLA, 2018, p. 64, tradução nossa)²⁶.

Ou seja, entende que, por meio do alinhamento entre todas as partes envolvidas, o turismo regenerativo deve ser capaz de gerar experiências de conexão positiva entre o turista, a comunidade local e os sistemas vivos. No modelo, a integração entre os atores deve, portanto, ser priorizada com o objetivo de garantir o propósito da co-

²⁶ No original: *“El turismo con un enfoque sistémico que busca facilitar un encuentro profundo y transformativo donde el hombre se sienta parte de la naturaleza, que además contribuye al mejoramiento de la capacidad de los sistemas socioambientales que sostienen la vida del destino y asegura un desarrollo del hombre en co-evolución con la naturaleza, teniendo en cuenta en su proceso de diseño e implementación no solo los aspectos económicos, socioculturales y medioambientales, sino también los políticos y espirituales del destino del turismo”* (AVECILLA, 2018, p. 64).

criação no destino, as alianças co-evolutivas com a natureza e o pensamento sistêmico para interações benéficas para todas as partes envolvidas e um crescimento saudável dos sistemas socioambientais (AVECILLA, 2018). Assim como o desenvolvimento e design regenerativo, o turismo deve trabalhar com base nos elementos da prática regenerativa, já mencionados no diagrama desenvolvido por Mang (2012), na Figura 2, bem como a partir do desenvolvimento de indicadores que sejam capazes de garantir a coevolução contínua dos sistemas. Para aplicar tais conceitos ao turismo, faz-se necessário o entendimento da diferença entre sustentabilidade e regeneração, como descreve AVECILLA (2018).

3.1.1 SUSTENTABILIDADE VS. REGENERAÇÃO

A fim de distinguir o turismo regenerativo do turismo sustentável, AVECILLA (2018) destaca diferenças genéricas entre sustentabilidade e regeneração. Tais distinções podem ser verificadas no quadro abaixo:

Quadro 2 — Diferenças entre sustentabilidade e regeneração

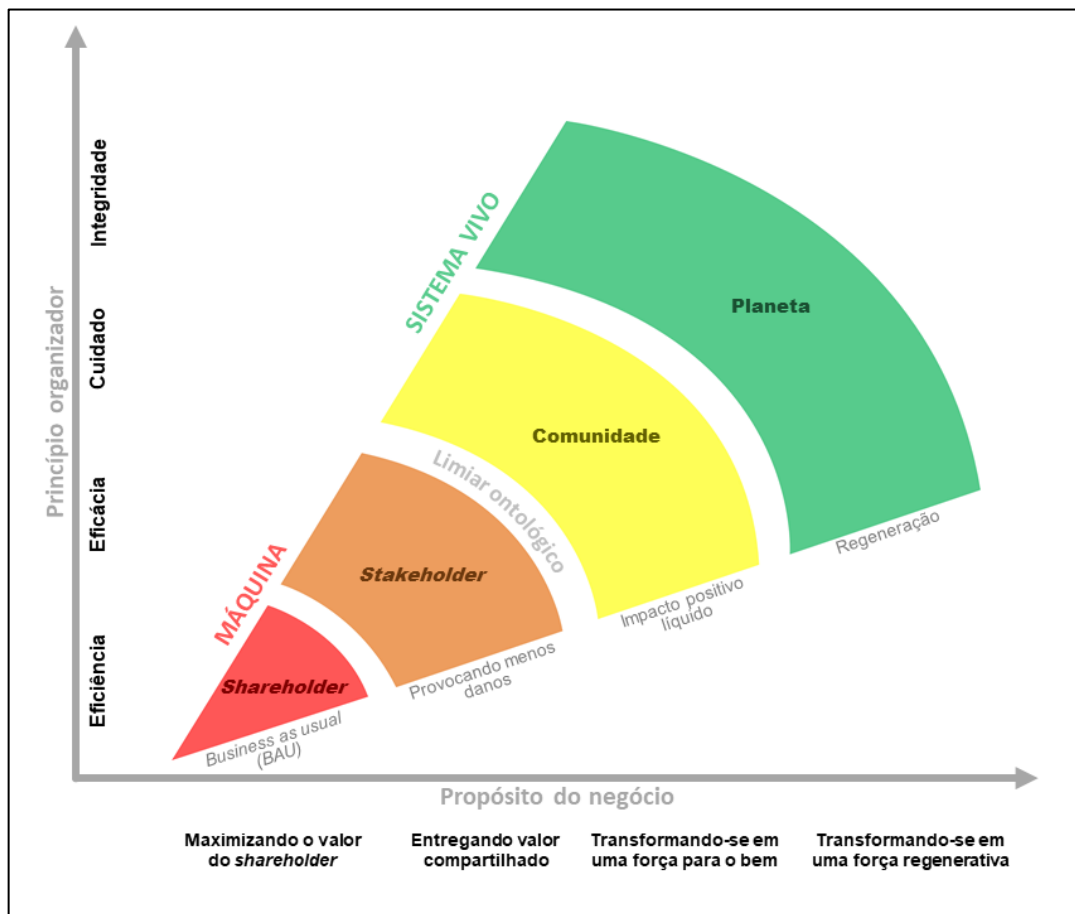
Sustentabilidade	Regeneração
Visão mecanicista do mundo	Visão holística, ecológica do mundo
Pensamento reducionista	Enfoque integrado
Uso de modelo fragmentado	Uso de modelo de sistemas completos por meio da compreensão das relações dos sistemas vivos de forma integral
Minimizar os impactos nos sistemas de suporte	Construir a capacidade dos sistemas de suporte necessários para o crescimento futuro
Homem acima da natureza	Homem e natureza co-evoluem juntos
Visão ocidental de construção de coisas e competição	Visão de construção de capacidade e de compartilhamento
Enfoque em sistemas técnicos e econômicos	Enfoque em recursos primários e aspectos da vida que produzem tecnologia e proteção
Aspectos sociais, ambientais e econômicos de forma separada	Aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos, políticos e espirituais totalmente inter-relacionados
A comunidade deve adaptar-se à abordagem escolhida para o desenvolvimento	Desenvolve o sentido de identidade da comunidade
Construir com fórmulas de engenharia para criar infraestrutura	Usar as particularidades do lugar como parâmetros para determinar o tipo de engenharia e soluções de design apropriadas para o lugar
A comunidade não é consultada, ou é consultada mas muitas vezes não está envolvida	Participação efetiva dos atores sociais no processo de planejamento

Fonte: AVECILLA, 2018, p. 67, tradução nossa²⁷. Adaptado pela autora, 2021.

²⁷ No original: “diferencias entre sostenibilidad y regeneración” (AVECILLA, 2018, p. 67).

Complementar ao conceito definido por Avecilla (2018), no que diz respeito a uma abordagem mercadológica, Pollock (2019) sugere uma mudança de comportamento do ponto de vista autocentrado das empresas em direção a atividades voltadas para serviços que levam em consideração a comunidade e o planeta. Na Figura 3, é possível verificar o amadurecimento da sustentabilidade que percorre desde o princípio da eficiência até o princípio de integridade:

Figura 3 — O amadurecimento da sustentabilidade



Fonte: Pollock, 2019, on-line. Adaptado pela autora, 2021.

Na figura acima, Pollock ilustra o que chama de “jornada de exploração”. Representada pela sigla *BAU*, do inglês *business as usual*, demonstra a exploração autocentrada, ou seja, visões que possuem valor para o benefício de uma minoria normalmente representada por acionistas (*shareholders*) e que estão associadas a princípios organizadores de eficiência e eficácia. Mapeia também as atividades orientadas para serviços de melhoria da comunidade e vida como um todo, associadas à regeneração e ao entendimento de sistemas vivos, que envolvem cada vez mais níveis de atenção e interdependência (POLLOCK, 2019).

Para que os negócios deixem de lado as primeiras duas porções, operações funcionais padrão *BAU* e busquem provocar menos danos, passando para os dois últimos estágios, impacto positivo líquido e regeneração, é necessário que haja uma mudança de mentalidade, representada na Figura 3 pelo limiar ontológico, que pode ser caracterizado por uma mudança na visão, percepção e consciência, necessárias para gerar quaisquer mudanças transformadoras efetivas (POLLOCK, 2019). Para Pollock (2019):

A mudança é passar da visão do mundo como uma máquina que coleciona recursos escassos, pelos quais humanos individuais e separados têm o direito de competir e explorar, para alguém que vê o planeta Terra, e toda a vida nele, como compreendendo um conjunto de sistemas vivos interdependentes auto-organizados que florescem e geram abundância, garantindo a prosperidade uns dos outros (POLLOCK, 2019, on-line, tradução nossa)²⁸.

Pollock (2019) considera ainda que cada uma das etapas do processo de amadurecimento é essencial para o desenvolvimento humano, uma vez que cada estágio transcende e inclui os estágios anteriores.

Assim, como discorre Avecilla (2018), o turismo regenerativo incorpora, portanto, o turismo sustentável, adotando este segundo a partir de uma abordagem distinta, uma vez que o turismo regenerativo “baseia-se na co-evolução do homem com a terra e não só mantém, mas melhora o bem-estar da sociedade, construindo sistemas socioambientais visando o crescimento futuro e envolvendo todas as partes interessadas” (AVECILLA, 2018, p. 66, tradução nossa). A partir disso, com base na filosofia, abordagem e processo de design, Avecilla (2018) desenvolve os processos de design que devem ser considerados em um modelo de turismo regenerativo, que serão descritos no item que segue.

3.1.2 DESIGN REGENERATIVO APLICADO AO TURISMO

Para confirmar a aplicabilidade dos elementos do design regenerativo ao turismo, Avecilla (2018), aborda o processo de design a partir de aspectos advindos de sua

²⁸ No original: “The shift is from seeing the world as a machine with a collection of scarce resources, for which individual and separate humans have the right to compete and exploit, to one that sees Planet Earth, and all life on it, as comprising a set of inter-dependent, self-organising living systems that flourish and generate abundance by ensuring the thriving of each other” (POLLOCK, 2019, online).

construção filosófica. Na sequência, tratam-se de suas diversas abordagens aplicadas ao turismo e as desenvolve em fatores que as aproximam de um modelo dinâmico de turismo regenerativo. Para tal foram resumidas em sete processos de design que devem ser considerados em um modelo de turismo regenerativo, que são detalhados a seguir:

1. **Design experiencial:** criação de experiências transformativas: aplicada ao turismo, a filosofia das três relações do design regenerativo (relações do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a Terra), pode ser abordada a partir de experiências de encontro entre o visitante e a comunidade anfitriã. Segundo a autora, no processo de design, tais experiências devem ser co-projetadas a partir de visões em longo prazo entre os distintos atores e suas aspirações e devem incluir princípios do desenvolvimento regenerativo para a experiência do visitante.

Avecilla (2018) propõe que a experiência deve ser criada a partir da história local e do sentimento de pertencimento do lugar, dos atores e das três relações mencionadas anteriormente, que deve ser baseada na interpretação profunda do lugar, de maneira criativa, para facilitar a conexão entre as partes. A partir da criação de espaços voltados para o desenvolvimento de relações e reflexão, as experiências devem ser práticas e possuir caráter educacional ou de conscientização do visitante, que deve passar a entender o lugar como um sistema vivo (AVECILLA. 2018).

2. **Design holístico ou sistêmico:** Avecilla (2018) reitera a importância da filosofia da co-evolução, que tanto para o desenvolvimento regenerativo, quanto para o turismo regenerativo diz respeito a realizar projetos que levam em conta a diversidade das relações e não apenas elementos isolados. Se baseia em reunir fontes de informações a fim de entender padrões subjacentes que, no turismo, podem ser compreendidos a partir da interação com a população autóctone de determinada localidade para compreensão profunda do funcionamento e das interações existentes dentro desta.
3. **Design do lugar – *Story of place*:** a abordagem que desenvolve Avecilla (2018), leva em consideração as pessoas, o lugar e a identidade do lugar, a partir de uma criação conjunta e planejamento voltados para conciliar a globalização com as particularidades de cada lugar e suas especificidades.

Tem relação com a fase “compreender a relação com o lugar” (MANG e REED, 2012), já explanada, e diz respeito a construir uma única história que seja capaz de representar o lugar e sua comunidade. A história deve relacionar-se com os atores do destino turístico bem como com seus visitantes, para que todos os envolvidos passem a entender o funcionamento das partes e seus subsistemas que integram o lugar como um sistema vivo. Segundo Avecilla (2018), as etapas devem ser em ordem cronológica: alinhamento das expectativas humanas do projeto, aprender sobre o lugar, escrever sobre a história do lugar e combinar esta história com as aspirações para o futuro. A partir disso, será possível identificar os indicadores e dar início ao processo de design e construção integrativa.

4. **Co-design e envolvimento das partes envolvidas:** Diz respeito à criação conjunta de um propósito comum de comunidade e de seu lugar, além da conexão consciente sobre como as partes envolvidas compartilham e impactam o lugar em questão. Segundo Avecilla (2018), para a sua implementação no turismo o co-design e envolvimento das partes interessadas é essencial, uma vez que a participação dos atores sociais é imprescindível para o entendimento e relação com o lugar nos aspectos econômico, natural e cultural. Ressalta ainda que:

A equipe principal de trabalho seria composta por atores-chave, cujo escopo é manter e desenvolver uma compreensão da vida no local em questão. Tal equipe não deve dominar, mas receber *feedback* constante do sistema e responder, ajudando os atores na compreensão das implicações daquele (AVECILLA, 2018, p. 78, tradução nossa)²⁹.

Segundo a autora, os projetos regenerativos criam relações colaborativas entre atores distintos que, se antes se viam em um contexto de medo, passam a criar novas possibilidades em um contexto de alianças, principalmente no âmbito do turismo, no qual a experiência se dá no encontro do visitante com o destino e seus habitantes (AVECILLA, 2018). Do contrário, se os atores não são levados em conta no processo de design, planejamento

²⁹ No original: “*El equipo de trabajo principal estaría formado por actores principales cuyo trabajo es mantener y desarrollar la comprensión de la vida en el lugar en cuestión. Este equipo, no debería dominar, pero sí recibir retroalimentación constante del sistema y responder a él ayudando a los actores a comprender las implicaciones de esta retroalimentación*” (AVECILLA, 2018, p 78).

e gestão do destino, “graves problemas podem ocorrer, a longo prazo, podendo degenerar o destino e seus habitantes” (AVECILLA, 2018, p. 79, tradução nossa)³⁰

5. **Planejamento com abordagem de cima para baixo (*top-down*), de baixo para cima (*bottom-up*):** Este processo de design diz respeito a transformar sociedade em comunidade. Abordagens *top-down*, que normalmente possuem baixo ou nulo envolvimento da sociedade civil na formulação de projetos, se caracterizam por ser desenvolvidas por técnicos ou burocratas com base em abordagens teóricas e informações secundárias, sem envolvimento com a localidade onde aqueles serão implementados (AVECILLA, 2018). As abordagens *bottom-up*, por sua vez, incluem os atores do território no qual se pretende desenvolver uma política pública ou um projeto e “promove maior envolvimento dos níveis inferiores do Estado e da sociedade civil no design de políticas de desenvolvimento territorial” (AVECILLA, 2018, p.80, tradução nossa)³¹. Nestes projetos, a participação e o design e implementação de políticas públicas se baseia no planejamento estratégico e na cooperação entre as partes, com a intenção de integrar seus objetivos comuns.

Avecilla (2018) trata ainda da importância da idiossincrasia local na criação de uma identidade coletiva e de um sentimento de pertencimento por parte dos indivíduos que ali vivem. Segundo Diez (2013, apud AVECILLA, 2018, p.80), dispor de culturas locais consolidadas gera autoestima e contribui para apoiar a comunidade local, uma vez que se favorece o desenvolvimento econômico e a inovação.

A autora (AVECILLA, 2018), contudo, reconhece que apesar da importância da colaboração entre os distintos atores, uma abordagem exclusivamente *bottom-up* possui suas limitações, que podem estar atreladas a tensões sociais, insuficiência de recursos humanos e técnicos para a gestão, entre outros. Sugere, portanto, a construção de uma nova estrutura conceitual, que

³⁰ No original: “*pueden ocurrir serios problemas que a la larga podrían degeneran el destino y a sus habitantes*” (AVECILLA, 2018, p. 79).

³¹ No original: “*promueve un mayor involucramiento de los niveles inferiores del Estado y de la sociedad civil para diseñar políticas de desarrollo territorial*” (AVECILLA, 2018, p.80).

seja capaz de integrar ambos os enfoques a fim de substituir a obsoleta visão mecanicista por uma perspectiva ecológica e holística. Para Avecilla (2018) “ter uma visão sistêmica, como visto nos pontos anteriores, parece ser a chave do processo de design” (p. 81, tradução nossa)³², a fim de garantir o entendimento da magnitude dos sistemas e a colaboração entre todas as partes envolvidas. A estrutura conceitual sugerida por Avecilla (2018) será recordada no capítulo das análises.

6. **Sistemas e organizações vivas:** A filosofia do *wholeness thinking*, ou pensamento sistêmico, que abrange o que se tem desenvolvido em designs sistêmicos e holísticos, diz respeito a adoção de novas maneiras de trabalho, que pressupõem equipes integradas e multidisciplinares, a fim de estabelecer relações interconectadas (AVECILLA, 2018). No turismo, Avecilla (2018) considera os sistemas e organizações vivas em busca de uma estrutura que além de integrar, seja capaz de fomentar a comunidade. Diz respeito às três relações: do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a Terra que, em outras palavras, se referem à observação da natureza e do funcionamento dos ecossistemas.

No que se refere às organizações vivas, propõe-se que para transformar organizações em um organismo vivo dentro de uma visão holística, é necessário buscá-la junto a outros organismos vivos presentes no sistema, principalmente ao ser humano (LIEVGOED, 1905, apud AVECILLA, 2018, p. 84). Assim, com base na visão antroposófica do filósofo Steiner (s.d., FLOC, 2016, apud AVECILLA, 2018), que desenvolve uma visão integrada do ser humano baseada em quatro níveis, Floc (2016, apud AVECILLA, 2018) sugere quatro níveis que integram o ser humano à organização:

O nível 1, que são os recursos, todo o físico e material; o nível 2, que são os processos ou fluxos dentro desta organização; o nível 3, que são as relações, que é a alma da organização e o que reflete no que acontece entre as pessoas; o nível 4, que é a identidade da organização, como sua cultura e valores, sua missão, visão, objetivos e inclusive suas atitudes. Este último é o nível que revela a

³² No original: “*Tener una mirada sistémica, tal y como se ha visto en puntos anteriores, parecería ser la clave en el proceso de diseño*” (AVECILLA, 2018, p 81).

essência e faz da organização única (FLOC, 2016, apud AVECILLA, 2018, p. 85, tradução nossa)³³.

Para AVECILLA (2018), a maioria das empresas chega até o nível 3, mas em um processo de regeneração, a organização seria capaz de ir além, atingindo o nível 4, aquele que se refere à identidade, ao pensar. Segundo a autora (AVECILLA, 2018), converter organizações em organizações vivas é essencial no turismo regenerativo, que faz parte de um setor que por vezes se pauta em benefícios econômicos e se constitui de fluxos automatizados, em sua maioria.

7. **Repensar e redesenhar estruturas políticas:** Reconsiderar as atuais estruturas políticas é essencial para a filosofia *wholeness thinking* sugerida pelo design regenerativo. AVECILLA (2018) propõe cinco fatores, que serão descritos na sequência, e que devem ser considerados em um processo de design para turismo regenerativo, a fim de criar uma estrutura de comunidades pautadas na regeneração. Para a implementação do desenvolvimento regenerativo considera a visão de Müller (2017, apud AVECILLA, 2018) e reitera que é necessário que ocorra uma mudança de paradigma para o desenvolvimento econômico, no qual “as pessoas importem mais do que os mercados e o dinheiro, e que possa ser mensurado de acordo com o bem estar dos humanos e todas as outras formas de vida” (AVECILLA, 2018, p. 88, tradução nossa)³⁴. A mudança de paradigma, necessária para reverter a atual situação dos sistemas naturais e sociais, deve ainda incentivar valores baseados na espiritualidade, na ética, na transparência e bem estar global, em direção à igualdade de oportunidades e acesso a recursos para todos (MÜLLER, 2016, apud AVECILLA, 2018, p. 88).

Assim, como mencionado no quinto processo de AVECILLA (2018), planejamento com abordagem de cima para baixo (*top-down*), de baixo para cima (*bottom-up*), AVECILLA

³³ No original: “el nivel 1 que son los recursos; todo lo físico y material; El nivel 2 que son los procesos o flujos dentro de esta organización; El nivel 3 que son las relaciones, que es el alma de la organización y se refleja en lo que acontece entre las personas; El nivel 4 que es la identidad de la organización, como su cultura y valores, su misión, visión, objetivos e incluso su actitud. Es este nivel que revela la esencia y hace única la organización” (FLOC, 2016, apud AVECILLA, 2018, p.85).

³⁴ No original: “las personas importen más que los mercados y el dinero, y se mida de acuerdo al bienestar de los humanos y todas las formas de vida” (AVECILLA, 2018, p. 88).

(2018) entende o turismo regenerativo não como uma definição, mas como um entendimento emergente e reitera que os *stakeholders* envolvidos no processo necessitam de compreensão acerca do lugar para que estes sejam capazes de adquirir uma relação próxima para com este último, mesmo em um possível momento no qual o destino ou empresa turística chegue a seu ponto de maturidade e mudança. Além disso, “deve-se incorporar novas oportunidades sociais, econômicas e ecológicas para criar um legado que seja cada vez mais valorizado” (AVECILLA, 2018, p. 82, tradução nossa)³⁵ para que então seja possível disseminar um valor profundo e duradouro, uma vez que com esta perspectiva “os atores abraçam e se adaptam à mudança e entendem o projeto ou destino como um todo, vendo que todos e cada um deles possuem um papel no mesmo e devem manter a integridade no todo” (AVECILLA, 2018, p. 82, tradução nossa)³⁶.

Para que um modelo como o turismo regenerativo funcione, alguns pontos de atenção devem ser levados em consideração, dentre eles a adequação de uma organização, do âmbito econômico, em uma organização viva. AVECILLA (2018), reitera que em um setor como o turismo, no qual é fácil se deixar levar por benefícios econômicos e automatização de fluxos “atingir este nível e converter a organização em uma organização viva, parece ser essencial no turismo regenerativo” (p. 85 e 86, tradução nossa)³⁷.

No tocante ao item “repensar e redesenhar estruturas políticas” faz-se necessário considerar fatores que em longo prazo, apesar de parecerem utópicos, segundo AVECILLA (2018), são necessários para reverter a degradação dos sistemas naturais e sociais. São eles: o entendimento das interdependências e inter-relações dentro de um ecossistema para converter a sociedade em comunidade; cultura sustentável advinda do ecossistema, que diz respeito à profundidade dos valores e crenças da cultura de uma comunidade; uma economia sustentável pautada na reciprocidade, ou seja, uma economia que seja capaz de fomentar o desenvolvimento desta

³⁵ No original: “*se deben incorporar nuevas oportunidades sociales, económicas y ecológicas para crear un legado que sea cada vez más valorado*” (AVECILLA, 2018, p. 82).

³⁶ No original: “*los actores abrazan y se adaptan al cambio y comprenden al proyecto o destino como un todo, viendo que todos y cada uno de ellos tiene un rol en el mismo y deben mantener la integridad de ese todo*” (AVECILLA, 2018, p. 82).

³⁷ No original: “*subir a este nivel y convertir a la organización, en una organización viva, parece ser esencial en el turismo regenerativo*” (AVECILLA, 2018, p. 85 e 86).

geração e das que estão por vir; os sistemas de infraestrutura devem garantir o bom funcionamento da comunidade com um design pensado de maneira sistêmica, capaz de atender a todos os envolvidos; e, por último, uma governança baseada em um processo de auto-organização, capaz de manter a sustentabilidade.

A partir dos processos desenvolvidos, Avecilla (2018) identifica cinco fatores que considera imprescindíveis para alcançar a regeneração no âmbito do turismo. São eles:

- Avecilla (2018) coloca que comunidade deve servir à natureza de uma identidade, ao seu entorno e ao seu universo a fim de se entender como parte integrante de seu ecossistema;
- Reitera ainda importância da construção de um senso de propósito coletivo, no intuito de que os aspectos importantes e significativos para a comunidade sejam mantidos (AVECILLA, 2018);
- Além disso, a fim de que o ser humano se sinta parte integrante da natureza e seja capaz de compreender os sistemas vivos, Avecilla (2018) relembra que é necessário que exista aproximação com o pensamento integrado ou *wholeness thinking*;
- E que, a partir disso, deve incluir um planejamento em modelo multidisciplinar que *seja top-down e bottom-up*, compreendendo que o mundo é DICE (Dinâmico, Impossível de ser entendido por completo, Complexo e Evolucionário) e que todos os atores devem ser envolvidos nos processos (AVECILLA, 2018);
- Por fim, entende que a criação conjunta de experiências transformadoras é necessária para que o visitante tenha espaço para estabelecer ligações profundas com os habitantes do lugar e da natureza, no intuito de instigar a reflexão para a mudança de paradigma proposta (AVECILLA, 2018).

Avecilla (2018) coloca ainda alguns pontos de atenção, que devem ser levados em consideração no desenvolvimento do turismo, dentre eles, reitera que a fim de que se obtenha um sistema de fato sustentável, é necessário que haja um sistema de governança que leve em consideração todos os envolvidos. A autora relembra que, apesar de parecer utópico, a auto-organização é como funciona a ordem natural dos sistemas. Assim como Orr (2016 apud, WAHL, 2016) menciona no prefácio do livro

Design de Culturas Regenerativas “as culturas não são projetadas de cima para baixo, mas crescem organicamente debaixo para cima” (ORR, 2016, apud WAHL, 2016, p. 12). Neste âmbito, ambos os autores se referem à importância de envolver todos os atores da comunidade tanto no planejamento quanto em tomadas de decisões que afetem todas as partes envolvidas. Importante considerar ainda que no âmbito econômico, é necessário que haja equilíbrio entre atividades de cunho econômico e suas relações com a cultura e o ecossistema, principalmente quando se pensa em turismo, a fim de evitar o esgotamento de recursos disponíveis (AVECILLA, 2018), dentre outros problemas que aquele pode vir a causar.

Assim, na sequência, serão retomados os processos e fatores abordados neste capítulo, a fim de sintetizá-los com a finalidade de consolidar possíveis indicadores de desenvolvimento, a fim de se obterem os elementos do turismo regenerativo necessários para esta pesquisa.

3.1.3 ELEMENTOS DO TURISMO REGENERATIVO

Diante do que foi destacado sobre o pensamento de AVECILLA (2018) no subcapítulo anterior, é possível afirmar que não há sentido em pensar em turismo regenerativo sem que antes se considere o desenvolvimento da respectiva localidade. Assim, a fim de aplicar os processos de turismo regenerativo propostos, este trabalho parte dos fatores para se alcançar a regeneração no turismo (AVECILLA, 2018) e sintetiza cada um deles, de acordo com o descrito no subcapítulo 3.1.2, com o objetivo de aprimorar a compreensão e objetividade necessárias para as etapas seguintes dessa pesquisa:

Quadro 3 — Fatores para a regeneração no turismo e síntese para um modelo dinâmico

Fator para a regeneração no turismo	Síntese para um modelo dinâmico
A comunidade deve ser parte integrante de seu ecossistema e servir a três níveis de valor que são: a natureza de uma identidade, o seu entorno e o seu universo.	A comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo.
Um senso de propósito coletivo deve ser desenvolvido no local compartilhado, onde se estabeleça o que é importante e significativo para a comunidade e o que deve ser mantido.	Senso de propósito coletivo.
Deve se aproximar do pensamento integrado ou <i>wholeness thinking</i> , no qual o ser humano se sente parte integrante e interligado com a natureza, bem como tem uma compreensão mais profunda dos sistemas vivos.	Ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos.
O planejamento deve ser <i>top-down</i> e <i>bottom-up</i> , multidisciplinar, envolvendo todos os atores e	Planejamento multidisciplinar <i>top-down</i> e <i>bottom-up</i> envolvendo todos os atores.

entendendo que o mundo é DICE (Dinâmico, Impossível de ser entendido por completo, Complexo e Evolucionário).	
Experiências transformadoras devem ser criadas para o visitante, desenhadas em conjunto pelos diferentes atores, em que sejam proporcionados espaços nos quais o visitante tenha ligações profundas com os habitantes do lugar e da natureza, nos quais se convide à reflexão e se gerem mudanças de paradigma.	Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.

Fonte: Elaboração própria, de acordo com os fatores desenvolvidos por Avecilla (2018, p. 91, tradução nossa)

A síntese exposta no quadro acima mostra os fatores de Avecilla (2018) de forma mais objetiva, para trazer entendimento acerca de localidades já existentes. Além disso, diante da análise de todo o referencial teórico, notou-se a ausência de indicadores para compreender e averiguar conformidade de localidades com o modelo sugerido. Como descrito por Mang e Reed (2012) quando explicam as quatro premissas do design regenerativo, abordagens regenerativas exigem harmonização progressiva e, no intuito de garantir que a premissa seja levada em consideração, faz-se necessária estabelecer indicadores que sejam capazes de rastrear processos dinâmicos e holísticos em evolução. Assim, a partir da metodologia do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo, SISDTUR, proposta por Hanai (2009), indicadores foram estabelecidos com o objetivo de auxiliar o processo de monitoramento do turismo regenerativo.

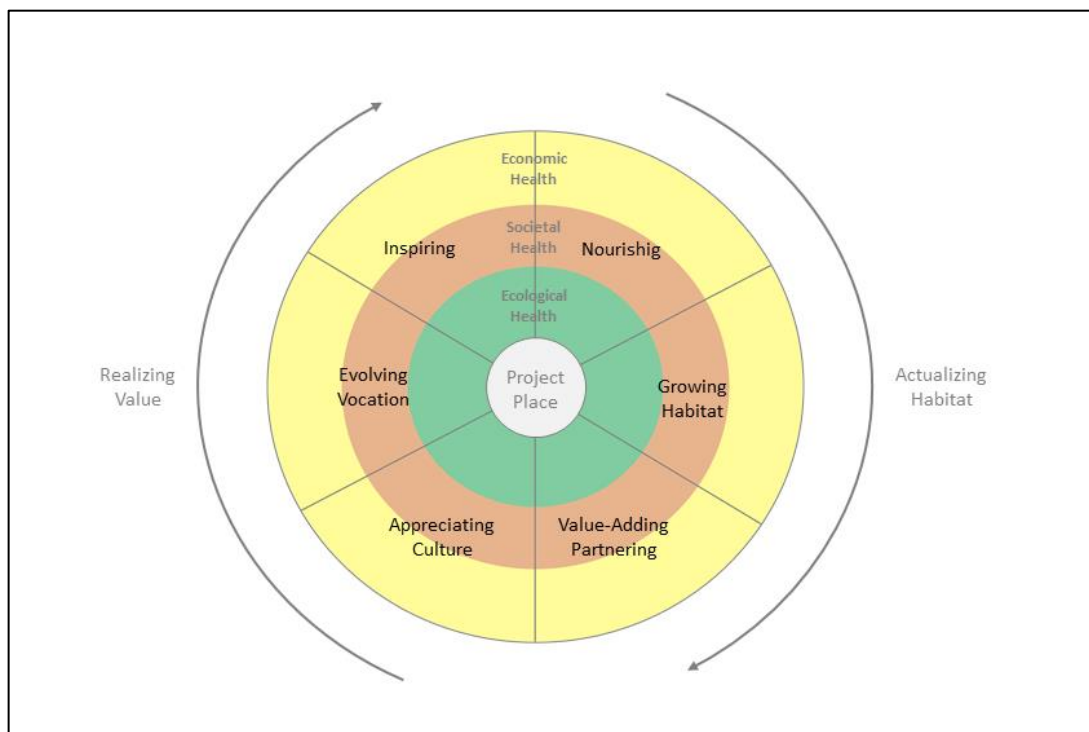
O SISDTUR, como já mencionado no capítulo materiais e métodos, foi desenvolvido como instrumento para acompanhar o “processo de monitoramento e gestão sustentável da atividade turística” (HANAI, 2009, p. 390) e, por este motivo, teve de ser adaptado para o turismo regenerativo. A partir do estudo e análises da metodologia proposta por Hanai (2009), os indicadores foram revisados e modificados com base nas sínteses dos fatores de Avecilla (2018), as quais foram enquadradas de acordo com as dimensões propostas por Hanai (2009).

Para estabelecer indicadores, Hanai propõe cinco dimensões em sua metodologia, nas quais os indicadores estariam alocados conforme suas características individuais. Dentre outros referenciais teóricos, as quatro dimensões propostas por Hanai (2009) baseiam-se nas quatro dimensões de sustentabilidade descritas pelo Prisma da Sustentabilidade: social, econômica, ambiental e institucional (VALENTIN

e SPANGENBERG, 2000, apud HANAI, 2009, p. 243). Além destas, com base nas análises realizadas por Hanai (2009), o SISDTUR contempla a dimensão cultural.

Segundo Buckley (1998, apud HANAI, 2009, p. 279), contudo, as dimensões de sustentabilidade podem ser medidas e analisadas com base na realidade de cada localidade, podendo assim ser utilizados indicadores específicos. Portanto, em um modelo de desenvolvimento regenerativo, entende-se que a dimensão econômica está diretamente relacionada à saúde social, que depende da saúde ambiental, conforme evidenciado na figura abaixo:

Figura 4 — Estrutura *Essential Living Processes*



Fonte: MANG, 2012c, on-line. Adaptado pela autora, 2021.

É possível inferir, portanto, que a saúde econômica é composta e nutrida por todas as outras dimensões, uma vez que a inter-relação entre os seis processos permitem aos seres vivos apoiarem a evolução da vida, bem como o modo como estes cruzam as áreas ecológica, social e econômica. Assim, ao se analisar o diagrama acima, foi possível verificar que a dimensão econômica, proposta por Hanai (2009), é contemplada pelo conjunto institucional, ambiental, social e cultural e, por este motivo, não foi considerada na análise do turismo regenerativo.

É importante reiterar que, apesar de não estar explicitada na composição das dimensões a serem analisadas pelos indicadores, a saúde econômica faz parte da estrutura *Essential Living Processes* (MANG e REED, 2012, p. 27) e que devido a ser nutrida por outros aspectos, consequentemente depende tanto direta quanto indiretamente do desenvolvimento destes. Assim, as dimensões mantidas para definir os indicadores a serem utilizados foram institucional, ambiental, social e cultural. A partir da seleção das dimensões, cada um dos indicadores propostos por Hanai (2009), contemplados pelas dimensões mantidas, foram analisados e adaptados conforme necessidade para o turismo regenerativo. E assim, o Quadro 4 mostra os onze indicadores do SISDTUR mantidos:

Quadro 4 — Indicadores do SISDTUR mantidos para análise do turismo regenerativo

Dimensão	Indicador
Ambiental	Existência de processos de tratamento de resíduos líquidos (esgoto)
	Existência de processos de tratamento de reuso de água
	Existência de programas de redução de consumo e de desperdício de água
	Existência de sistema de coleta de resíduos sólidos
	Existência de coleta seletiva de resíduos e processos de reciclagem
	Existência de programas de redução da quantidade de resíduos sólidos
	Uso de fontes alternativas/renováveis de energia
	Existência de técnicas produtivas que adotam princípios de agroecologia e agricultura orgânica
	Existência de áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação
	Existência de programa de Educação Ambiental
Cultural	Existência de aspectos culturais e históricos de grupos étnicos resgatados

Fonte: HANAI, 2009, p. 345. Adaptado pela autora, 2021.

Além dos indicadores destacados no Quadro 4, houve necessidade da elaboração de indicadores complementares, pautados na dinâmica do turismo regenerativo. Por este motivo, todos os 11 indicadores do SISDTUR que se mantiveram para esta pesquisa tiveram sua escrita modificada para que pudessem se adequar à linguagem do padrão determinado para o restante dos indicadores estabelecidos. Assim, tanto os indicadores modificados, quanto os indicadores elaborados, foram agregados e estão apresentados no Quadro 5 junto a suas respectivas dimensões para um modelo de turismo regenerativo:

Quadro 5 — Indicadores para o turismo regenerativo

Síntese dos fatores de regeneração para o turismo	Dimensão	Indicador para o turismo regenerativo
A comunidade valoriza a sua	Institucional	Valores da comunidade

Identidade, o seu entorno e o seu universo		Atividades desenvolvidas
	Ambiental	Práticas utilizadas na construção da infraestrutura
		Processos de tratamento de água e esgoto
		Fontes de energia
		Processos de coleta de resíduos sólidos
		Técnicas produtivas (se existente)
		Origem da alimentação e consumo
Senso de propósito coletivo	Social	Processo de associativismo
	Cultural	História e surgimento da comunidade
		Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional
Ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos	Institucional	Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos
	Social	Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos
		Nível de valorização agricultura familiar e local
Planejamento multidisciplinar <i>top-down</i> e <i>bottom-up</i> envolvendo todos os atores	Ambiental	Relação com o ambiente e observação do entorno
	Social	Existência de programas de conscientização da comunidade
Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.	Institucional	Descrição dos processos de design
		Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão
Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.	Social	
Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.	Ambiental, social e cultural	
		Caráter das experiências desenvolvidas

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Tem-se, portanto as sínteses, com base nos cinco fatores de regeneração para o turismo propostos por Avecilla (2018), mais as dimensões e os indicadores a partir da metodologia do SISDTUR (HANAI, 2009). Considerando os indicadores estabelecidos, será possível avaliá-los em localidades que se enquadrem nos processos de turismo regenerativo. Assim, será possível analisar se as práticas e infraestrutura presentes em determinada localidade atendem aos indicadores que se referem aos fatores do turismo, representados no Quadro 3. O objetivo da obtenção de indicadores é verificar conformidade da realidade com o modelo proposto para que, a partir disso, cada localidade possa ser analisada tanto individual quanto coletivamente, em comparação umas com as outras.

Para entender se a comunidade atende aos fatores propostos, a pergunta a ser feita é “a prática desenvolvida na localidade atende ao fator correspondente a seu indicador?”. Toma-se como exemplo hipotético uma comunidade rural fictícia de nome Água de Chuva, que possui a máxima “todos os indivíduos devem ser considerados em processos de tomadas de decisão, que devem sempre levar em

conta a natureza e cultura locais”. Neste caso, considerando o primeiro indicador, “valores da comunidade” como exemplo, para averiguar se a localidade atende ou não ao fator, pode-se perguntar: “os valores da máxima da comunidade Água de Chuva atendem à valorização da sua identidade, do seu entorno e do seu universo?”. Neste caso, sem levar em conta outros aspectos e indicadores que poderiam influenciar na resposta, pode-se dizer que os valores atendem, uma vez que há indícios de a comunidade valoriza a sua identidade ao levar em conta a cultura local, se preocupa com o seu entorno, ao considerar a natureza e a participação dos indivíduos como prioridades e valoriza o seu universo, ao contemplar todos os aspectos anteriores.

Em um primeiro momento, para estudo, os indicadores também serão analisados criticamente para que, se necessário, passem por modificação para trabalhos posteriores, uma vez que este será o primeiro estudo no qual os indicadores para o turismo regenerativo, baseados na metodologia do SISDTUR de Hanai (2009), serão utilizados. Os indicadores se propõem a oferecer entendimento acerca de localidades a fim de compreender se estas estão adequadas a oferecer o turismo regenerativo. Além disso, as modificações e adaptações realizadas devem ser capazes de contemplar os processos de Avecilla (2018), que serão retomadas na etapa de análise das entrevistas.

Para dar continuidade à investigação que este trabalho se propõe, o próximo tópico tratará de abordagens práticas possíveis a partir do tema desenvolvido até então, com o intuito de discorrer a respeito de possibilidades nas quais o turismo regenerativo se aplica, bem como averiguá-las por meio da aplicação dos indicadores estabelecidos. O objetivo do próximo item é, portanto, tornar mais tangível todo o conteúdo tratado nos capítulos anteriores.

3.1.4 ABORDAGENS PRÁTICAS

Ao analisar todo o material coletado e descrito no referencial teórico deste trabalho, representado pelos capítulos 2 e 3, foi possível identificar distintas abordagens, em diversos âmbitos, que caminham em direção à possibilidade de se trabalhar com uma visão sistêmica. Desde a agricultura regenerativa, proposta por Rodale (1987, apud VRSKA, 2019), que trata da possibilidade de integrar práticas de regeneração do solo à agricultura para aumento da capacidade de produção dos ecossistemas,

passando pela Permacultura, que integra a observação do entorno, conceitos como o *feedback* e práticas de cuidado com as partes envolvidas, até teorias mais sólidas como o design, que aos poucos passou a integrar a visão holística capaz de acolher o ser humano, os ecossistemas e as outras espécies.

Apesar de ter sido elaborado principalmente a partir de estudos de arquitetura e planejamento urbano, devido a seu caráter holístico, o design regenerativo foi se acoplando a distintas áreas do conhecimento. Ao se propagar por meio do desenvolvimento regenerativo, devido a seus níveis estratégicos, tem sido capaz de tornar mais concretos resultados ecológicos e sociais esperados. Integra práticas de agricultura regenerativa e teoria dos sistemas vivos, além de poder contemplar áreas como a Permacultura, por exemplo. Assim, ao encontrar no design regenerativo uma possível intersecção de áreas e conceitos distintos, entende-se que por meio deste é possível encontrar a visão sistêmica necessária para garantir a participação de todos os envolvidos independentemente do objeto de estudo e, portanto analisa-se possibilidades nas quais os conceitos teóricos pudessem se combinar.

No intuito de estudar a realidade brasileira, para contemplar o objetivo de caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo a partir do estudo de experiências desenvolvidas por comunidades, a perspectiva das Ecovilas foi considerada como possível ponto de intersecção com os processos e fatores do turismo regenerativo, uma vez que estas, segundo a *Global Ecovillage Network* (GEN), são comunidades que integram as dimensões social, cultural, econômica e ecológica em uma abordagem sistêmica em direção à sustentabilidade e são passíveis de existir tanto em contextos rurais quanto em contextos urbanos.

Tais assentamentos podem ser enquadrados como comunidades tradicionais, que se caracterizam como “aldeias e comunidades rurais existentes, que decidem projetar seu próprio caminho para o futuro, utilizando processos participativos para unir a sabedoria tradicional de sustentação da vida com inovações positivas” (GEN, [s.d.]a, on-line, tradução nossa)³⁸ bem como comunidades intencionais, “criadas por

³⁸ No original: “existing rural villages and communities that decide to design their own pathway into the future, using participatory processes to combine life-sustaining traditional wisdom and positive new innovation” (GEN, [s.d.]a, on-line).

peessoas que se associam com base em um propósito ou visão comum” (GEN, [s.d.]a, on-line, tradução nossa)³⁹. Apesar de possuírem visões, contextos, culturas e interesses distintos, estão enraizadas em processos participativos locais e trabalham para restauração e regeneração de seus ambientes sociais e naturais.

Fundada em 1995, composta por cinco redes regionais, a *Global Ecovillage Network* (GEN) se caracteriza como uma associação global sem fins lucrativos de comunidades e iniciativas voltadas para regeneração e tem como objetivo desenvolver estratégias para uma transição global para comunidades e culturas resilientes por meio da união entre indivíduos, redes, organizações e governos com mentalidade ecológica ao redor do mundo. Filiada à *Gaia Trust*, associação filantrópica fundada em 1987 com sede na Dinamarca, a GEN possui status consultivo no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) e abrange programas de universidades como a Universidade de Washington (UW), Universidade do Colorado (CU), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Livre do Meio Ambiente de Curitiba (UNILIVRE) (GAIA TRUST, 2021).

Administrativamente dividida entre três regiões autônomas, compreende o *Ecovillage Network of The Americas* (ENA), *GEN-Europe* e GENOA, ou GEN Oceania e Ásia. É composta por aproximadamente 10 mil comunidades de todo o mundo e compreende comunidades intencionais, tradicionais ou urbanas pautadas em quatro âmbitos da regeneração: social, cultural, ecológico e econômico, todos interligados pela prática do que esta chama de design integral (GEN, 2021). Além das Ecovilas, a GEN acolhe o que define como “projetos de Ecovilas” (GEN, [s.d.]a, on-line, tradução nossa)⁴⁰, que se caracterizam como “iniciativas locais que inspiram, educam e adotam modos de vida de Ecovilas, sem necessariamente constituir determinado número de pessoas morando juntas como uma comunidade” (GEN, on-line, tradução nossa)⁴¹.

³⁹ No original: “created by people who come together afresh with a shared purpose or vision” (GEN, [s.d.]a, on-line)

⁴⁰ No original: “Ecovillage projects” (GEN, online, [s.d.]a, online).

⁴¹ No original: “local initiatives that inspire, educate and foster ecovillage lifestyles, without constituting a certain number of people living together as a community” (GEN, [s.d.]a, online).

Pautada em pesquisas e experimentações nas áreas de sustentabilidade e design participativo, desenvolvidas pela rede ao longo dos anos, a GEN propõe um esquema denominado *The Ecovillage Map of Regeneration*, em português “O Mapa da Regeneração das Ecovilas” (GEN, [s.d.]b, on-line, tradução nossa). Composto por 32 princípios, seis em cada área da regeneração e oito centralizados na área destinada ao design integral, o mapa ilustra o alicerce das atividades desenvolvidas pela GEN, bem como as áreas de atenção na implantação de projetos, comunidades e até mesmo países e “podem ser aplicados onde quer que uma pessoa esteja – na vida de um indivíduo, em uma organização, no design de um novo projeto, na formulação de planos de desenvolvimento liderados por uma comunidade, entre outros” (GEN, [s.d.]b, on-line, tradução nossa)⁴².

No âmbito social, a GEN entende que, por meio de alianças e envolvimento de todos os *stakeholders* no que esta chama de “design para o futuro”, as Ecovilas destinam-se a construir confiança, colaboração e abertura entre as pessoas, além de garantir que estas se sintam empoderadas, vistas e ouvidas. Para tal, devem se comprometer a:

Nutrir diversidade e coesão para criar comunidades prósperas; desenvolver instituições justas eficientes e confiáveis; praticar a mediação de conflitos, comunicação e cultura da paz; empoderar a liderança colaborativa e tomadas de decisões participativas; garantir acesso ao longo da vida à educação para a sustentabilidade; promover saúde, cura e bem-estar para todos (KOVASNA, 2020).

Na esfera cultural, a fim de construir ou regenerar culturas que apoiem ou empoderem pessoas por meio da difusão de padrões fundamentais para a regeneração e escuta do “*feedback* do universo”, o mapa reitera que as comunidades se comprometam a:

Esclarecer a visão e o propósito maior; nutrir mindfulness e auto-reflexão; reconectar-se com a natureza e adotar estilos de vida de baixo impacto; honrar a sabedoria ancestral e acolher a inovação positiva; enriquecer a vida com arte e celebração; engajar-se na proteção das comunidades e da natureza (KOVASNA, 2020).

⁴² No original: “can be applied wherever a person is – in one’s individual life, in an organisation, in designing a new project, in formulating community-led development plans and more. They are meant to be an inspiration and road-map to implementing ecovillage lifestyles regardless of where or who you are” (GEN, 2021, online).

No que diz respeito à ecologia, pautado no “aprender com a natureza e praticar o pensamento sistêmico”, bem como “identificar recursos, necessidades e pontos de alavancagem”, atrelados ao *design* integral, o esquema abrange ainda:

Cultivar sementes, alimentos e solo através de agricultura regenerativa; limpar e replanejar fontes e ciclos de água; inovar e difundir tecnologias de bioconstrução; procurar utilizar energias e transportes 100% renováveis; utilizar resíduos como recursos valiosos; aumentar a biodiversidade e restaurar sistemas (KOVASNA, 2020).

A área econômica, por sua vez, baseada em adaptação de soluções à escala e ao contexto, bem como “estar consciente do privilégio e usá-lo para o benefício de todos”, inclui:

Reconstruir os conceitos de riqueza, trabalho e progresso; assegurar o acesso à terra e aos recursos; cultivar o empreendedorismo social para a regeneração local; comprometer-se à produção, ao consumo e comércio responsáveis; utilizar bancos e moedas que fortalecem as comunidades; aumentar a justiça econômica através de partilha e colaboração (KOVASNA, 2020).

No Brasil, bem como no restante da América Latina, a GEN é representada pelo *Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina* (CASA), conselho composto por movimentos, projetos e agentes de mudança que praticam e promovem uma vida humana em harmonia com a Terra (CASA LATINA, 2021). Por meio da facilitação e participação em processos culturais e sociais, o CASA oferece informação, ferramentas e treinamentos para aceleração no processo de transição para estilos de vida regenerativos nos âmbitos ecológico, social, cultural e espiritual.

Ao reunir as quase 10 mil comunidades presentes em continentes distintos, a plataforma da GEN contempla assentamentos e projetos que desenvolvem atividades como Permacultura, práticas de espiritualidade e desenvolvimento comunitário, em conformidade com o estudo realizado até então. Diante disso, reitera-se, neste primeiro filtro, a possibilidade de intersecção entre comunidades cadastradas na GEN e o modelo de turismo regenerativo.

Assim, em função de abordar ainda o conceito de regeneração dentre seus princípios, bem como abordar as dimensões social, cultural, ecológica e econômica, este trabalho se utilizará da plataforma GEN como ferramenta para identificar comunidades que possam direcionar a pesquisa rumo ao objetivo traçado. Assim,

com base na experiência de comunidades cadastradas na plataforma da GEN, o próximo capítulo abordará experiências de turismo regenerativo no estado de São Paulo.

4 EXPERIÊNCIAS DE TURISMO REGENERATIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO

4.1 COMUNIDADES

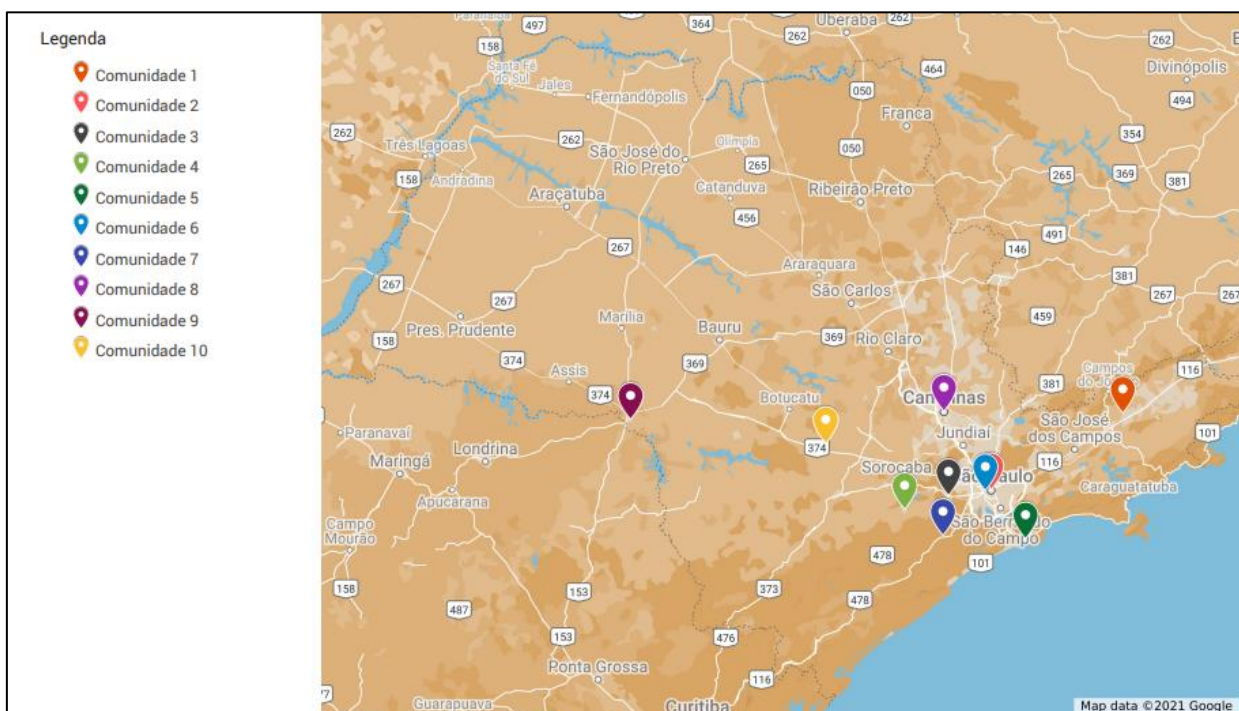
Ao identificar alinhamento entre os princípios de regeneração e o modelo estudado, o presente trabalho se utilizou da plataforma da GEN ([s.d.]a) para encontrar e sistematizar dados de possíveis comunidades a serem estudadas. Em um primeiro momento, ao aplicar o filtro de localização geográfica, com base nas informações disponíveis no site, foram encontradas 39 comunidades dispostas nas cinco regiões geográficas do Brasil, todas suscetíveis a intersecção com os processos de turismo regenerativo descritos por Avecilla (2018), considerando que as comunidades cadastradas no sistema já passaram pelo filtro de princípios da regeneração da GEN ([s.d.]a).

A fim de buscar entendimento acerca do modelo estruturado a partir de conceitos teóricos, fez-se necessário afunilar para um filtro mais direcionado, para que fosse possível aplicar entrevistas. Em função da proximidade com o objeto de estudo bem como adjacência a um dos grandes núcleos emissores de turismo do Brasil, optou-se por selecionar comunidades localizadas no estado de São Paulo.

Além disso, a pesquisa não poderia deixar de considerar que o turismo regenerativo pode e deve ser feito nas proximidades do local de origem do turista, uma vez que este estará adquirindo experiências em nível local, que poderão inclusive gerar maior entendimento das dinâmicas presentes no sistema, já que dentro de um mesmo estado o destino possivelmente terá mais semelhanças com a o local de origem do turista do que em regiões mais distantes. Fazendo referência aos danos ambientais e sociais decorrentes da industrialização, tratados no capítulo 2, é imprescindível reiterar que o deslocamento entre cidades de um mesmo estado gera menor emissão de gases poluentes e que ao optar por um destino próximo do local de origem, o turista deixa de contribuir para problemas climáticos como o

aquecimento global. Diante dos fatos apresentados, aplicou-se um filtro na plataforma da GEN ([s.d.]a) para que fossem selecionadas comunidades localizadas no estado de São Paulo. A princípio, 11 comunidades foram encontradas no estado desejado, das quais apenas 10 possuíam informações de contato atualizadas e se localizam geograficamente conforme a figura abaixo destaca:

Figura 5 — Mapa da distribuição geográfica das comunidades selecionadas para entrevista



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Além da localização geográfica, na página de cada uma das comunidades da plataforma GEN ([s.d.]a) são disponibilizadas informações sobre zona (rural ou urbana), tipo (projeto, comunidade, dentre outros), *status* (estabelecido ou aspirante), ano de fundação, idioma principal e idiomas falados, todos passíveis de abranger nenhum, um ou mais de um filtro. No que diz respeito ao turismo, é importante destacar que o ecoturismo está contemplado como um tipo de atividade a ser desenvolvida nas localidades. É relevante apontar que, apesar de trazer o ecoturismo dentre os tipos de atividade desenvolvida, o site da GEN ([s.d.]a) não faz menção a turismo regenerativo, mesmo trazendo frequentemente as temáticas regenerativas.

A partir disso, com base nas informações das 10 comunidades disponíveis na plataforma ou no site das próprias comunidades, uma planilha foi elaborada

contendo as seguintes informações a respeito de cada uma das localidades selecionadas: nome, município, responsável, telefone, e-mail e site. Além das informações básicas, uma coluna destinada à categoria e outra destinada à principais atividades desenvolvidas foram adicionadas, a fim de, respectivamente, classifica-las a partir de uma caracterização na qual a comunidade melhor se enquadra e visualizar as temáticas abordadas nesta. As categorias, divididas em propriedade isolada, Ecovila, projeto, e instituto, se referem respectivamente a:

- Propriedade isolada: sítios ou propriedades privadas;
- Ecovila: comunidades tradicionais ou intencionais, atreladas a um espaço físico;
- Projeto: iniciativas não necessariamente atreladas a um espaço físico;
- Instituto: entidades compostas por grupos de indivíduos unidos em prol de uma causa, normalmente organizações não governamentais;

As comunidades podem ser caracterizadas por uma ou mais categorias, com base nas informações disponíveis nas fontes consultadas. Além das categorias, foram selecionadas sete atividades com possibilidade de intersecção com o turismo regenerativo, com base nos estudos realizados até então bem como nas informações disponíveis na plataforma GEN e no site das comunidades. São elas: Permacultura; bioconstrução; agricultura orgânica; arte; espiritualidade; educação ambiental; e desenvolvimento comunitário. Assim, como nas categorias, as comunidades podem abranger uma ou mais atividades, de acordo com disponibilidade de informação nas fontes consultadas. A tipologia ecoturismo, disponível na plataforma GEN ([s.d.]a), não foi levada em consideração na construção do quadro, uma vez que esta se pautou no referencial teórico deste trabalho e tem como objetivo mapear comunidades que se enquadrem no modelo de turismo regenerativo. Contudo, tal aspecto foi levado em consideração tanto nas análises individuais quanto nas análises coletivas das comunidades.

Como resultado da pesquisa realizada, totalizaram-se 10 comunidades, enquadradas de acordo com suas respectivas localidades, categorias e atividades desenvolvidas, com as quais foram realizadas tentativas de contato para entrevistas com os seus responsáveis (Quadro 6).

Comunidade	Localidade (Município)	Caracterização/Categoria	Principais atividades
Comunidade 1 (C1)	Pindamonhangaba, SP	Ecovila, Instituto	Permacultura, Desenvolvimento comunitário
Comunidade 2 (C2)	São Paulo, SP	Instituto, Projeto	Educação ambiental
Comunidade 3 (C3)	Vargem Grande Paulista, SP	Projeto, Propriedade isolada	Permacultura, Educação ambiental
Comunidade 4 (C4)	Piedade, SP	Propriedade isolada	Bioconstrução, Permacultura, Espiritualidade, Educação ambiental
Comunidade 5 (C5)	Santos, SP	Instituto	Desenvolvimento comunitário
Comunidade 6 (C6)	São Paulo, SP	Instituto, Projeto	Desenvolvimento comunitário, Educação ambiental
Comunidade 7 (C7)	Juquitiba, SP	Projeto, Propriedade isolada	Permacultura, Bioconstrução
Comunidade 8 (C8)	Campinas, SP	Ecovila	Espiritualidade
Comunidade 9 (C9)	Ourinhos, SP	Projeto, Propriedade isolada	Arte, Agricultura orgânica, Espiritualidade
Comunidade 10 (C10)	Porangaba, SP	Instituto	Agricultura orgânica, Espiritualidade, Educação ambiental

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O Quadro 6 é uma adaptação da planilha original elaborada para esta pesquisa, que contém ainda informações básicas de contato que não constam no quadro acima. Optou-se pela adaptação para omitir nome das comunidades e numerá-las, seguindo a ordem que foram compiladas na planilha original, para atender o critério de anonimato, do código de ética de pesquisas na área de ciências sociais, uma vez que entrevistado e entrevistador assinaram termo de consentimento no qual a pesquisadora se compromete a manter tais informações em anonimato, conforme a Resolução CNS 96/1996, relacionada à Pesquisa com Seres Humanos, para preservar identidades, práticas e opiniões. Além disso, para fins de contextualização, apesar de não constar no Quadro 6 as comunidades C3, C4 e C7 possuem menção ao ecoturismo na plataforma GEN ([s.d.]a). As localidades, por sua vez, foram mantidas a fim de que fosse possível verificar a distribuição espacial das comunidades, retratada de maneira mais assertiva no mapa da Figura 5.

Todas as 10 comunidades foram contatadas e os entrevistados selecionados com base em disponibilidade de potenciais representantes, considerando que apenas uma pessoa de cada comunidade fosse entrevistada. A escolha do respondente foi realizada pela própria comunidade, que poderia selecionar um indivíduo que, além de ter disponibilidade, a representasse para compartilhar informações acerca da história, valores, infraestrutura, dinâmica e projetos desenvolvidos. As primeiras tentativas de contato foram realizadas via *WhatsApp* com as comunidades que possuíam telefone para contato, uma vez que entende-se que a possibilidade de

retorno seria mais alta por este meio. Segundas tentativas foram feitas via rede social e e-mail com as comunidades que não haviam retornado. Dentre todas as mapeadas, a comunidade 6 não respondeu em tempo, a comunidade 8 retornou, mas não deu continuidade nos contatos e a comunidade 10 decidiu não participar por falta de disponibilidade. Sendo assim, as comunidades 6, 8, e 10 não foram entrevistadas.

Após o primeiro contato por telefone, um e-mail com informações acerca da entrevista foi enviado para os indivíduos a serem entrevistados, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido emitido em uma via, no formato de documento digital para preenchimento e inclusão das assinaturas via plataforma *DocuSign*, para que, tanto a pesquisadora quanto o participante, pudessem mantê-lo em seus arquivos. Na sequência, todas as sete entrevistas foram realizadas via plataforma *GoogleMeets*, em horário e data combinados entre entrevistado e entrevistadora e foram gravadas na íntegra para análise desta pesquisa.

Na etapa de entrevistas, o intuito foi verificar, dentre as comunidades alinhadas à cultura regenerativa, como é o funcionamento, quais adequações aos indicadores estas possuem em comum, a fim de chegar a conclusões acerca do turismo regenerativo em nível estadual, para São Paulo. Para tal, fez-se necessária a aplicabilidade dos indicadores para o turismo regenerativo, estabelecidos a partir da metodologia de Hanai (2009), que será melhor detalhada no subcapítulo que segue.

4.2 INDICADORES DE ANÁLISE

Com o objetivo de avaliar o grau de concordância das práticas das comunidades selecionadas com os princípios teóricos desenvolvidos nos capítulos 2 e 3, bem como verificar a intenção destas em receber visitantes com base no modelo proposto, este subcapítulo retoma os elementos do design necessários para uma abordagem regenerativa (MANG e REED, 2012) e se pauta na “harmonização progressiva”, uma vez que esta se refere a como determinado projeto é realizado, no intuito de garantir que tanto os fins e quanto os meios estejam de acordo, a fim de confirmar que o processo esteja caminhando rumo ao resultado regenerativo esperado. Para tal, tomam-se como ponto de partida os indicadores estabelecidos no subcapítulo 3.1.3, com base na metodologia do SISDTUR de Hanai (2009), para realizar entrevistas com as comunidades.

A partir dos indicadores do Quadro 5 foi possível desenvolver o roteiro (Apêndice A) para as entrevistas com as comunidades, seguindo a ordem lógica: valores, história e surgimento; infraestrutura; projetos desenvolvidos; participação dos indivíduos nos processos e experiências oferecidas, pretendendo contemplar todos os indicadores estabelecidos. Devido a seu caráter semiestruturado, as entrevistas tiveram entre 30 e 60 minutos e, nas quais o roteiro, apesar de contemplar perguntas acerca de cada um dos tópicos supracitados, possui caráter livre de interação entre entrevistado e entrevistador.

Assim, apesar de servir como base para conduzir a conversa, sofreu alterações durante a entrevista, de acordo com entendimento da entrevistadora, uma vez que o sujeito entrevistado pode tanto contemplar os tópicos do roteiro bem como desviar o assunto. Além dos indicadores, a fim de entender a percepção da comunidade acerca do modelo, bem como verificar a intenção de receber turistas perante um modelo de turismo regenerativo, a pergunta “a comunidade tem interesse em receber pessoas de fora? Se sim, o que é necessário que estas saibam antes de visitar a comunidade?” foi incluída ao final do roteiro (Apêndice A).

Na sequência, após realização das entrevistas, cada uma das conversas foi sistematizada em fichas individuais, separadas por comunidade, contendo todos os indicadores, com o intuito de averiguar quais destes seriam atendidos, atendidos parcialmente ou não atendidos pela comunidade em questão, de acordo com os relatos de seus representantes. As comunidades que se destacarem em algum dos indicadores sugeridos aparecem com um asterisco (*) ao lado da palavra “atende”. Além dos indicadores, nome da comunidade, caracterização, principais atividades, pergunta sobre interesse em receber indivíduos externos, espaço para resposta sobre alinhamento entre as partes e linha para informações adicionais foram contemplados, como pode ser observado no exemplo que segue:

Quadro 7 — Modelo de ficha da comunidade

Nome da comunidade – Abreviação
Caracterização: Propriedade isolada, Ecovila, Projeto e/ou Instituto
Principais atividades: Permacultura, bioconstrução, agricultura orgânica, arte, espiritualidade, educação ambiental e/ou desenvolvimento comunitário
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM () NÃO ()
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? {espaço para preencher de acordo com relatos da entrevista}

Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende, parcialmente atende ou não atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Idem
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Idem
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Idem
I.A.3. Fontes de energia	Idem
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Idem
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Idem
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Idem
I.S.1. Processo de associativismo	Idem
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Idem
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Idem
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Idem
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Idem
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Idem
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Idem
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Idem
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Idem
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Idem
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Idem
Outras informações: {espaço para informações coletadas durante a entrevista}	

Caso a comunidade se destaque em algum dos indicadores, este aparecerá com um () na segunda coluna.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Após fichamento, a fim de evitar repetição nas análises individuais das comunidades, bem como facilitar compreensão em leituras posteriores, fez-se necessária a elaboração de uma numeração seguindo a lógica:

- Fatores numerados em ordem de I a V;
- Dimensões representadas pela primeira letra que as compõem;
- Indicadores numerados de acordo com a ordem que aparecem dentro do fator e dentro da dimensão.

Deste modo, os indicadores estabelecidos no subcapítulo 3.1.3, com base na metodologia do SISDTUR de Hanai (2009), possuem a seguinte numeração para análise:

Quadro 8 — Lógica de numeração dos indicadores para o turismo regenerativo

Síntese dos fatores de regeneração para o turismo	Dimensão	Indicador para o turismo regenerativo
I. A comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo	I. Institucional	Valores da comunidade (I.I.1)
		Atividades desenvolvidas (I.I.2)
	A. Ambiental	Práticas utilizadas na construção da infraestrutura (I.A.1)
		Processos de tratamento de água e esgoto (I.A.2)
		Fontes de energia (I.A.3)
		Processos de coleta de resíduos sólidos (I.A.4)
		Técnicas produtivas (se existente) (I.A.5)
		Origem da alimentação e consumo (I.A.6)
	S. Social	Processo de associativismo (I.S.1)
	C. Cultural	História e surgimento da comunidade (I.C.1)
		Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional (I.C.2)
II. Senso de propósito coletivo	I. Institucional	Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos (II.I.1)
	S. Social	Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos (II.S.1)
		Nível de valorização agricultura familiar e local (II.S.2)
III. Ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos	A. Ambiental	Relação com o ambiente e observação do entorno (III.A.1)
	S. Social	Existência de programas de conscientização da comunidade (III.S.1)
IV. Planejamento multidisciplinar <i>top-down</i> e <i>bottom-up</i> envolvendo todos os atores	I. Institucional	Descrição dos processos de design (IV.I.1)
	S. Social	Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão (IV.S.1)
V. Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.	ASC. Ambiental, social e cultural	Caráter das experiências desenvolvidas (V.ASC.1)

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A partir da lógica de numeração dos indicadores para o turismo regenerativo, na sequência, o resultado das entrevistas de comunidade gerou fichamentos individuais, para viabilizar análises separadas com base nos respectivos indicadores. Além disso, a partir das análises individuais, foi possível entender a escolha e funcionamento de cada um dos indicadores e como estes trabalham em conjunto na análise de comunidades e seus níveis de desenvolvimento no âmbito do turismo regenerativo.

Neste sentido, por se tratarem de projetos ou institutos não atrelados a um único espaço físico, optou-se por não analisar as comunidades 2 e 5 que são projetos desenvolvidos em áreas urbanas, uma vez que entende-se que os indicadores estabelecidos não eram suficientes para abranger tópicos referentes a história, valores, infraestrutura, dinâmica e projetos desenvolvidos. Por possuírem realidades distintas das comunidades atreladas a determinado espaço geográfico, os critérios utilizados para não considerar ambas nas análises de indicadores se resumem em:

- Caracterizam-se como projeto ou instituto que não necessariamente estão atrelados a um espaço físico, o que diferenciaria as análises quando comparadas às análises de comunidades alocadas em determinado espaço geográfico;
- Trata-se de comunidades urbanas, o que dificultaria a análise, uma vez que estas possuem características de infraestrutura distintas das comunidades localizadas na zona rural.

Para fins de experimentação, contudo, a comunidade 9 (C9), apesar de estar localizada em um espaço urbano foi selecionada para análise por estar atrelada a um local físico. Apesar disso, a fim de se evitarem equívocos os indicadores I.A.1, I.A.2, I.A.3 e I.A.4, atrelados à infraestrutura, não foram analisados para da C9, uma vez que se entende que para fazê-lo de maneira assertiva seria necessário dispor um diagnóstico específico para infraestruturas no meio urbano.

Assim, ao optar-se por não analisar as comunidades 2 e 5, estas não dispõem de fichamento. As comunidades 1, 3, 4, 7 e 9, por sua vez, serão analisadas na sequência, conforme ordem do Quadro 6 de seleção para entrevistas, partindo da comunidade 1 (C1), que segue:

Quadro 9 — Quadro para análise da Comunidade 1

Comunidade 1 – C1
Caracterização: Ecovila, Instituto
Principais atividades: Permacultura, Desenvolvimento comunitário
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM (x) NÃO ()
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? Segundo o entrevistado, é importante que as pessoas saibam que viver em comunidade é “estar em um espelho de si mesmo” (Entrevista com representante da C1, 2021), estar aberto ao autoconhecimento e reitera que o visitante deve entender a questão alimentar da comunidade, que opta por uma dieta vegetariana. Acrescenta ainda que é necessário saber que a C1 é um local de reconexão do ser humano com a natureza e com os seus seres: “compreender que nós estamos como “visitantes” no espaço, porque existem outros seres que moram neste espaço” (Entrevista com representante da C1,

2021).	
Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Atende parcialmente
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Atende
I.A.3. Fontes de energia	Não atende
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Atende
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende parcialmente
I.S.1. Processo de associativismo	Atende
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Atende
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Atende
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Atende
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende*
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Atende*
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende*
Outras informações: A comunidade possui restaurante e suítes para hospedar até 30 pessoas; para passar o dia, suas instalações têm capacidade para receber até 40; acolhem desde indivíduos que querem passar por experiências de alguns dias na natureza até indivíduos que procuram a comunidade para imersões mais longas; se baseia em uma alimentação vegetariana; a C1 já trabalha com turismo e está adotando o conceito de turismo regenerativo em uma de suas experiências; estão desenvolvendo turismo científico em parceria com universidades; pretendem trazer práticas como <i>birdwatching</i> ;	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na sequência, cada um dos indicadores e práticas realizadas na comunidade 1 (C1) será tratado, a fim de destrinchar de que maneira estas se adequam aos fatores do turismo regenerativo descritos por Avecilla (2018).

Ao contar a história do surgimento da C1, o entrevistado revela que esta é fundamentada em valores que permeiam a conservação do entorno, mais especificamente à preservação da Mata Atlântica nativa, bem como a conexão com as pessoas por meio de práticas como Sociocracia e Comunicação Não Violenta (CNV). Dentre as atividades desenvolvidas no espaço, destacam-se práticas de autoconhecimento e cuidado com as relações, bem como incentivo à conexão com o meio ambiente por meio de práticas voltadas para espiritualidade e Permacultura. Assim, no que diz respeito à valorização da identidade comunitária, do seu entorno e de seu universo, ao contemplar os indicadores “valores da comunidade” (I.I.1) e

“atividades desenvolvidas” (I.I.2), a C1 atende por completo à dimensão institucional do primeiro fator considerado essencial para regeneração no turismo segundo Avecilla (2018).

Atende parcialmente ao indicador referente a “práticas utilizadas na construção da infraestrutura” (I.A.1), uma vez que, apesar de adotar técnicas de bioconstrução para edificar novas instalações, grande parte da infraestrutura presente na comunidade foi construída baseada em técnicas convencionais, em especial as estruturas mais antigas. Devido à utilização de sistemas de aquecimento a gás, a única característica da comunidade que não atende aos fatores de regeneração para o turismo se refere ao indicador “fontes de energia” (I.A.3), uma vez que este considera a existência de fontes de energia consideradas limpas, que não é o caso. Ainda referente à infraestrutura, a C1 revela-se atenta tanto aos processos de tratamento de água, ao realizar a coleta “por meio de sistemas não invasivos”, segundo o entrevistado, quanto aos processos de tratamento de esgoto, que são realizados por meio de técnicas como zonas de raízes e círculos de bananeiras, atendendo ao indicador I.A.2. Além da existência de processos de coleta de resíduos sólidos na comunidade, esta busca promover a conscientização da região por meio de programas de cuidado com resíduos atendendo ao fator processos de coleta de resíduos sólidos (I.A.4).

Como mencionado nas atividades desenvolvidas, a C1 se utiliza de técnicas de bioconstrução e Permacultura como forma de se integrar ao espaço e garantir o cuidado com o entorno. Sendo assim, parte da alimentação é produzida no local e parte depende de produtores locais ou externos, uma vez que, segundo o entrevistado, “o consumo em épocas de eventos não consegue ser sustentado apenas pela produção local” (Entrevista com representante da C1, 2021), o que justifica que o indicador “técnicas produtivas” (I.A.5) seja atendido e “origem da alimentação e consumo” (I.A.6) seja parcialmente atendido para o fator valorização da sua identidade, do seu entorno e do seu universo, dentro da dimensão ambiental.

O processo de associativismo, por sua vez, deu-se gradualmente, segundo o representante da C1, uma vez que inicialmente as terras haviam sido compradas com o intuito de constituir um espaço comunitário para acolher pessoas em eventos voltados para o autocuidado. O desejo de trazer pessoas para fazer parte do que

estava se desenvolvendo no local “trouxe pessoas que foram comprando outras terras” (Entrevista com representante da C1, 2021). Assim, aos poucos, segundo o entrevistado, “terapeutas e ambientalistas foram chegando para compor a comunidade”, que sempre teve consigo a preocupação para com a mata nativa e o ambiente local. Assim, o “instituto socioambiental” (Entrevista com representante da C1, 2021) como é definido por seus integrantes atualmente, contempla tanto uma comunidade quanto um espaço de eventos com capacidade de receber em torno de 40 pessoas para passar o dia, além de suítes que juntas possuem capacidade para receber até 30 pessoas hospedadas. A comunidade possui programas de imersão e de residência, que muitas vezes abrem portas para pessoas que a visitam e acabam ficando ou voltando após determinado período.

Além das práticas permaculturais adotadas na localidade, a comunidade traz em algumas de suas imersões a técnica de banho de floresta, ou terapia *shinrin-yoku*, uma prática desenvolvida pela Agência Florestal do governo do Japão, em 1982, que tem como objetivo promover o contato das pessoas com a natureza, incentivando-as a passarem parte de seu tempo em contato com uma área de floresta (ECYCLE, 2018). Assim, por meio de sua história, surgimento, associativismo e adoção de práticas de sabedoria ancestral ou saber tradicional, é possível inferir que a comunidade valoriza por completo a sua identidade, o seu entorno e o seu universo dentro das dinâmicas social e cultural, contemplando os indicadores I.S.1, I.C.1 e I.C.2 que se referem, respectivamente, a “processo de associativismo”, “história e surgimento da comunidade” e “existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional”.

Quanto ao “senso de propósito coletivo” do segundo fator de Avecilla (2018), em função de sua estrutura de governança, baseada em processos de hierarquia circular, bem como na presença da ética da Permacultura, é possível inferir que a C1 atende ao indicador “participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos” (II.S.1) esperado por um modelo de turismo regenerativo, que visa incluir todas as partes dentro dos processos. Complementar à dimensão social, a comunidade

constitui uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)⁴³ como co-agricultora de produtores locais, além de desenvolver projetos ambientais que trazem a participação da vizinhança e da comunidade e, portanto, atende ao indicador “nível de valorização agricultura familiar e local” (II.S.2). Além disso, a multidisciplinaridade confirmada pelo desenvolvimento de “cursos que mesclam sociocracia com CNV, oficinas que trabalham com bioconstrução e agrofloresta” (Entrevista com representante da C1, 2021), contempla a dimensão institucional (I.I.1) do fator que diz respeito ao senso de propósito coletivo, atendendo-o integralmente.

No tocante ao fator que menciona o ser humano se sentir interligado com a natureza e possuir maior compreensão acerca dos sistemas vivos, o responsável pela comunidade menciona a reflexão sobre a natureza interna e natureza externa: “a natureza está dentro da gente e ela se expande para além da gente” (Entrevista com representante da C1, 2021), indicando que o ser humano faz parte de um todo, neste ponto é possível retomar a visão ecológica de Capra (1996, apud MANG e REED), na qual o mundo deve ser entendido como uma rede interdependente de sistemas vivos capazes de se auto organizarem para a evolução contínua. A visão sistêmica se expande ainda para a dimensão social a partir do momento que a C1 se compromete com programas de regeneração da mata e estudo para a constituição de um cinturão verde na região na qual está localizada, fazendo com que o fator “ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos” (AVECILLA, 2018) seja contemplado ao ser atendido pelos indicadores “relação com o ambiente e observação do entorno” (III.A.1) e “existência de programas de conscientização da comunidade” (III.S.1).

O modelo de governança adotado pela comunidade pressupõe que tomadas de decisão sejam realizadas com o consentimento das partes envolvidas, uma vez que a hierarquia da sociocracia se organiza de maneira circular. O entrevistado, apesar de não ter entrado em detalhes a respeito de como as decisões são tomadas, conta que existe um processo organizado para que estas sejam realizadas em consenso, além da existência de espaços de escuta para os indivíduos. Além de seu processo

⁴³ CSA consiste em uma organização sem fins lucrativos que, por meio da aproximação entre produtor e consumidor, busca promover a transição para uma agricultura ecológica (CSA BRASIL, c2015, on-line).

de governança, a comunidade está embasada no cuidado com as relações e se pauta nos princípios éticos da Permacultura. Deste modo, é possível inferir que tanto a “descrição dos processos de design” (IV.I.1) quanto o “envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão” (IV.S.1) atendem e se destacam quanto ao fator de Avecilla (2018) que descreve a importância do planejamento multidisciplinar *top-down* e *bottom-up* envolvendo todos os atores, tanto na dimensão institucional, quanto na dimensão social.

No que diz respeito a experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma, as dimensões ambiental, social e cultural são contempladas e se destacam pelo caráter das vivências desenvolvidas na C1. Dentre as atividades desenvolvidas, a comunidade realiza experiências de autoconhecimento e conexão com a natureza, cursos e retiros, programas de introdução nos processos e dia a dia da comunidade. Outro aspecto relevante para análise é que a comunidade adota o termo “turismo regenerativo” em algumas experiências de conexão com a natureza e passaram a adotar o conceito a partir de um estudo realizado em parceria com uma turismóloga que colaborou para a criação do modelo de um programa que tem o turismo regenerativo como tema. A comunidade está desenvolvendo turismo científico, aproveitando a estrutura existente, para que estudantes de áreas como biologia e engenharia florestal, por meio de pesquisa de campo, desenvolvam estudos na região. Para tal, está firmando parcerias com os campus ESALQ e São Carlos da Universidade de São Paulo e pretende ainda também trabalhar com turismo de *birdwatching* (observação de pássaros).

O representante da C1 reitera ainda que há intenção de desenvolver turismo no local, contanto que possam contribuir uma experiência regenerativa tanto para a natureza quanto para a comunidade “tudo o que a gente quer fazer hoje que tem a ver com o Turismo deve ser regenerativo” (Entrevista com representante da C1, 2021) e acrescenta “o turismo de experiência está relacionado com uma experiência transformadora” (Entrevista com representante da C1, 2021) e a comunidade 1 se pauta na transformação, segundo ele. Quando questionado sobre a intenção de continuar recebendo visitantes externos, responde positivamente e acrescenta que para aqueles que buscam viver uma experiência em comunidade é importante que saibam que “viver em comunidade é estar em um espelho de si mesmo” (Entrevista com representante da C1, 2021) e que estes devem estar abertos ao

autoconhecimento. Além disso, é necessário que entendam a questão alimentar da comunidade, que se baseia no vegetarianismo. Para aqueles que buscam o contato com a natureza, reitera que é essencial que haja compreensão de que o ser humano está como "visitante" (Entrevista com representante da C1, 2021) no espaço, uma vez que existem outros seres que nele habitam, assim, finaliza dizendo que é necessário saber que a C1 é um lugar de reconexão com a natureza e seus seres.

Em suma, a partir da entrevista realizada com o representante, as práticas e a infraestrutura da C1 atendem a 16 dos 19 indicadores propostos, sendo “descrição dos processos de design”, “envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão” e “caráter das experiências desenvolvidas” pontos de destaque, atendem parcialmente a 2 e não atendem a 1 dos 19 indicadores para o turismo regenerativo.

Quadro 10 — Quadro para análise da Comunidade 3

Comunidade 3 – C3	
Caracterização: Projeto, Propriedade isolada	
Principais atividades: Permacultura, Educação ambiental	
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM (X) NÃO ()	
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? Segundo o entrevistado, é necessário que o visitante esteja aberto para uma nova vivência: "acho que é muito de elas saberem que elas estão chegando num lugar que elas precisam estar com a cabeça aberta para conhecer coisas diferentes, para se relacionar com as pessoas" (Entrevista com representante da C3, 2021). Reitera ainda que é importante estar preparado para se inserir na vida comunitária e acrescenta "acho que a gente tem que tirar um pouco o “eu” da frente e colocar o coletivo" (Entrevista com representante da C3, 2021).	
Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Atende parcialmente
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Atende
I.A.3. Fontes de energia	Não atende
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Atende
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende parcialmente
I.S.1. Processo de associativismo	Atende
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Atende
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Atende
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende parcialmente
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende*
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Atende*

IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Atende
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende
Outras informações: O sítio é uma propriedade familiar da década de 1790; além das práticas do dia a dia, desenvolvem um projeto para educação e conscientização das crianças da comunidade; segundo o entrevistado, o principal “produto” (Entrevista com representante da C3, 2021) que a C3 possui para oferecer é a experiência, a vivência: “a gente tem muito interesse em continuar com o nosso trabalho porque acho que a nossa grande vocação é essa: que as pessoas venham experienciar, então hoje a gente fala muito na experiência aqui” (Entrevista com representante da C3, 2021);	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na dimensão institucional, assim como na C1, a comunidade (C3) atende o indicador I.I.1, que diz respeito aos valores da comunidade, uma vez que entrevistado relata que se baseiam na sentença da ecologia profunda (informação verbal)⁴⁴, que diz respeito a “transformar as relações eu comigo mesmo, eu como outro e eu com o meio ambiente”. Reitera ainda sobre a importância de práticas de autoconhecimento e trabalho com a espiritualidade, de viver em comunidade e cuidar do ambiente, uma vez que acredita que “esses três pilares podem ser levados para muitas coisas” (Entrevista com representante da C3, 2021). No que diz respeito ao I.I.2, a comunidade desenvolve cursos e voluntariados ligados à Permacultura, espiritualidade e gastronomia vegana ou vegetariana e, portanto, atende ao indicador, uma vez que tais práticas, de acordo com o referencial teórico desta pesquisa, se enquadram no modelo estudado.

Na sequência, no que diz respeito aos indicadores da dimensão ambiental, quanto à infraestrutura local e práticas desenvolvidas, a C3 atende aos indicadores I.A.2, I.A.4 e I.A.5, uma vez que trabalha com técnicas de banheiro seco e biodigestor no que diz respeito ao saneamento e dispõe de sistema de captação de água da chuva na estrutura principal. Referente a processos de coleta de resíduos sólidos e técnicas produtivas, respectivamente, a C3 faz compostagem de resíduos orgânicos e separação de resíduos recicláveis e utiliza Permacultura e bioconstrução no desenvolvimento de projetos. Atende parcialmente ao I.A.1, referente a práticas utilizadas na construção da infraestrutura, uma vez que parte da construção atual já existia no local e foi construída com base em técnicas convencionais. Apesar disso, entrevistado revela que as novas estruturas que vêm sendo construídas abrangem

⁴⁴ Entrevista concedida pelo representante da comunidade 3 (C3).

técnicas de bioconstrução, voltadas para a preocupação com o entorno, assim “mesmo que a gente não consiga ainda ter mudado coisas que já são antigas, o que a gente vai fazendo de novo a gente vai fazendo mais com esse olhar” (Entrevista com representante da C3, 2021). Segundo entrevistado, com base em técnicas distintas e com matéria prima local, um dos banheiros externos foi construído com técnica de biodigestor e outro consiste em um banheiro seco e, conforme novas estruturas vão sendo construídas, novas técnicas passam a ser utilizadas, como a bacia de evapotranspiração, que se pretende utilizar em outra construção. A diversificação de técnicas utilizadas, além de colaborar para minimizar impactos locais, leva em consideração que quem visita a comunidade tenha a oportunidade de conhecer suas variedades. Dentre as técnicas utilizadas nas estruturas, entrevistado cita construção de pau a pique e *cordwood*⁴⁵, uma técnica que utiliza madeira. No caso da C3, toda a madeira utilizada é proveniente da própria comunidade, de podas de jabuticabeiras e madeiras mais antigas, assim, pode-se concluir que apesar de não dispor de infraestruturas pensadas do ponto de vista ecológico, pode-se inferir que a preocupação com a diversificação de técnicas se destaca, uma vez que confirma a preocupação da C3 com a valorização do seu entorno e do seu universo, o primeiro fator do turismo regenerativo (AVECILLA, 2018). Assim como na C1, contudo, o representante da comunidade menciona que alterações no que diz respeito a fontes de energia não foram feitas uma vez que “a casa é muito grande e é tudo muito caro” (Entrevista com representante da C3, 2021), levantando a possibilidade de que este pode ser um ponto de atenção para as comunidades, uma vez que a C1 igualmente não atende ao indicador I.A.3.

Ainda referente ao fator I, a comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo, no que diz respeito à origem da alimentação e consumo, o representante da C3 afirma que o foco da comunidade sempre foi produzir o próprio alimento, entretanto, a comunidade depende de outros produtores orgânicos para adquirir determinados produtos, uma vez que produção existente na propriedade não seria capaz de alimentar a C3. O representante afirma ainda que priorizam a compra de produtores orgânicos locais e que, apesar de manterem parcerias com

⁴⁵ Técnica de construção que possibilita a reutilização de madeiras em uma combinação com argamassa e palha picada (ARQUITETE SUAS IDEIAS, s.d.).

alguns produtores, nem sempre é possível adquirirem tais itens em nível local, uma vez que “produtos orgânicos são muito caros” (Entrevista com representante da C3, 2021). Deste modo, por vezes compram produtos na cidade e na zona cerealista em São Paulo.

Quando às dimensões social e cultural da C3, é possível inferir que esta atende aos quatro fatores, que tratam, respectivamente, do processo de associativismo, da história e surgimento da comunidade e da existência de práticas de sabedoria ancestral ou saber tradicional e multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos. O surgimento da comunidade se deu a partir de uma propriedade familiar do ano de 1970, quando uma das proprietárias passou a sonhar com “dar vida para o lugar” (Entrevista com representante da C3, 2021) que estava parado há um tempo. O processo de associativismo no início se deu a partir da mudança de um grupo de amigos para a propriedade em 2012, que a princípio serviria como moradia, sempre acompanhado da intenção de produzir o próprio alimento, mas, a priori, sem o intuito de constituir uma comunidade. Segundo o responsável, “a gente sempre foi muito deixando o sítio mostrar qual era o caminho” (Entrevista com representante da C3, 2021) e, aos poucos, após a inauguração de um curso no local, manifestou-se um movimento para locação por pessoas que queriam maior contato com a natureza.

Segundo entrevistado, no início eram apenas quatro pessoas e outros foram chegando no intuito de conhecer mais a respeito do trabalho que estava sendo desenvolvido no local e assim a comunidade foi se constituindo, a partir de voluntários que passaram a morar no local. Segundo o responsável, as pessoas se sentem acolhidas, como se fossem parte de uma família que ultrapassa os limites do espaço: “e uma grande rede, na verdade. Eu sinto que o C3⁴⁶ transcende este espaço” (Entrevista com representante da C3, 2021), acrescenta. Quanto às práticas de sabedoria ancestral ou saber tradicional, se baseiam na Permacultura, que apoia-se na sabedoria de sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento científico e tecnológico (MOLLISON e SLAY, 1998) e inclui práticas de bioconstrução e

⁴⁶ O nome da comunidade foi omitido em função do anonimato a que a pesquisa se compromete a cumprir.

princípios éticos alinhados à valorização da identidade, do entorno e do universo, como já visto anteriormente no subcapítulo 2.3.

No fator senso de propósito coletivo, que engloba as dimensões institucional e social, quanto ao indicador II.I.1, a C3 se mostra preocupada com as relações e com a visão sistêmica envolvida em uma vivência comunitária e se atenta a mantê-la independentemente da atividade desenvolvida. O responsável reitera ainda que tanto para aqueles que vão até a comunidade para realizar cursos quanto para aqueles que estão em busca de uma vivência, o indivíduo passa pela experiência comunitária, que engloba diversos âmbitos e caracteriza a multidisciplinaridade. Acrescenta, “não só para o lazer e pronto” (Entrevista com representante da C3, 2021). Na dimensão social, no que diz respeito a sistemas de governança e participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos, a C3 se pauta em uma subdivisão da comunidade em sete áreas que compõem grupos de moradores, divididas em cozinha, agrofloresta, Permacultura, educação, infraestrutura, administrativo e comunicação. Segundo o responsável da C3, cada área tem um gestor e, apesar dos grupos gozarem de autonomia, “decisões maiores precisam estar na reunião de planejamento” (Entrevista com representante da C3, 2021), nas quais, semanalmente, questões a serem decididas conjuntamente são colocadas em pauta para discussão entre todos os integrantes da comunidade. Quanto ao indicador II.S.2, que se refere ao nível de valorização agricultura familiar e local que extrapola as relações internas da comunidade, mas se refere mais especificamente à construção de parcerias, é possível inferir que a comunidade atende parcialmente. Apesar de ter como foco a produção de alimento, como já observado na análise do indicador I.A.6, deixa a desejar no aspecto que se refere à construção de parcerias, uma vez que embora priorize a compra de produtores parceiros, manifesta que nem sempre é possível adquirirem tais itens em nível local.

O terceiro fator, que aborda a relação do ser humano com a natureza a fim de que este adquira maior compreensão dos sistemas vivos, engloba relação com o ambiente e observação do entorno (III.A.1) e existência de programas de conscientização da comunidade (III.S.1), ambos atendidos pela C3, que trabalha a relação com o entorno por meio de projetos que visam conscientizar tanto os seus integrantes, quanto indivíduos externos que visitem a comunidade. A relação entre ambos os indicadores chama a atenção como um dos pontos fortes da comunidade,

que, de acordo com entrevistado, se aproxima de um movimento de conscientização para lembrar as pessoas da importância de uma mudança de hábitos a fim de que se possa viver de uma maneira mais saudável não apenas para o ser humano, mas também para o planeta, nas palavras do responsável pela C3: “sinto que é uma sementinha que a gente planta em cada um que vem e vai se espalhando” (Entrevista com representante da C3, 2021). Além das vivências que a C3 proporciona para seus voluntários, a comunidade mantém um projeto educativo para as crianças da propriedade, no qual, por meio das brincadeiras ao ar livre, contato com a natureza e trabalho com as emoções, as crianças possam ter uma infância livre. O entrevistado reitera que considera de extrema importância que as crianças saibam reconhecer as suas emoções, tenham acolhimento e se relacionem entre elas e reitera que “as crianças também foram um dos grandes motivos pra gente estar aqui” (Entrevista com representante da C3, 2021). Além disso, todas interagem com o restante da comunidade o tempo todo e participam de atividades do dia a dia, inclusive relacionadas à agrofloresta e bioconstrução. Segundo o responsável, a sala de aula das crianças é a floresta, uma vez que estas estão se relacionando com a natureza o tempo todo para, a partir disso, “eles já vão naturalmente se inserindo nesse ciclo mais natural, nesse tempo mais cíclico e mais natural” (Entrevista com representante da C3, 2021).

A partir da entrevista foi possível constatar, portanto, que além de atender ao fator de relação do ser humano com a natureza para maior compreensão dos sistemas vivos, a comunidade trabalha de maneira consistente em espaços voltados para o desenvolvimento de relações e reflexões, bem como para o envolvimento das partes envolvidas, essenciais para o entendimento e relação com o lugar, como mencionado nos processos de design experiencial e co-design para o turismo regenerativo, desenvolvidos por Avecilla (2018).

No penúltimo fator, ao compreender os processos de design para o turismo regenerativo mencionados a C3, espontaneamente, atende ao indicador IV.I.1, que corresponde aos processos de design. Para o indicador IV.S.1, é possível concluir a partir da entrevista concedida, que a C3 possui processos de tomada de decisão bem estruturados, com reuniões semanais divididas entre reuniões de planejamento, que englobam os projetos a serem desenvolvidos, reuniões de convivência, voltadas para aspectos relativos à organização e zeladoria da comunidade, e “reuniões do

coração" (Entrevista com representante da C3, 2021), para que os indivíduos compartilhem sobre seus sentimentos, atendendo ao IV.S.1 e, conseqüentemente, contempla o fator planejamento multidisciplinar *top-down* e *bottom-up* envolvendo todos os atores (AVECILLA, 2018).

As experiências de voluntariado desenvolvidas pela C3, que recebe voluntários e visitantes periodicamente, se caracterizam como vivências de cunho comunitário, nas quais os visitantes têm a oportunidade de estarem inseridos na rotina do dia a dia da comunidade. Segundo o responsável, sempre existe um planejamento para que sejam passados conteúdos diversos para que os voluntários aprendam sobre temáticas distintas. As experiências são desenvolvidas com base no que a C3 faz regularmente, como trabalhos com a composteira, banheiro seco, agroflorestal e bioconstrução, que, apesar de já fazer parte do dia a dia da comunidade, é trabalhado de uma forma que a pessoa consiga ter uma experiência significativa, podendo levar consigo algum conteúdo e informações acerca do que foi trabalhado, contemplando assim o indicador V.ASC.1 e, conseqüentemente, o fator experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma.

Diante do questionamento a respeito da intenção de continuar recebendo visitantes externos, por meio de seu representante, a C3 respondeu positivamente e acrescentou "a gente tem muito interesse em continuar com o nosso trabalho porque acho que a nossa grande vocação é essa: que as pessoas venham experienciar" (Entrevista com representante da C3, 2021) e reitera que, quando se fala de "produto", o principal foco da C3 é a experiência e a vivência em si. Quando questionado sobre o alinhamento entre comunidade e visitante o representante respondeu que é importante que o indivíduo externo esteja preparado para se inserir na vida comunitária e que, para tal, é necessário que se esteja "com a cabeça aberta para conhecer coisas diferentes, para se relacionar com as pessoas" (Entrevista com representante da C3, 2021) e, nas palavras do entrevistado: "acho que a gente tem que tirar um pouco o "eu" da frente e colocar o coletivo" (Entrevista com representante da C3, 2021).

Por fim, de acordo com a análise realizada, as práticas e a infraestrutura da C3 atendem a 15 indicadores, sendo "relação com o ambiente e observação do entorno"

e “existência de programas de conscientização da comunidade” pontos de destaque, ambos correspondentes ao fator “ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos”. A comunidade ainda atende parcialmente a 3 e não atende a 1 dos 19 indicadores para o turismo regenerativo.

Quadro 11 — Quadro para análise da Comunidade 4

Comunidade 4 – C4	
Caracterização: Propriedade isolada	
Principais atividades: Bioconstrução, Permacultura, Espiritualidade, Educação ambiental	
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM (X) NÃO ()	
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? O representante menciona que a C4 não incentiva o uso de entorpecentes de qualquer natureza (álcool, medicações etc.), “não como regra ou proibição” (Entrevista com representante da C4, 2021), mas é importante que a comunidade e o visitante “estejam na mesma frequência para uma experiência mais presente” (Entrevista com representante da C4, 2021). O indivíduo deve estar ciente de que terá uma experiência de contato com a terra e será estimulado a tal, então deve estar aberto a fazer transformações em qualquer nível: “se você não estiver indo pra lá para levar os mesmos hábitos, levar as mesmas ideias, a gente não consegue ter uma experiência verdadeira” (Entrevista com representante da C4, 2021) e acrescenta “a nossa ideia não é restringir, mas propor uma outra experiência e, se a pessoa não está buscando por isso não adianta a gente forçar” (Entrevista com representante da C4, 2021). Adianta que, anteriormente, as orientações de alinhamento eram enviadas por áudio, mas estão desenvolvendo um “guia de convivência” (Entrevista com representante da C4) que será encaminhado ao visitante. Ademais, a C4 propõe alimentação sem carne e sem álcool.	
Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Atende
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto/saneamento	Atende parcialmente
I.A.3. Fontes de energia	Não atende
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Atende
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende
I.S.1. Processo de associativismo	Atende
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Atende
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Atende*
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende*
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Atende
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende parcialmente
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Atende
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende
Outras informações: A C4 se localiza em um sítio com cerca de 70% de mata preservada e possui parceria com a plataforma <i>Worldpackers</i> ; na virada de 2019 para 2020 estava com 25 voluntários e pouco antes de começar a pandemia contava com 15 pessoas no total, sendo 3 ou 4 residentes fixos e o restante voluntários; a procura por camping cresceu durante a pandemia (cadastro na plataforma	

MaCamp); de acordo com o representante, foi se tornando inviável manter o sítio e no momento se encontram fechados, com apenas 3 moradores cuidando do local; a pretensão é retomar as atividades de maneira mais estruturada no início de 2022.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O surgimento da comunidade 4 (C4) se dá a partir de uma busca pessoal de seu representante que, sozinho, passou por uma jornada acerca de escolhas para entender melhor o seu papel na vida. Durante o processo, conta que acabou conhecendo a Permacultura e bioconstrução em experiências em Ecovilas e comunidades distintas e passou pelo "despertar da percepção da vida coletiva" (Entrevista com representante da C4, 2021). Assim, junto à sua companheira, a C4 se consolida em 2018 como um espaço de transformação em um sítio com cerca de 70% mata preservada.

No que diz respeito aos indicadores institucionais do primeiro fator, o representante da C4 conta que a essência do espaço se resume em ter pessoas: "eu sempre disse que esse projeto é feito por pessoas e para pessoas" (Entrevista com representante da C4, 2021) e que, se não existem pessoas envolvidas, o projeto não tem muito sentido em existir.

Por meio de hospedagem, eventos, cursos e voluntariados a C4 se pauta na transformação e reitera sobre a importância de que "as pessoas dispostas a fazer transformação estejam vivenciando" (Entrevista com representante da C4, 2021). Apesar de não seguir uma linha teórica ou filosófica específica, a C4 se constitui como um espaço de transformação nos âmbitos físico, mental e espiritual por meio de atividades como plantio e construção. Se identifica como um sítio agroecológico, uma vez que o representante em questão entende que a agroecologia e Permacultura são práticas análogas, uma vez que ambas envolvem o cultivo e a interação com a natureza buscando o equilíbrio. Nas palavras do entrevistado: "a Permacultura talvez abranja um pouco mais a parte prática da bioconstrução e da metodologia social de se organizar, a Sociocracia e coisa do tipo, mas são praticamente a mesma coisa" (Entrevista com representante da C4, 2021). Mais adiante, de acordo com informações coletadas, há intenção de desenvolver uma linha espiritual de meditação, trabalho com yoga e CNV. Em função de seus valores e atividades desenvolvidas, que englobam princípios que coincidem com a valorização da identidade, do entorno e do universo, a C4 atende, portanto, aos fatores I.I.1 e I.I.2.

No que diz respeito à infraestrutura e relação com o ambiente, a C4 trabalha com bioconstrução desde a sua chegada ao sítio, uma vez que este não contava com edificações. Atualmente o local dispõe de cerca de 120m² de área construída, incluindo cozinha, área externa e oficina, levantadas com base em técnicas de bioconstrução. Além das estruturas sólidas, a C4 possui estufa e viveiro de mudas construídos com bambu e lona com o apoio e participação em cursos gratuitos do SENAR⁴⁷, bem como um chalé de hiperadobe, construído com bambu e telha reciclada. Assim, os materiais utilizados nas estruturas compõem madeira, hiperadobe, bambu, pau a pique, peças reaproveitadas e telhas de plástico reciclado. A C4 recebe doações como telhas de barro e, complementar aos outros materiais, as reaproveita. Diante dos fatos apresentados, contempla, portanto, o indicador I.A.1, que diz respeito às práticas utilizadas na construção da infraestrutura.

De acordo com material coletado em entrevista, a C4 está passando por um processo de aprimoramento no que diz respeito às estruturas de saneamento. Atualmente possui banheiros secos, que, segundo o entrevistado, após determinado tempo de uso, são fechados e reabertos após o período de compostagem, além de um chalé com fossa biodigestora. Assim como na C3, a C4 compartilha do propósito de utilizar diferentes técnicas sanitárias a fim de que estas desempenhem um papel de referência.

O tratamento da água da pia da cozinha, por sua vez, é realizado por meio de um círculo de bananeira e, segundo o representante, está em processo de aprimoramento, uma vez que devido à ausência de caixa de gordura “não está funcionando como deveria” (Entrevista com representante da C4, 2021). Do mesmo modo, devido à captação inadequada, a água advinda do chuveiro atualmente é direcionada para a zona de raiz. Apesar de não dispor de água negra, uma vez que a comunidade em sua maioria usufrui de banheiros secos, o responsável reconhece que não é o ideal e que, portanto, pretende que a adequação seja realizada o quanto antes. A água utilizada no sítio, por sua vez, é advinda de nascentes. Assim,

⁴⁷Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR): entidade que tem como objetivo contribuir para “contribuir com a formação e a profissionalização das pessoas do meio rural em todo o território nacional” (SENAR, c2021, on-line).

apesar de dispor de sistemas de saneamento baseados em técnicas de bioconstrução, devido às adequações requeridas para que estes funcionem da maneira correta, a C4 atende parcialmente o indicador I.A.2.

O indicador I.A.3, por sua vez, não é atendido, uma vez que a comunidade ainda não dispõe de fontes de energia renovável locais. Segundo o responsável, há possibilidade de trabalho com energia solar, eólica e até hidrelétrica, contudo os materiais para instalação ainda são custosos e, neste caso, haveria necessidade de firmarem parceria para que a ideia pudesse se concretizar.

No que diz respeito à coleta de resíduos sólidos, a C4 dispõe de uma estação apelidada de “transmutação” (Entrevista com representante da C4, 2021), na qual todos os materiais são reutilizados ou separados para que a destinação correta seja feita. Segundo o representante, alguns tijolos ecológicos são feitos com o plástico gerado e o que não pode ser reaproveitado é separado “da melhor maneira” (Entrevista com representante da C4, 2021) para que seja direcionado a duas estações de reciclagem externas. O resíduo orgânico é direcionado para a composteira do sítio, que fornece adubo para o plantio e cultivo. Além disso, a C4 recebe doações de alguns materiais como telhas de barro para que, posteriormente, estas possam ser utilizadas na construção. Assim, diante da circularidade do processo de coleta de resíduos sólidos, a C4 atende ao indicador I.A.4.

Ainda referente à dimensão ambiental do primeiro fator, no tocante às técnicas produtivas e origem da alimentação, ao se utilizar de práticas de Permacultura e bioconstrução, produção do próprio alimento, constituição de parcerias locais e incentivo à alimentação vegetariana e frugívera⁴⁸ por meio de práticas do dia a dia e eventos, a C4 contempla tanto o indicador I.A.5 quanto o indicador I.A.6. O indicador I.S.1 é igualmente atendido, uma vez que, ao aproximar voluntários e visitantes por meio de mutirões ou turismo, a comunidade estabelece uma rede de indivíduos que pouco a pouco se movimentam e constroem juntos, atraindo cada vez mais pessoas que, com diferentes níveis de experiência comunitária, fazem parte de um todo condizente com o modelo estudado.

⁴⁸ Dieta à base de frutas.

Com base no histórico, surgimento e crescimento da C4, que se deu de maneira progressiva, a comunidade manifesta princípios alinhados aos processos de design do turismo regenerativo. Ao promover a importância das pessoas nas atividades, a necessidade do contato com a terra e a ideia de transformação como um propósito, a comunidade retoma o processo de design do lugar (AVECILLA, 2018), que, por meio da criação conjunta, tem como base a relação entre as pessoas, o lugar e a identidade deste e que, portanto, atende o indicador I.C.1. Igualmente, no que se refere à existência de práticas de sabedoria ancestral ou saber tradicional, ao se fundamentar na Permacultura, que por seu surgimento se apoia na sabedoria de sistemas produtivos tradicionais.

Quanto à multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos, tanto na experiência dos voluntariados, quanto nos cursos, encontros, eventos e mutirões, o representante revela diversidade nas propostas, ao mencionar encontros com famílias que, realizados em meio à natureza, tiveram como intuito aproximar as pessoas por meio de acampamentos, alimentação e convivência. Além dos encontros, o representante conta a respeito de retiros, como um evento frugívoro ocorrido durante o carnaval, que proporcionou aos integrantes uma experiência de nove dias com consumo apenas de frutas e verduras. Assim, pode-se dizer que o indicador II.I.1 é atendido em função do caráter variado das atividades propostas pela comunidade, que mantém-se a partir de cursos, voluntariados, encontros e mutirões.

Diante do processo de surgimento e consolidação da comunidade, que contou com a presença e envolvimento de vizinhos e voluntários em mutirões, a comunidade atende e se destaca no que diz respeito à participação de indivíduos no desenvolvimento de projetos, uma vez que retoma o processo de design de AVECILLA (2018) que se refere ao design holístico ou sistêmico, que parte do pressuposto que, a fim de que se compreenda o funcionamento e as interações existentes em determinada localidade, é necessário que haja interação com a população autóctone. O representante relata que nos primeiros seis meses do sítio seus vizinhos o acolheram e que, na sequência, a fim de colaborar na construção da estrutura existente, diversos mutirões ocorreram, dentre eles o projeto de proteção e captação de água de nascente. Ainda na dimensão social, no tocante à valorização da agricultura familiar e local, pode-se dizer que, em função das parcerias estabelecidas em diferentes níveis e setores, a comunidade C4 preza pelas

relações. O representante menciona a existência de um grupo com mais de 30 projetos de produtores locais da cidade, além dos produtores da região, voltado para parcerias entre projetos variados pautados na agroecologia: “antes da pandemia a gente tinha muito o hábito de colaborar, a gente ia nos sítios ajudar, fazer mutirões e tudo mais e eles vinham na C4⁴⁹ também, muitas vezes e, mais do que uma rede, formou uma amizade” (Entrevista com representante da C4, 2021), conta.

Diante dos fatos mencionados, no fator que se refere ao senso de propósito coletivo da comunidade, é possível inferir que a C4 se destaca na dimensão social, uma vez que, como já absorvido a partir do referencial teórico, é essencial que se desenvolva o senso de propósito coletivo a fim de que “se estabeleça o que é importante e significativo para a comunidade e o que deve ser mantido” (AVECILLA, 2018, p. 91, tradução nossa)⁵⁰.

Tanto a história, quanto os valores e relatos da C4 demonstram preocupação com o entorno e com as pessoas, que por meio de práticas que envolvem o contato com a terra, são capazes de passar por transformações: “a ideia da transformação como propósito é muito ampla, pode trazer vários formatos, várias variáveis, mas acho que a principal é você estar aberto a fazer essas transformações em qualquer nível e perceber que você está ali pra isso” (Entrevista com representante da C4, 2021). Por meio do uso de espaço para atividades voltadas para conscientização, até antes da pandemia, a C4 promoveu eventos de cunho educacional, com o intuito de integrar famílias e crianças em encontros que possibilitavam o contato com a natureza e a relação entre as pessoas. Em um dos encontros parcerias externas possibilitaram trocas referentes à temática de “uma educação mais viva e mais consciente” (Entrevista com representante da C4, 2021), no qual os pais puderam assistir a uma palestra e as crianças focaram em atividades externas. Segundo o entrevistado a C4 pretende estar cada vez mais próxima a temáticas voltadas para atitudes e relação com as crianças, inclusive CNV e, em função das informações coletadas em entrevista e análise de todo o material, a C4 atende aos indicadores referentes à

⁴⁹ O nome da comunidade foi omitido em função do anonimato a que a pesquisa se compromete a cumprir.

⁵⁰ No original: “se establezca lo que es importante y significativo para la comunidad y qué es lo que debe mantenerse” (AVECILLA, 2018, p. 91).

relação com o ambiente e observação do entorno (III.A.1) e à existência de programas de conscientização da comunidade (III.S.1).

Quanto a experiências desenvolvidas com voluntários, o representante menciona que “fluiu naturalmente muito bem no começo” (Entrevista com representante da C4, 2021), no qual era possível estabelecer um acompanhamento próximo do voluntário, a fim de ensinar práticas, uma vez que não existiam tantas demandas, mas aos poucos, conforme foram surgindo novos projetos “a coisa se perdeu um pouco, porque a gente começou a ter tantos projetos ao mesmo tempo e aquilo acabou se tornando dependente do voluntariado” (Entrevista com representante da C4, 2021). O representante acrescenta “então hoje a gente percebeu que a gente precisa ser um pouquinho mais pé no chão, realmente fazer projetos que não dependam do voluntariado e que a gente consiga dar atenção para o voluntário ou voluntária de maneira mais cuidadosa” (Entrevista com representante da C4, 2021). Ainda que a C4 esteja no processo de adequação de alguns projetos, a elaboração de eventos e retiro relatadas nos outros indicadores contemplam processos de design melhor estruturados. Diante disso, entende-se que o indicador IV.I.1 é atendido parcialmente, como ponto de aperfeiçoamento para melhor adequação ao modelo de turismo regenerativo, uma vez que, como apontado no subcapítulo 3.1, uma governança baseada em um processo de auto-organização é importante, contanto que seja capaz de manter a sustentabilidade (AVECILLA, 2018).

Apesar de contemplar grande parte dos indicadores até este momento, uma vez que a comunidade se revela preocupada com o entorno e com suas relações, os processos de design, de acordo com análise dos relatos do entrevistado, manifestam-se como um ponto de atenção. A comunidade, que sempre se baseou na autogestão e em um caráter familiar, trabalha com atividades variadas e requer planejamento bem estruturado a fim de seus projetos fluam como esperado.

Como já mencionado anteriormente, a C4 se pauta em um modelo de autogestão e, portanto, leva consigo critérios de convivência que prezam pelo diálogo no que diz respeito à resolução conflitos e escuta à opinião e ao ponto de vista do outro. Além disso, compreende rodas de partilha das quais, segundo o entrevistado, os voluntários também são convidados a participar e se envolver, fazendo com que o indicador IV.S.1 seja contemplado.

Por fim, ainda que a comunidade deva se atentar aos processos de design, no fator que diz respeito a experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma a C4 oferece o que é necessário no que diz respeito ao caráter das experiências desenvolvidas, uma vez que o indicador se refere ao cunho educacional ou de conscientização do visitante, que deve entender o lugar como um sistema vivo (AVECILLA, 2018). Os pontos citados podem ser observados nas experiências já mencionadas até então que, por meio da interação entre as pessoas e o meio no qual estão inseridas, têm a oportunidade de experienciar na prática a agroecologia e bioconstrução propostas.

Quanto às experiências de voluntariado, que segundo o responsável, “eram voltadas para aquilo que estava acontecendo no momento” e fluía de acordo com as demandas, é possível inferir que atende ao que o turismo regenerativo se propõe e, ainda que possam ser estruturadas de modo a garantir a sustentabilidade dos processos de design, atende ao conceito de turismo como ferramenta de estímulo no trabalho da relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a Terra (AVECILLA, 2018).

Diante da análise realizada, por fim, a comunidade C4 atende a 16 dos 19 indicadores propostos, sendo “participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos” e “nível de valorização agricultura familiar e local” pontos de destaque, ambos correspondentes à dimensão social. Apenas 2 indicadores foram parcialmente atendidos e 1 não foi atendido.

Quando questionado sobre o interesse em continuar recebendo indivíduos externos, o representante respondeu que não há dúvidas, uma vez que, em suas palavras: “eu sempre disse que esse projeto é feito por pessoas e para pessoas” (Entrevista com representante da C4, 2021) e que, independentemente do formato ou atividade desenvolvida, “a essência do espaço é ter pessoas” (Entrevista com representante da C4, 2021). Referente ao alinhamento entre as partes, o representante menciona que a C4 não incentiva o uso de entorpecentes de qualquer natureza, “não como regra ou proibição” (Entrevista com representante da C4, 2021), mas no intuito de que tanto a comunidade quanto o visitante “estejam na mesma frequência para uma experiência mais presente” (Entrevista com representante da C4, 2021). Além disso, acrescenta que o indivíduo deve estar ciente de que terá uma experiência de contato

com a terra, que requer transformações em níveis distintos: “se você não estiver indo pra lá para levar os mesmos hábitos, levar as mesmas ideias, a gente não consegue ter uma experiência verdadeira” (Entrevista com representante da C4, 2021).

Quadro 12 — Quadro para análise da Comunidade 7

Comunidade 7 – C7	
Caracterização: Projeto, Propriedade isolada	
Principais atividades: Permacultura, Bioconstrução	
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM (X) NÃO ()	
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? O representante da C7 informa não compactuar com ideias que caminham contra a preservação da natureza e com ideias de preconceito ou de exclusão social: "eu não quero esse público aqui" (Entrevista com representante da C7, 2021), acrescenta "para esse tipo de coisa eu sou meio seletivo" (Entrevista com representante da C7, 2021). Reitera que as pessoas devem lembrar que a C7 é "um camping quase selvagem" (Entrevista com representante da C7, 2021) e que, portanto, devem estar atentas a animais que podem surgir. O que as pessoas precisam saber é como chegar e o que trazer e que "nem sempre o caminho curto é o melhor caminho" (Entrevista com representante da C7, 2021), assim, o representante sugere que sigam as recomendações passadas. Acrescenta que as pessoas que procuram o projeto já olharam o site e já entenderam a proposta: "eu não preciso explicar muito" (Entrevista com representante da C7, 2021).	
Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende*
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende parcialmente
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Atende parcialmente
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Atende parcialmente
I.A.3. Fontes de energia	Não atende
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Atende
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende
I.S.1. Processo de associativismo	Não atende
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Atende
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Não atende
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Atende parcialmente
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende parcialmente
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Não atende
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende parcialmente
Outras informações: A região da C7 conta com a presença de cachoeiras, pesqueiros e esportes de aventura como rafting; o projeto firma parcerias informais: "meu marketing todo funciona em página do Facebook e gente que conhece gente: é assim que caminha" (Entrevista com representante da C7, 2021); em função da pandemia, desde novembro de 2020 o sítio reabriu e só está aceitando um grupo, casal ou família por vez, além do distanciamento para evitar contato próximo, conta o representante.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A comunidade 7 (C7) atualmente é composta de apenas um morador fixo, que em busca de “aproveitar o máximo possível que a natureza oferece” (Entrevista com representante da C7, 2021) passou a habitar um sítio do qual já era proprietário. Segundo o representante, a ideia do projeto é encontrar indivíduos que tenham o objetivo de conviver com a natureza e de buscar uma alternativa à vida urbana: “eu acho que a urbe é uma solução inviável pro futuro” (Entrevista com representante da C7, 2021). Ao buscar aproximar as pessoas da natureza, a C7 se adequa ao fator I.I.1 e se destaca. No que diz respeito aos valores, o caráter de proximidade com a natureza traz aproximação ao modelo estudado, sobretudo por meio da ideia do projeto que, segundo o entrevistado, “é mais filosófica do que capitalista” (Entrevista com representante da C7, 2021), uma vez que para uma mudança de paradigma é necessário que “as pessoas importem mais do que os mercados e o dinheiro, e que possa ser mensurado de acordo com o bem estar dos humanos e todas as outras formas de vida” (AVECILLA, 2018, p. 88, tradução nossa)⁵¹.

O intuito das atividades desenvolvidas na C7 é tirar o sustento do sítio, acrescenta “o objetivo aqui nunca foi turismo. Isso aqui é uma isca na verdade” (Entrevista com representante da C7, 2021). Atualmente aluga casinhas no modelo *tiny house* para pessoas que têm o intuito de se aproximar da natureza. Os aluguéis são apenas para longos períodos, de no mínimo um ano, e para aqueles que procuram por um espaço para passar curtos períodos existe a possibilidade de hospedagem no camping do sítio. Apesar do intuito de promover a relação do ser humano com o seu entorno por meio dos valores que guiam a C7, a ausência de atividades que visem auxiliar os indivíduos neste processo reflete no indicador I.I.2, que, por este motivo, é atendido apenas parcialmente. O turismo regenerativo compreende processos que requerem a interação de indivíduos externos com a população autóctone para entendimento do funcionamento e das interações existentes na localidade (AVECILLA, 2018), uma vez que estas irão refletir no processo de conscientização do indivíduo.

⁵¹ No original: “las personas importen más que los mercados y el dinero, y se mida de acuerdo al bienestar de los humanos y todas las formas de vida” (AVECILLA, 2018, p. 88).

Quanto às práticas utilizadas na infraestrutura da C7, duas das casas da propriedade foram construídas no modelo convencional, com tijolo simples e, aos poucos, as *tiny houses* foram sendo construídas com técnicas distintas. Segundo o entrevistado, no primeiro “refúgio” (Entrevista com representante da C7, 2021) foram utilizadas madeiras e técnicas que, segundo ele, não são ideais para o momento atual, mas que eram utilizadas na época (1998). O representante acrescenta ainda que, por falta de conhecimento e experiência, muitos erros foram cometidos e que, para as novas construções, puderam ser corrigidos. Outra estrutura do sítio conta com materiais como COB⁵² e madeira reaproveitada, enquanto um dos refúgios é feito de pau a pique com telhado de fibrocimento e, mais recentemente, outra *tiny house* está sendo levantada em COB com telhado verde. Além da estrutura, existe a preocupação com os móveis e decoração internos, que são feitos no próprio sítio com madeiras da mata, tábuas convencionais, reaproveitamento de materiais e tingimento natural. Assim, diante dos fatos apresentados, a C7 atende parcialmente ao indicador I.A.1, que diz respeito às técnicas utilizadas na construção da infraestrutura, uma vez que, apesar da preocupação com o entorno e intenção de corrigir erros cometidos no passado, as técnicas de bioconstrução utilizadas contemplam apenas parte da estrutura existente.

A C7 dispõe de fossa séptica em grande parte da propriedade e em uma das casas possui separação da água negra (de vaso sanitário) da água cinza (de pia e chuveiro), neste caso, a água negra vai para a fossa séptica e a água cinza vai para um círculo de bananeira no qual a água se infiltra. Reitera ainda que algumas soluções como captação de água da chuva são inadequadas para a C7 e que, por este motivo, não há sentido em dispendar tempo e recurso para tal. A água, por sua vez, é advinda de uma das quatro nascentes existentes e reitera que as três que não são utilizadas se mantêm preservadas em meio à mata. No tocante à energia, o sítio depende da energia externa das fontes convencionais e, apesar de pretender utilizar fontes próprias, no momento não dispõe de recursos para tal. Assim, a C7 atende parcialmente ao fator I.A.2, uma vez que os processos utilizados no tratamento de

⁵² Devido à sua composição, de argila, areia e palha, o COB é um material comumente utilizado como técnica de bioconstrução para edificar paredes. Possui vantagens quanto a variações de temperatura, uma vez que é capaz de manter a estrutura quente no inverno e fresca em estações de calor (ECOEFICIENTES, c2014).

saneamento, apesar de atenderem à demanda do sítio, não se enquadram integralmente a práticas consideradas de bioconstrução. E não atende ao fator I.A.3, uma vez que não dispõe de fontes de energia renovável locais.

No que se refere a processos de coleta de resíduos sólidos, a C7 atende ao indicador I.A.4, uma vez que esta faz a compostagem de todo o resíduo orgânico gerado, direciona os recicláveis para um depósito e o lixo comum nas caçambas de coleta nas proximidades do sítio, uma vez que não há coleta do município na região. Além disso, segundo o representante da C7, muitos materiais são coletados no depósito de reciclagem, com o qual tem uma parceria, e utilizados para nas construções ou fabricação de móveis para o sítio. A utilização de técnicas de Permacultura, bioconstrução e outros saberes nos projetos da C7, bem como a produção local de orgânicos e troca com propriedades da região, mencionadas durante a entrevista, atendem aos indicadores I.A.5 e I.A.6, que fazem referência ainda à valorização da identidade, do entorno e do universo.

O processo de associativismo, contudo, apesar do objetivo de atrair pessoas a fim de que estas se aproximem da natureza, não aconteceu de maneira integrada. O representante da C7 conta “já tive diversas pessoas morando aqui, mas não aconteceu essa coisa de se integrar, de fazer alguma coisa aqui. Era só a questão de morar num lugar legal, no meio da natureza, desenvolver uma atividade à distância num lugar agradável” (Entrevista com representante da C7, 2021) e acrescenta que poucas tiveram interesse no que vem sendo desenvolvido na localidade: “eu continuo na busca disso” (Entrevista com representante da C7, 2021).

As pessoas que procuram pela C7 atualmente “não vêm necessariamente fazer turismo, elas vêm buscar uma alternativa” (Entrevista com representante da C7, 2021) e, de acordo com a entrevista concedida, são pessoas que alugam por um período e acabam passando o final de semana ou desenvolvendo alguma atividade voltada para arte e música, por exemplo. Muitos são indivíduos que possuíam uma vida fora e usavam o sítio como uma base. Assim, tem-se que o indicador que se refere ao processo de associativismo não é atendido pela C7, uma vez que, dentre os processos do turismo regenerativo de Avecilla (2018) o co-design, que diz respeito à criação conjunta de um propósito comum, não foi observado no discurso.

Neste âmbito, a conexão entre as partes envolvidas é essencial para entender o modo como estas compartilham e impactam o lugar em questão, a fim de que haja entendimento acerca dos tipos de relação que se deve construir com a localidade.

O sítio passou por diversas fases, desenvolvendo diversos tipos de atividade que vão desde apicultura e fungicultura até ecoturismo e turismo de aventura. Tendo sempre presentes práticas como Permacultura, agricultura biodinâmica, agricultura orgânica e bioconstrução, atualmente se resume no objetivo de “aproximar as pessoas da natureza” (Entrevista com representante da C7, 2021). Além das práticas mencionadas, o representante da C7 cita trocas de conhecimento com vizinhos e outras pessoas da região e acrescenta “sempre tem uma troca” (Entrevista com representante da C7, 2021) na qual se acaba ensinando e aprendendo. Diante disso, os indicadores I.C.1, I.C.2 e II.I.1, que se referem respectivamente à “história e surgimento da comunidade”, “existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional” e “multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos”, são atendidos.

De acordo com a entrevista concedida pelo representante da C7, tudo o que há na propriedade atualmente foi construído por suas mãos com a ajuda do caseiro. Conta que fez mutirão no qual “foi muito legal o lado social, o lado de troca de informações e tudo mais, mas em termos de trabalho que deu pra organizar, e o rendimento e o custo emocional e financeiro de tudo não me satisfaz, então eu resolvi não fazer mais mutirões” (Entrevista com representante da C7, 2021) e que já chegou a chamar voluntários, mas relatou não ter gostado da experiência, assim, passou a fazer tudo sozinho com a ajuda do caseiro, quando havia caseiro. Entende que a partir de trocas com outras pessoas da região, acaba ensinando e aprendendo, como já mencionado anteriormente, uma vez que estas trocas nem sempre são possíveis dentro do sítio, no qual os visitantes e eventuais moradores não participam dos processos de Permacultura e bioconstrução “as pessoas vêm pelo sossego e pela natureza, para recarregar as energias” (Entrevista com representante da C7, 2021). A ausência de participação de outros indivíduos nos processos e projetos chama a atenção de modo desfavorável para o modelo estudado, uma vez que neste se trata da importância da idiosincrasia local no desenvolvimento de um sentimento de pertencimento por parte dos envolvidos a fim de que a sociedade

possa vir a ser comunidade (AVECILLA, 2018). Deste modo, o indicador II.S.1 não é atendido pela C7.

Por outro lado, o caráter de trocas e parcerias locais estabelecidas com vizinhos e conhecidos, bem como o modo de vida que descreve a C7, que se baseia em “viver uma vida muito simples, com muito pouco dinheiro, reaproveitando muito, tentando diversificar e produzir pouco”, o oposto de uma cultura comercial, se encaixam nos indicadores “nível de valorização agricultura familiar e local” (II.S.2) e “relação com o ambiente e observação do entorno” (III.A.1) que, portanto, são atendidos pela C7.

Perante informações coletadas por meio da entrevista, não existe um programa de conscientização que compreenda questões de compreensão dos sistemas vivos, contudo, o responsável conta que, por meio do projeto, filosofia da C7 segue sendo compartilhada: “subversivamente a gente vai divulgando essas ideias” e acrescenta, se referindo a conhecidos e amigos, “essas pessoas que me conhecem é por onde esse conhecimento caminha, é por onde essas ideias caminham” (Entrevista com representante da C7, 2021) e, deste modo, a C7 atende parcialmente ao indicador III.S.1.

Quanto aos processos de design, pode-se inferir, por meio da entrevista concedida, que a C7 se baseia na criação de acordo com o “momento da vida” (Entrevista com representante da C7, 2021). Segundo o entrevistado, há diversos planos para plantio de árvores frutíferas, construção de um barco, por exemplo, mas não há um dia igual ao outro. Por se tratar de um processo que, de acordo com os relatos, se dá conforme as necessidades que surgem na localidade, entende-se que este depende da interação com o lugar e *feedback* constante da interação com a natureza. Assim, apesar de não englobar todos os envolvidos atende minimamente aos processos de design.

Da mesma maneira que a C7 não atende ao indicador II.S.1, o sítio não atende o indicador que se refere ao envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão, uma vez que, do mesmo modo que não há participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos, como já mencionado anteriormente, também não há em processos de tomada de decisão.

No que diz respeito ao fator “experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma”, que abrange as dimensões ambiental, social e cultural, apesar de proporcionar experiências no que o representante chama de “um camping quase selvagem” (Entrevista com representante da C7, 2021), não há desenvolvimento de atividades práticas conjuntas. Já houve tentativas de desenvolver um curso voltado para bioconstrução, uma vez que o responsável possuía *know how* para tal, contudo não chegou a acontecer: “nunca fui muito a fim de desenvolver cursos porque sempre achei que tinha um mercantilismo todo em cima disso, uma picaretagem e muita gente que não sabe o que está falando e não quero me envolver com isso”. A experiência no sítio se pauta no contato com a natureza e, nas palavras do entrevistado “Mata Atlântica, pássaros e recursos naturais, é isso que eu proporciono” (Entrevista com representante da C7, 2021), acrescenta “as pessoas vêm pelo sossego e pela natureza, para recarregar as energias” (Entrevista com representante da C7, 2021) e não participam dos processos de Permacultura e bioconstrução. Assim, entende-se que apesar de se distanciar do modelo estudado, uma vez que o design experiencial neste caso não está pautado no encontro entre o visitante e a comunidade anfitriã, é possível observar o caráter de experiências transformativas no que diz respeito à filosofia das três: do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a Terra. Assim, a C7 atende ao último indicador, “caráter das experiências desenvolvidas”.

A C7 adiciona que pretende continuar recebendo pessoas de fora “um dos meus objetivos é aproximar as pessoas da natureza, então enquanto eu tiver a possibilidade de fazer isso, seja através das casas [...], parcerias pra eventos, tipo banho de floresta, e outras coisas assim” (Entrevista com representante da C7, 2021) e, quando questionado sobre o alinhamento entre o projeto e o visitante informou não compactuar com ideias que caminham contra a preservação da natureza e com ideias de preconceito ou de exclusão social. Além disso, lembra que a C7 é “um camping quase selvagem” (Entrevista com representante da C7, 2021). Por fim, adiciona que aqueles que procuram pelo projeto entendem a proposta e assim “eu não preciso explicar muito” (Entrevista com representante da C7, 2021).

A partir da análise da C7, o projeto atende a 9 dos 19 indicadores propostos, sendo “valores da comunidade”, correspondente à dimensão institucional, ponto de

destaque em comparação aos outros indicadores. Ao passo que 6 indicadores foram parcialmente atendidos e 4 não foram atendidos.

Quadro 13 — Quadro para análise da Comunidade 9

Comunidade 9 – C9	
Caracterização: Projeto, Propriedade isolada	
Principais atividades: Arte, Agricultura Orgânica, Espiritualidade	
A comunidade tem interesse em receber indivíduos externos? SIM (X) NÃO ()	
Se sim, o que é necessário que estes saibam antes de visitarem a comunidade? Segundo entrevistado, a não ser que seja alguém de fora, "as coisas ali vão acontecendo pela frequência dos encontros" (Entrevista com representante da C9, 2021) e que a única coisa necessária é que a pessoa traga alguma coisa para a C9, mas que "é sempre o convívio que faz acontecer" (Entrevista com representante da C9, 2021). O representante conta ainda que é necessário que as pessoas tenham "bons anseios"(Entrevista com representante da C9, 2021), porque estes são os responsáveis por trazer um processo que "às vezes a gente nem percebe, mas tem um fio" (Entrevista com representante da C9, 2021) e que, a partir disso, "vão acontecendo coisas que a gente nem imagina" (Entrevista com representante da C9, 2021).	
Indicador	Atende
I.I.1. Valores da comunidade	Atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Não se aplica
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Não se aplica
I.A.3. Fontes de energia	Não se aplica
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Não se aplica
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende
I.S.1. Processo de associativismo	Atende*
I.C.1. História e surgimento da comunidade	Atende
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende*
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Atende
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Não atende
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Atende parcialmente
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende parcialmente
Outras informações: A C9 se localiza no meio urbano, em um espaço construído para ser uma cooperativa dos ferroviários da cidade, e contempla um ateliê, pizzaria e outras áreas e atividades voltadas para "transformação de consciência" (Entrevista com representante da C9, 2021); segundo representante, se constitui como "lugar de encontro" (Entrevista com representante da C9, 2021) ou ponto de "acupuntura urbana" (Entrevista com representante da C9, 2021); representante menciona que devido à pandemia mais indivíduos passaram a querer fazer, aprender; conta ainda que as pessoas são as responsáveis por fazer da C9 o que ela é hoje: "cada um que está ali tem uma força" (Entrevista com representante da C9, 2021); paralelo ao projeto, juntamente a outras pessoas, o representante conta que está no início de um processo de construção de <i>cohousing</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Apesar de estar inserida no meio urbano, a comunidade 9 (C9) foi analisada do mesmo modo que as comunidades localizadas na zona rural. Isso se deve ao caráter de propriedade isolada, ou seja, por se tratar de um projeto atrelado a um espaço físico fixo no qual as atividades desenvolvidas ocorrem. Ainda assim, no próximo subcapítulo será analisada em conjunto com as outras comunidades e, se necessário, serão pensadas modificações nos indicadores ou em suas análises a fim de aprimorar a assertividade da metodologia.

Localizada na zona urbana, como mencionado anteriormente, a C9 surge a partir de um sonho de “encontrar uma linguagem, dentro de tudo o que estava acontecendo, em arte” (Entrevista com representante da C9, 2021), a fim de criar uma identidade capaz de “trazer a singularidade de cada um, da diversidade de cada um ser um ser único dentro do lugar onde está” (Entrevista com representante da C9, 2021). O representante da C9 menciona filosofias como *Goetheanismo*⁵³ como guia para auto-observação e “observação do que está fora, para que a gente possa ser a ponte do que precisa acontecer”. Em diversos momentos da entrevista traz a questão do projeto como um modo singular de fazer a comunicação com o lugar “porque a gente tem que conversar com o lugar” (Entrevista com representante da C9, 2021), nas palavras do entrevistado. Dentre as atividades desenvolvidas destacam-se arte com cerâmica, pintura, cursos, grupo de leitura e discussão, eventos e participação em uma CSA. Assim, tanto os valores da C7, que se pautam em teorias de cuidado com o entorno e com as relações, quanto o caráter das atividades desenvolvidas, fazem com que a C9 atenda aos indicadores institucionais I.I.1 e I.I.2.

A fim de se evitarem equívocos na análise, por se tratar de uma comunidade localizada no meio urbano, contudo, os indicadores I.A.1, I.A.2, I.A.3 e I.A.4, atrelados à infraestrutura, não foram analisados, uma vez que se entende que para análise de tais aspectos seriam necessárias teses direcionadas a um diagnóstico específico para o meio urbano. Do ponto de vista do turismo, contudo, é importante trazer aspectos relacionados à infraestrutura no que diz respeito ao resgate histórico

⁵³ Segundo representante, o método de Goethe funciona como guia para auto-observação e observação do que está fora (Entrevista com representante da C9, 2021).

que a comunidade foi capaz de trazer para seu espaço. Ao utilizar um prédio que no passado era destinado a uma cooperativa de ferroviários da cidade, apesar de não possuir a mesma funcionalidade que tinha anteriormente, no qual era utilizado como uma espécie de mercearia manteve vivo o caráter cooperativo ao qual se comprometia "é um ponto de cooperação, de estar unindo as pessoas" (Entrevista com representante da C9, 2021).

Dentre as diversas atividades desenvolvidas no local, ao se tratar de arte, o trabalho com cerâmica se destaca, uma vez que, por meio deste, o representante conta que "as pessoas podem fazer coisas diferentes" (Entrevista com representante da C9, 2021). Além da aprendizagem e trocas compartilhadas com aqueles que passam pela C9, destaca-se o trabalho com a técnica como outro resgate da essência da cidade, que, segundo entrevistado "praticamente é uma cidade da cerâmica que fracassou no âmbito das cerâmicas industriais" (Entrevista com representante da C9, 2021) a acrescenta "se eu tenho que mexer com alguma coisa tem que ser uma matéria que tem a ver com onde eu estou" (Entrevista com representante da C9, 2021). Apesar de não trabalhar diretamente com agricultura, ainda no que diz respeito às técnicas utilizadas, a comunidade constitui uma CSA e, por meio desta, apoia projetos de agricultura biodinâmica⁵⁴, que é também de onde se origina a alimentação e consumo: "alimentação é o remédio" (Entrevista com representante da C9, 2021). Assim, completando os indicadores da dimensão ambiental, a C9 atende ao I.A.5 e I.A.6.

O processo de associativismo, por sua vez, chama a atenção devido a seu caráter fluido. O representante conta, por meio da entrevista, que o local aos poucos foi se tornando o que chama de "ponto de acupuntura urbana" (Entrevista com representante da C9, 2021). O espaço já existia como um atelier de cerâmica e, desde 2010, passou a abrigar um grupo de leitura semanal para mulheres, voltado essencialmente para espiritualidade. A prática "trouxe um ritmo para um lugar" (Entrevista com representante da C9, 2021), segundo o representante, no qual, aos poucos, outras pessoas passaram a se associar a fim de desenvolver outras

⁵⁴ Segundo entrevistado, se constitui em uma agricultura que envolve os astros com base na antroposofia, ciência espiritual que engloba a vida no céu e na Terra (Entrevista com representante da C9, 2021).

atividades complementares: “uma amiga se juntou e começou a dar aula de yoga” (Entrevista com representante da C9, 2021), na sequência se envolveram em uma CSA, com cerca de 30 outros indivíduos.

A representante conta que a princípio estão criando um movimento para que haja um “ritmo” (Entrevista com representante da C9, 2021), no intuito de que as pessoas possam participar independentemente de dualidades: “a gente quer que as pessoas estejam ali por conta do que as une não por conta do que as separa” (Entrevista com representante da C9, 2021). Assim, a C9 promove eventos, encontros e atividades que abrangem diversos âmbitos, desde celebrações abertas de estações do ano até oficinas de criação literária. Diante dos relatos, nota-se a que, além de serem responsáveis por levar movimento para a comunidade, as atividades desenvolvidas convidam indivíduos externos ao “lugar de encontro” (Entrevista com representante da C9, 2021), a que o representante se refere. Conta que em uma das exposições um casal de uma comunidade localizada em município próximo comentou a respeito da existência de uma CSA e, assim, a C9 passou a constituir-la. “Agora veio um amigo de uma amiga que abriu uma galeria de arte que tem residências artísticas” (Entrevista com representante da C9, 2021), acrescenta. Por meio dos relatos, o representante conta que já chegaram a realizar atividades em parceria com oficinas de outras cidades, como uma oficina de Arpilleras, que consiste em um trabalho advindo de bordadeiras do Chile que, segundo representante, “através do bordado contavam do drama que estavam vivendo, mesmo questões políticas ou questões de opressão” (Entrevista com representante da C9, 2021).

Assim, o processo de associativismo e história e surgimento da C9 contemplam os indicadores I.S.1 e I.C.1, referentes a tais aspectos. O caráter das atividades desenvolvidas, que incluem cultura, arte, espiritualidade, alimentação, além de resgatar a memória por meio de eventos com artesãos da região e oficinas que envolvem sabedoria ancestral, contempla o indicador I.C.2. Quanto à multidisciplinaridade das atividades desenvolvidas, o representante conta que estão abertos para “tudo o que tiver a ver com transformação de consciência, de despertar” (informação verbal) e, portanto, a C9 atende ao indicador II.I.1.

Ainda referente ao fator de senso de propósito coletivo, na dimensão social a C9 se mostra engajada no que diz respeito à participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos, uma vez que se coloca aberta a receber projetos de âmbitos diversos e se pauta na conexão entre as pessoas. Complementar ao projeto, a C9 está trabalhando na possibilidade de constituir um *cohousing*. Assim, atende ao indicador II.S.1 e atende, igualmente, ao II.S.2, que se refere ao nível de valorização agricultura familiar. A C9, além de constituir a CSA, incentiva e acolhe mão de obra local por meio de eventos com artesãos da região e venda de produtos feitos por indivíduos locais. Representante conta que recentemente um dos envolvidos na C9 abriu um café na propriedade no qual “vende as bolachinhas da tia” (Entrevista com representante da C9, 2021) e que, por meio de tal gesto pessoas “que nunca tinham pisado lá” (Entrevista com representante da C9, 2021) passaram a frequentar a C9 a fim de comprá-las, acrescenta: “tudo é construção, o tempo inteiro” (Entrevista com representante da C9, 2021).

Além dos relatos supracitados, em “a gente quer viver do jeito que a gente acha que o mundo deveria ser” (Entrevista com representante da C9, 2021) a C9 se mostra preocupada com relação com o ambiente e observação do entorno, uma vez que, como já mencionado traz em seus valores a importância de “conversar com o lugar” (Entrevista com representante da C9, 2021).

Quanto a programas de conscientização, o responsável relata que há intenção de criar, contudo, “a pandemia não está deixando isso acontecer muito bem” (Entrevista com representante da C9, 2021). Faz a citação de um trecho que menciona que “a cura é ambiente” e atesta que acredita que é o que precisa ser feito, mas que “o importante é ter uma rede de pessoas, mesmo que seja tão informal do jeito que é onde eu estou” (Entrevista com representante da C9, 2021), na qual existe uma rede de pessoas que têm um propósito comum que as fortalece.

Assim, no fator “ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos”, apesar de trazer a valorização do pensamento sistêmico em diversos momentos de seu discurso, a C9 não trabalha no sentido de conscientização do meio por meio de projetos e, assim, atende ao indicador da dimensão ambiental III.A.1, mas atende parcialmente ao fator III.S.1.

No que se refere a desenvolvimento de projetos, nota-se, devido ao caráter fluido atrelado tanto ao processo de associativismo quanto às atividades desenvolvidas na C9, que não há processos de design necessariamente estruturados, uma vez que a comunidade está “experimentando” (Entrevista com representante da C9, 2021). De acordo com os acontecimentos e, do que o entrevistado chama de “frequência dos encontros” (Entrevista com representante da C9, 2021), as atividades vão sendo elaboradas. Tal fato pode estar associado ao processo criativo atrelado à arte e espiritualidade desenvolvidas na C9, que contempla processos como design de lugar, no qual o planejamento é voltado o entendimento do lugar e de suas especificidades, e co-design, que diz respeito ao envolvimento das partes envolvidas a fim garantir entendimento do lugar nos aspectos econômico, natural e cultural (AVECILLA, 2018). Assim, o indicador IV.I.1 é atendido.

Apesar da característica de associativismo se destacar na C9, no tocante ao envolvimento dos indivíduos nos processos se sobressai como um ponto de atenção, uma vez que, apesar do caráter de cooperação e participação dos indivíduos nos projetos, a partir do que foi absorvido da entrevista, nem todas as pessoas envolvidas têm ciência das atividades e processos. Reitera a importância do trabalho coletivo nos processos artísticos “há muito tempo queria fazer este painel, mas sentia que faltavam pessoas” (Entrevista com representante da C9, 2021), contudo não está a par de todos os processos da yoga, por exemplo, que é outra atividade que a C9 contempla. Lembra que apesar de ser um “lugar de encontro” (Entrevista com representante da C9, 2021) cada indivíduo tem a sua vida. Assim, IV.S.1 é atendido parcialmente, posto que para um planejamento multidisciplinar *top-down* e *bottom-up*, todos os atores devem estar envolvidos (AVECILLA, 2018).

Em suma, a C9 traz distintas atividades para diversos âmbitos e, neste aspecto, contempla as relações do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a Terra no que diz respeito à interpretação profunda e criativa do lugar no intuito de facilitar a conexão entre as partes (AVECILLA, 2018) por meio de experiências práticas. Contudo, deixa a desejar no que se refere ao caráter educacional ou de conscientização do visitante, que deve ser instigado para entender o lugar como um sistema vivo (AVECILLA, 2018). Assim, em relação ao design experiencial, que se

refere à criação de experiências transformativas, a C9 atende parcialmente ao indicador V.ASC.1.

A C9, de acordo com a entrevista concedida, pretende continuar recebendo indivíduos externos, uma vez que, segundo representante, as pessoas são as responsáveis por fazer da C9 o que ela é hoje: "cada um que está ali tem uma força" (informação verbal). Quanto ao alinhamento relativo à visitação, o responsável conta que "as coisas ali vão acontecendo pela frequência dos encontros" (informação verbal) e que o convívio é o que "faz acontecer" (Entrevista com representante da C9, 2021), para tanto é necessário que a pessoa externa leve algo para a comunidade, no sentido de conhecimento ou "bons anseios" (Entrevista com representante da C9, 2021).

Assim, finalizando as análises das comunidades selecionadas, a C9 o projeto atende a 12 dos 15 indicadores aos quais se aplica, sendo "processo de associativismo" e "multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos" pontos de destaque, correspondentes, respectivamente, à dimensão social e institucional. Enquanto 2 indicadores foram parcialmente atendidos e 1 não foi atendido, levando em consideração a exclusão dos indicadores I.A.1, I.A.2, I.A.3 e I.A.4, referentes à infraestrutura, para análise.

Por fim, importante reiterar que as análises foram realizadas com base nas entrevistas concedidas pelos representantes das comunidades, que leva em consideração expressão do sujeito que fala e a interpretação do sujeito que escuta. Entende-se que, apesar de não ser o modelo ideal de análise, em função da distância do objeto de estudo, foi o método encontrado para uma primeira pesquisa, realizada durante a pandemia. Além disso, os indicadores utilizados como metodologia para este trabalho se tratam de uma orientação no sentido de averiguar a adequação do modelo estudado. Assim, fim de atender ao indicador, as práticas ou infraestruturas presentes na comunidade deveriam se adequar aos respectivos fatores.

Ainda no que diz respeito à conformidade dos indicadores ao modelo estudado, é importante reiterar que os estes, estabelecidos a partir da metodologia do SISDTUR de Hanai (2009), compreendem apenas o turismo regenerativo, uma vez que o design e desenvolvimento regenerativo requerem o uso de outras ferramentas de

medição e acompanhamento, tais como o *Leadership in Energy & Environmental Design* (LEED), um sistema de classificação de sustentabilidade voltado para edificações, que tem como objetivo analisar a sustentabilidade e interação da construção com o meio ambiente (HULSMAYER, 2008).

Assim, perante as análises realizadas até então, o próximo subcapítulo irá retomar as análises e, a partir da análise conjunta das comunidades tratará de verificar em qual momento o turismo regenerativo se encontra no estado de São Paulo, a fim de investigar possíveis caminhos para uma maior aderência de comunidades que pretendem trabalhar com o modelo estudado.

4.2 PERCEPÇÃO DAS ANÁLISES DAS COMUNIDADES

A partir das análises descritas, que tinham como objetivo avaliar o grau de concordância das práticas das comunidades com os princípios teóricos, neste subcapítulo é pretendido caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo, a fim de investigar possíveis caminhos que as comunidades possam aderir ao modelo estudado. Assim, a fim de retomar o resultado das análises realizadas, o Quadro 14 foi elaborado com as comunidades e os seus respectivos indicadores para o turismo regenerativo:

Quadro 14 — Resultado das análises dos indicadores para o Turismo Regenerativo e as comunidades do estado de São Paulo analisadas

Indicador	C1	C3	C4	C7	C9
I.I.1. Valores da comunidade	Atende	Atende	Atende	Atende*	Atende
I.I.2. Atividades desenvolvidas	Atende	Atende	Atende	Atende parcialmente	Atende
I.A.1. Práticas utilizadas na construção da infraestrutura	Atende parcialmente	Atende parcialmente	Atende	Atende parcialmente	Não se aplica
I.A.2. Processos de tratamento de água e esgoto	Atende	Atende	Atende parcialmente	Atende parcialmente	Não se aplica
I.A.3. Fontes de energia	Não atende	Não atende	Não atende	Não atende	Não se aplica
I.A.4. Processos de coleta de resíduos sólidos	Atende	Atende	Atende	Atende	Não se aplica
I.A.5. Técnicas produtivas (se existente)	Atende	Atende	Atende	Atende	Atende
I.A.6. Origem da alimentação e consumo	Atende parcialmente	Atende parcialmente	Atende	Atende	Atende
I.S.1. Processo de associativismo	Atende	Atende	Atende	Não atende	Atende*
I.C.1. História e surgimento da	Atende	Atende	Atende	Atende	Atende

comunidade					
I.C.2. Existência de práticas de sabedoria ancestral/saber tradicional	Atende	Atende	Atende	Atende	Atende
II.I.1. Multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos	Atende	Atende	Atende	Atende	Atende*
II.S.1. Participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos	Atende	Atende	Atende*	Não atende	Atende
II.S.2. Nível de valorização agricultura familiar e local	Atende	Atende parcialmente	Atende*	Atende	Atende
III.A.1. Relação com o ambiente e observação do entorno	Atende	Atende*	Atende	Atende	Atende
III.S.1. Existência de programas de conscientização da comunidade	Atende	Atende*	Atende	Atende parcialmente	Não atende
IV.I.1. Descrição dos processos de design	Atende*	Atende	Atende parcialmente	Atende parcialmente	Atende
IV.S.1. Envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão	Atende*	Atende	Atende	Não atende	Atende parcialmente
V.ASC.1. Caráter das experiências desenvolvidas	Atende*	Atende	Atende	Atende parcialmente	Atende parcialmente

O () refere-se ao indicador no qual a comunidade obteve destaque.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Deste modo, em síntese, com o objetivo de facilitar a percepção das análises das comunidades, com base no Quadro 14, serão detalhados na sequência alguns dos pontos nos quais, individualmente, as comunidades se destacam, os que merecem atenção e os que não são contemplados e, portanto, requerem melhoria a fim de que se possam tirar conclusões acerca das características do turismo regenerativo no estado de São Paulo:

- A C1 se destaca nos indicadores “descrição dos processos de design”, “envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão” e “caráter das experiências desenvolvidas”, o que revela que esta se adequa em maior nível aos fatores “planejamento multidisciplinar *top-down* e *bottom-up* envolvendo todos os atores” e “experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma”;
- Apesar de ter agricultura dentre as principais atividades desenvolvidas, a C3 atende parcialmente aos indicadores que dizem respeito à “origem da alimentação e consumo” e “nível de valorização agricultura familiar e local” e, portanto, os tem como ponto de atenção. Por outro lado, se destaca em ambos os indicadores do fator “ser humano se sente interligado com a

natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos”, uma vez que as atividades referentes à “relação com o ambiente e observação do entorno” e “existência de programas de conscientização da comunidade” se sobressaem;

- A C4 se destaca na dimensão social no que se refere à “participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos” e “nível de valorização agricultura familiar e local”, contudo, em função da maturidade de seus processos, requer atenção nos processos de design;
- Apesar de seu destaque em “valores da comunidade”, referente à dimensão institucional, dos 6 indicadores da dimensão social a C7 atende a 1, não atende a 3 e atende parcialmente a 2, o que indica que a dimensão social deve ser vista como um ponto de melhoria para a comunidade;
- Dos 15 indicadores analisados para a C9, “processo de associativismo” e “multidisciplinaridade dos projetos desenvolvidos” são pontos de destaque. A resposta do indicador “caráter das experiências desenvolvidas” se sobressai como ponto de atenção, uma vez que, apesar do caráter participativo das atividades desenvolvidas na C9, esta deixa a desejar no caráter educacional ou de conscientização do visitante no processo de construção das experiências;
- Nenhuma das comunidades atende ao indicador que se refere a “fontes de energia”.

Assim, diante das análises, foi possível observar que os indicadores contribuem para verificar os pontos nos quais a comunidade se destaca, os que esta é capaz de atender, os que são atendidos em parte, mas merecem atenção, e os que não são atendidos e, portanto, requerem melhoria. É possível verificar, a partir disso, que o nível de cumprimento dos indicadores tem relação com a importância que a comunidade dá à sua respectiva dimensão e fator.

Diante da síntese apresentada, notou-se que, dentre as comunidades analisadas, os indicadores que se destacam conferem os pontos fortes das localidades, uma vez que a comunidade que apresentou maiores quantidades de indicadores em destaque (C1) coincide com aquela que possui processos melhor estruturados no que diz respeito a experiências desenvolvidas e sistema de governança. Do mesmo modo, a comunidade que obteve menos indicadores em destaque (C7) se revela

frágil no que diz respeito aos processos que envolvem a dimensão social, essencial para os processos do turismo regenerativo.

Ainda no que diz respeito ao indicador em destaque, este se mostra útil a fim de identificar o momento vivenciado pela comunidade, uma vez que indica aquilo que vigora nesta. Como exemplo é possível citar a C3, que já se estabeleceu há 9 anos, em comparação com a C4, que começou suas atividades em 2018 e ainda requer melhorias nos processos de design. Na primeira, destacam-se os indicadores referentes ao fator “ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos” enquanto na segunda destaca-se “senso de propósito coletivo”, indicando que a C3 já se estabeleceu e no momento está voltada para atividades que incentivam a compreensão dos sistemas, enquanto a C4, que está no início de sua atuação, busca parcerias e envolvimento das partes a fim de construir um propósito conjunto. Assim, o indicador que aparece em destaque para cada comunidade revela um ponto forte e, conseqüentemente, tem relação com o momento no qual esta se encontra.

Os indicadores atendidos pela comunidade, por sua vez, dizem respeito à capacidade que esta possui em concordar com o turismo regenerativo. Assim, entende-se que, ao atender todos indicadores referentes a um fator e, por conseguinte, contemplar o fator em questão, a comunidade se revela mais próxima da dinâmica do turismo regenerativo. Assim, a fim de avaliar coletivamente o grau de concordância das comunidades com o modelo proposto, sugere-se a o Quadro 15 que segue:

Quadro 15 — Fatores para o turismo regenerativo nas comunidades

Fator para o turismo regenerativo	C 1	C 3	C 4	C 7	C 9
I. A comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo					
II. Senso de propósito coletivo					
III. Ser humano se sente interligado com a natureza e possui maior compreensão dos sistemas vivos					
IV. Planejamento multidisciplinar <i>top-down</i> e <i>bottom-up</i> envolvendo todos os atores					
V. Experiências transformadoras capazes de gerar reflexões para mudança de paradigma					

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Diante do Quadro 15 proposto é possível inferir que:

- Nenhuma das cinco comunidades analisadas atende a todos os indicadores do primeiro fator e, portanto, nenhuma contempla o fator I para o turismo regenerativo, “a comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo”. Fazendo referência às análises do subcapítulo indicadores, ainda que seja o fator que abrange maior quantidade de indicadores, a comunidade que chegou mais perto de contemplá-lo, C4, atendeu a 9 dos 11 propostos. Das cinco comunidades, duas atenderam parcialmente a “processos de tratamento de água e esgoto”, duas atenderam parcialmente a “origem da alimentação e consumo”, três atenderam parcialmente a “práticas utilizadas na construção da infraestrutura” e nenhuma atendeu a “fontes de energia”. Com isso, têm-se os aspectos do fator I a serem melhorados em conjunto pelas comunidades;
- O fator II, por sua vez, foi contemplado por duas das cinco comunidades, sendo que aquelas que não o contemplaram atenderam a dois dos três indicadores propostos. Destas, uma atendeu parcialmente a “nível de valorização agricultura familiar e local” e a outra não atendeu “participação dos indivíduos no desenvolvimento de projetos”, indicando aspectos a serem melhorados individualmente pelas comunidades que não os atenderam, uma vez que todas as demais contemplaram o fator II;
- Quanto ao fator III, ao atenderem aos dois indicadores propostos, três comunidades o contemplaram. Das comunidades que não o contemplaram, uma delas não atendeu e a outra atendeu parcialmente ao indicador “existência de programas de conscientização da comunidade”, pontuando um aspecto a ser melhorado em conjunto;
- O fator IV foi contemplado por duas comunidades, que atenderam aos dois indicadores propostos. Das comunidades que não o contemplaram, uma delas não atendeu a nenhum dos dois indicadores, uma atendeu parcialmente a “descrição dos processos de design” e a última atendeu parcialmente a “envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão”, indicando que ambos os indicadores do fator IV são aspectos a serem melhorados em conjunto.
- Por último, o fator V, que abrange apenas um indicador, foi atendido por três comunidades. Ao compor apenas “caráter das experiências desenvolvidas” o

fator revela significância no que diz respeito ao turismo regenerativo e, portanto, deve ser levado como aspecto a ser melhorado conjuntamente.

Em suma, das cinco comunidades analisadas, nenhuma contempla o fator I, três contemplam o fator II, três contemplam o fator III, duas contemplam o fator IV e três contemplam o fator V. Além disso, notou-se que as localidades que contemplaram o fator V, que diz respeito ao design experiencial do turismo regenerativo (AVECILLA, 2018), foram as que atenderam a maior quantidade de indicadores. Assim, por se tratar de um fator que abrange as dimensões ambiental, social e cultural, pode-se inferir que, a fim de contemplá-lo, a localidade deve possuir processos bem estruturados em todas as dimensões, uma vez que este abrange as dimensões ambiental, social e cultural. E, para tanto, é necessário que se atenda a indicadores anteriores das mesmas dimensões a fim de que se contemple o último.

Diante dos fatos apresentados, com base nas comunidades analisadas, têm-se os indicadores que se revelam como aspectos a serem otimizados pelas comunidades. Portanto, apesar de levantarem a questão das fontes de energia como um aspecto de melhoria, todas as comunidades analisadas ainda dependem da energia elétrica do estado, que se utiliza das fontes de energia convencionais e, portanto, não contemplaram o indicador I.A.3, que diz respeito a fontes de energia limpa. Quanto às práticas utilizadas na construção da infraestrutura (I.A.1), apesar de todas as quatro comunidades analisadas para este fator trabalharem com práticas de bioconstrução, que incluem técnicas como hiperadobe, pau a pique, COB e *cordwood*, três delas dispõem de parte da infraestrutura construída com base em técnicas convencionais e, por este motivo, não atenderam por completo ao indicador. No tocante aos processos de tratamento de água e esgoto, uma das comunidades, apesar de utilizar técnicas de saneamento da bioconstrução, não se adaptou completamente, enquanto a outra ainda utiliza métodos convencionais e fossa séptica acompanhados dos modos tradicionais. Ainda referente ao fator I, no tocante à origem da alimentação e consumo, apesar de todas as comunidades analisadas consumirem produtos orgânicos e constituírem parcerias em nível local, as duas que não atendem ao fator I.A.6 dependem de comércios distantes a fim de complementarem sua fonte de alimentação.

Apesar de todas as comunidades possuírem valores que revelam preocupação com o entorno, nem todas possuem programas de conscientização estruturados, assim, uma comunidade atendeu parcialmente e a outra não atendeu ao indicador III.S.1. Além disso, a falta de estruturação nos processos, que devem compreender todos envolvidos, também foi motivo pelo qual duas comunidades não atenderam aos processos de design. Por fim, o indicador “caráter das experiências desenvolvidas” (V.ASC.1) que trabalha diretamente com o design experiencial, aspecto fundamental do turismo regenerativo (AVECILLA, 2018), foi atendido parcialmente por duas comunidades, uma vez que ambas, apesar de trabalharem com o conceito de experiência, não possuem o processo estruturado.

Diante dos fatos apresentados, entende-se que, ao apresentarem valores que trazem aspectos que visam respeitar a relação do ser humano consigo mesmo e com o seu entorno, todas as cinco comunidades estudadas abrangem a abordagem do pensamento sistêmico com a qual tem se trabalhado. Apesar disso, por se trabalharem com atividades distintas em localidades distintas, cada uma possui suas particularidades e, portanto, se enquadra em momentos variados no que se refere à história, infraestrutura e projetos desenvolvidos.

Não obstante, a fim de que haja co-evolução no turismo é necessário que os fatores sejam contemplados em sua totalidade, uma vez que, a fim de que a comunidade seja capaz de manter condições de equilíbrio dinâmico com o ambiente, é necessário que haja mudanças e adaptações constantes por meio de processos desenhados de acordo com a necessidade do ambiente e de seus envolvidos. Para tal, assim como Mang e Reed (2012) apontam para o desenvolvimento regenerativo, no âmbito do turismo o pensamento sistêmico deve igualmente ser aplicado aos processos de design, planejamento e tomada de decisão. Quanto às comunidades analisadas é possível inferir que tal pensamento deve, portanto, ser aperfeiçoado nas áreas referentes à infraestrutura, origem da alimentação e consumo, processos de design, envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão e experiências desenvolvidas.

Quanto aos processos design regenerativo aplicados ao turismo, tanto no que diz respeito à infraestrutura quanto à origem da alimentação e consumo, as comunidades devem, portanto, considerar nestes processos que são parte

integrante de um ecossistema e que, diante disso, servem aos três níveis de valor sugeridos por Avecilla (2018) que englobam a sua identidade, o seu entorno e o seu universo e, desta maneira, devem optar por escolhas considerem tais aspectos. As experiências desenvolvidas, por sua vez, devem proporcionar espaços para que o turista estabeleça ligações profundas com os habitantes e com a natureza, a fim de colaborar para que o turista seja capaz de compreender o lugar como um sistema vivo e, para tal, têm de ser práticas e de cunho educacional ou de conscientização (AVECILLA. 2018). Por isso a importância de experiências e programas de conscientização desenhados em conjunto com diferentes atores a fim de que a reflexão para mudanças de paradigma possam ser proporcionadas. No que diz respeito aos processos de design e envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão, é significativo reiterar que o co-design, indicado como um dos processos do turismo regenerativo, leva em consideração o envolvimento das partes a fim de que seja possível compreender o lugar nas dimensões econômica, natural e cultural (AVECILLA, 2018). E, portanto, sugere que, a fim de entender e trabalhar tais dimensões nas comunidades analisadas, estas podem integrar o co-design em seus processos de design e tomada de decisão, podendo assim caminhar rumo à co-evolução.

Quanto à convergência entre as comunidades e as temáticas estudadas até então, foi possível notar ainda que a Permacultura é presente em quatro das cinco comunidades analisadas, o que confere a intersecção entre a teoria e o modelo estudado, uma vez que esta traz consigo princípios éticos de cuidado com a terra, cuidado com as pessoas e cuidado com a distribuição de excedentes, de Mollison e Slay (1998), que estão diretamente relacionados ao conceito de turismo regenerativo. Assim, por funcionar como ferramenta de estímulo no trabalho da relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a Terra, ambos podem vir a ser complementares e, portanto, entende-se que há possibilidade de desenvolver turismo regenerativo em comunidades e localidades que trabalhem com o conceito de Permacultura, ainda que outros fatores devam ser avaliados.

Além da Permacultura, apesar de, em um primeiro momento, aparentar ser utópica, a autogestão é realidade em diversas comunidades, como observado nas análises. Tal aspecto requer a mudança de paradigma, indicada no sétimo processo de Avecilla (2018), que compreende repensar e redesenhar estruturas políticas com o

intuito de originar uma estrutura de comunidades pautadas na regeneração. Assim, é possível considerar que a presença de sistemas de governança como a Sociocracia nas comunidades é indício de que estas estão inseridas em um âmbito que compreende o novo paradigma mencionado nesta pesquisa e, conseqüentemente, caminhando em direção a uma dinâmica regenerativa, uma vez que, como lembra Avecilla (2018), a ordem natural dos sistemas funciona por meio da auto-organização.

Além disso, a tese de Avecilla (2018) que indica que a fim de que uma comunidade receba o turismo regenerativo, é necessário que exista alinhamento entre esta e o turista, pôde ser confirmada pelas entrevistas realizadas com as comunidades, indicando que, antes da visita à localidade, o indivíduo externo deve estar de acordo com os valores propostos. Com base nas entrevistas realizadas, no que diz respeito à intenção em receber visitantes, apesar das particularidades de cada comunidade, foi possível averiguar que todas responderam positivamente, cada uma com sua peculiaridade referente à pergunta que procura investigar os fatores determinantes no alinhamento entre as partes. Neste sentido, é relevante ainda reiterar que a comunidade não está a serviço do visitante, mas que este deve se adequar ao exigido pela realidade na qual esta se dará o encontro, uma vez que não se trata de um produto turístico, mas de uma experiência regenerativa e, diferentemente daquele, que oferta algo, a experiência não se constrói para o ator externo, mas sim de acordo com as necessidades de todas as partes envolvidas.

Assim, é essencial considerar que para um modelo de turismo regenerativo aqueles que estão na posição de visitantes devem estar preparados para experienciar o que a comunidade tem a oferecer e não o contrário. É importante lembrar ainda que os lugares podem significar muito mais do que o espaço físico, mas um local de significado compartilhado, no qual as pessoas possam se conectar umas com as outras e com a natureza novamente. Mang e Haggard (2016) reiteram que o lugar pode incluir uma experiência subjetiva, na qual, além da realidade material, para muitas pessoas este também pode ser detentor de profundo apego emocional. Assim, por se tratarem de comunidades que estão englobadas em um contexto no qual as dimensões institucional, ambiental, social e cultural se diferem das mesmas dimensões em um contexto em que os efeitos da globalização são mais presentes, é considerável reforçar que o turista necessita se adequar à realidade proposta pela

comunidade, bem como ao novo paradigma sugerido por esta. Assim, o indivíduo externo deve buscar a comunidade a partir do momento que estiver pronto para fazê-lo.

Neste sentido, é preciso cautela com expressões que tratam do turismo regenerativo como instrumento para “promover melhorias em uma área, local ou destino” (CAMPOS, 2021, on-line), uma vez que o termo “melhorias” se mostra vago em um modelo que requer integração entre as partes. É possível que o turismo regenerativo tenha papel importante na educação e conscientização das partes envolvidas na atividade, contudo esta deve servir como ferramenta para estimular o trabalho da relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a Terra, no sentido de promover a evolução conjunta do indivíduo com a natureza. Quando se menciona turismo, Avecilla (2018) alerta ainda sobre a necessidade de que exista equilíbrio entre atividades de caráter econômico e as relações o entorno, para que o turismo não caminhe no sentido contrário do que se pretende com o desenvolvimento regenerativo. Além disso, o turismo regenerativo considerar o pensamento integrado, o sentimento de pertencimento a algo maior e a participação e trocas entre as partes que caminhem para transformar a sociedade em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do questionamento realizado na introdução deste trabalho, que tinha como intuito averiguar se as experiências desenvolvidas em comunidades do estado de São Paulo possuem características que se adequem aos processos e fatores do turismo regenerativo, pode-se dizer que o objetivo do trabalho foi contemplado. A pesquisa revelou que as experiências desenvolvidas em comunidades do estado de São Paulo possuem características que se adequem aos processos e fatores do turismo regenerativo, uma vez que os indicadores propostos foram contemplados em sua maioria por grande parte das comunidades analisadas.

A partir da análise realizada com comunidades, com base nos indicadores estabelecidos apoiados nos processos e fatores do turismo regenerativo, foi possível verificar que, do ponto de vista coletivo das comunidades estudadas, há espaço para melhorias no que se refere à infraestrutura, origem da alimentação e consumo, processos de design, envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão e experiências desenvolvidas nas comunidades do estado de São Paulo. Apesar disso, conclui-se que, no tocante aos indicadores propostos, as comunidades analisadas possuem concordância com o modelo estudado e, além disso, há interesse por parte de todas as cinco analisadas em desenvolver o modelo proposto, desde que haja alinhamento entre comunidade e turista, aspecto essencial para que qualquer atividade em nível turístico possa seja desenvolvida em uma localidade. Há, portanto, espaço para o turismo regenerativo no estado de São Paulo, indicando que o objetivo geral deste trabalho, que consiste em caracterizar o turismo regenerativo no estado de São Paulo a partir do estudo de experiências desenvolvidas por comunidades, foi alcançado.

Os indicadores se referem à concordância da comunidade com o modelo de turismo regenerativo proposto. Assim, a partir deles, foi possível identificar em quais pontos a comunidade se destaca, quais pontos esta é capaz de atender, quais pontos são atendidos em parte, mas precisam de atenção, e quais não são atendidos e, portanto, necessitam de melhoria. O indicador de destaque sugerido demonstra pontos fortes das comunidades e, por este motivo, tem relação com o momento em que esta se encontra. A partir da resposta dos indicadores, foi possível averiguar que o nível de cumprimento dos indicadores tem relação com a importância da sua

respectiva dimensão e fator para a comunidade em questão e, neste sentido, os principais seguintes pontos percebidos foram:

- Das cinco comunidades analisadas, nenhuma atende ao indicador “fontes de energia”, uma vez que estas dependem da energia elétrica fornecida pelo estado;
- O primeiro fator, “a comunidade valoriza a sua identidade, o seu entorno e o seu universo”, não é contemplado por nenhuma das cinco comunidades analisadas, uma vez que nenhuma delas atende a todos os indicadores deste;
- Uma comunidade contempla quatro fatores, duas comunidades contemplam três fatores, uma comunidade contempla um fator e uma comunidade não contempla fator algum. Assim, nenhuma contempla todos os fatores.
- As localidades que contemplam o fator que diz respeito ao design experiencial do turismo regenerativo de Avecilla (2018), coincidem com aquelas que atenderam à maior quantidade de indicadores.

Perante as análises das comunidades, é possível inferir que, apesar de se encontrarem em momentos distintos no tocante a suas histórias, valores, infraestruturas e projetos desenvolvidos, contemplam o conceito do turismo regenerativo ao abordarem a relação do ser humano consigo mesmo e com o seu entorno. Contudo, tendo em vista um modelo dinâmico voltado para a co-evolução, com o objetivo de manter condições de equilíbrio dinâmico com o ambiente visando, é necessário que os fatores sejam contemplados e, para tal, as comunidades analisadas devem se aperfeiçoar quanto à infraestrutura, origem da alimentação e consumo, processos de design, envolvimento dos indivíduos nos processos e tomadas de decisão e experiências desenvolvidas.

Além disso, confirmou-se que há interseção entre a Permacultura e turismo regenerativo e, portanto, ambos podem trabalhar em conjunto, bem como com a Sociocracia e sistemas de autogestão, uma vez que a auto-organização se relaciona com o novo paradigma explicitado por Avecilla (2018). Diante disso, no modelo proposto, o turista deve se adequar à realidade proposta pela comunidade, assim, é necessário que haja alinhamento entre as partes e que, tanto as experiências, quanto os processos e projetos existentes nas comunidades levem em conta o

pensamento sistêmico a relação entre as partes, a fim de que seja possível caminhar em direção à evolução conjunta do indivíduo com a natureza.

As experiências desenvolvidas nas cinco comunidades analisadas permitem indicar as seguintes características do turismo regenerativo no estado de São Paulo:

- Permacultura, desenvolvimento comunitário, espiritualidade, bioconstrução e educação ambiental se repetem ao menos duas vezes como atividades desenvolvidas entre as comunidades, indicando que estas trabalham com práticas semelhantes, assinalando que existe uma referência, ainda que cada uma seja única e tenha suas peculiaridades;
- Apesar de coincidirem entre si em caracterização e atividades desenvolvidas, as análises revelaram que as comunidades estudadas se encontram em momentos distintos quanto à história, infraestrutura e projetos desenvolvidos;
- Práticas de abordagem holística como a Permacultura, presentes em parte das comunidades analisadas, reforçam alinhamento com o modelo estudado, uma vez que seus princípios éticos condizem com o novo paradigma com o qual se pretende trabalhar;
- Em razão de abrangerem integralmente valores que contemplam o respeito e a relação do ser humano consigo mesmo e com o seu entorno, todas as comunidades analisadas possuem o enfoque sistêmico necessário para que desenvolvam o turismo regenerativo;
- E, por fim, demonstram interesse em receber indivíduos externos, mediante alinhamento entre as partes, reiterando que o turismo regenerativo pode vir a ser parte de suas atividades.

No tocante a fins de adequação ao turismo regenerativo, diferentemente dos hotéis de caráter regenerativo, mencionados na introdução deste trabalho, a ausência do fator econômico chama atenção nas comunidades entrevistadas, uma vez que grande parte destas está buscando se adequar à mudança de paradigma mencionada no referencial teórico deste trabalho, visto que estas demonstraram, em sua maioria, adequação aos fatores das dimensões institucional, ambiental, social e cultural em detrimento de questões puramente econômicas. Apesar disso, conclui-se que para um segundo estudo, para fins comparativos acerca do método de indicadores utilizados, sugere-se a inclusão de indicadores econômicos, para que a

análise da dimensão econômica possa ser analisada em profundidade, inclusive no intuito de averiguar a importância deste para a comunidade ou localidade em questão. No que diz respeito aos indicadores pode-se pensar ainda em adaptação que seja suficiente para que análises em comunidades de caráter urbano que se caracterizem como projetos ou institutos possam ser analisados, assim como outras comunidades que podem vir a se enquadrar nas caracterizações do quadro das comunidades, mas que desenvolvam atividades que se distinguem das analisadas.

Ademais, quanto às entrevistas e análises realizadas, é importante reiterar que, em função da pandemia da Covid-19, a adequação dos processos e infraestruturas das comunidades aos indicadores foi realizada exclusivamente com base no discurso das entrevistas de seus representantes e que, por este motivo, o resultado da análise pode não ter obtido de maneira rigorosa os resultados desejados. Além de depender da manifestação do entrevistado em expressar o que se está buscando, a análise leva em consideração a recepção e interpretação daquele que escuta. Sendo assim, conclui-se que o ideal é que, para trabalhos futuros, se exequível, a interpretação e análise sejam efetuadas *in loco*, em função da dificuldade em executar análises sem proximidade com o objeto de estudo e de se interpretar com base em entrevistas.

Além disso, assim como os indicadores não substituem as ferramentas de medição e acompanhamento do design regenerativo como o LEED, os fatores analisados não correspondem às fases de desenvolvimento descritas na Figura 2, uma vez que a fim de medir projetos de design tais métodos se fazem necessários. As fases da Figura 2 contemplam projetos de design regenerativo e, apesar de terem sido utilizadas para fins de contextualização, para que sejam aplicadas ao turismo regenerativo requerem uma tese que compreenda as ferramentas mencionadas.

Quanto a abordagens possíveis, assim como a Permacultura, o termo “agricultura regenerativa”, por sua vez, apesar de não estar presente em nenhuma das cinco comunidades analisadas, apareceu mais de uma vez dentre as 39 comunidades encontradas no Brasil, confirmando alinhamento entre o referencial teórico estudado e a escolha de se trabalhar com Ecovilas, podendo ser tópico para um segundo estudo no âmbito do turismo regenerativo.

REFERÊNCIAS

- AJOON, E. J.; RAO, Y. V. **A study on consciousness of Young travelers towards regenerative tourism: with reference to Puducherry**. V. 4. [S.l.]: Journal of Tourism Economics and Applied Research, 2020. Disponível em: <<http://jtear.uoctourism.com/publication/2020volume1/regenerativetourism.pdf>>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.
- ANDRADES, T. O. de; GANIMI, R. N. **Revolução Verde e a Apropriação Capitalista**. V. 21, p. 43-56. Juiz de Fora: CES Revista, 2007. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2021.
- ARAÚJO, M. P. M. **Design Regenerativo e Direito Ambiental**: Construção de ponte para a Economia Circular. In: Anais do Simpósio de Pós-graduação em Design da Esdi. Anais...Rio de Janeiro(RJ) ESDI / UERJ, 2019. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/48995>>. Acesso em: 29 de abril de 2021.
- AVECILLA, S. T. **Análisis y aproximación del paradigma del turismo regenerativo**. San José: Universidad para la Cooperación Internacional, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331813562_Analisis_y_aproximacion_a_la_definicion_del_paradigma_del_Turismo_Regenerativo>. Acesso em 17 de Janeiro de 2021.
- BONZI, R. S. **Meio século de primavera silenciosa**: Um livro que mudou o mundo. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 28, p. 207-215, jul./dez. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/31007/21665>>. Acesso em 20 de abril de 2021.
- BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W. **Cradle to Cradle**: Criar e reciclar ilimitadamente. Barcelona, Gustavo Gili, 2014.
- CAMPOS, D. M. de. **Recursos naturais**: Renováveis Versus Não Renováveis, Resiliência e Uso Sustentável. Revista Gestão Universitária. 17 de jun. de 2018. Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/recursos-naturais-renovaveis-versus-nao-renovaveis-resiliencia-e-a-uso-sustentavel#:~:text=Alguns%20exemplos%20de%20recursos%20renov%C3%A1veis,materiais%20radioativos%20e%20g%C3%A1s%20natural.>>. Acesso em 28 de abril de 2021.
- CAMPOS, M. **O que é turismo regenerativo?** Estadão. 11 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://viagem.estadao.com.br/blogs/sala-vip/o-que-e-turismo-regenerativo/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.
- CARSON, R. **Primavera silenciosa**. 1ª ed. São Paulo: Editora Gaia, 1962.

CASA LATINA. **Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina**: por los derechos de la Madre Tierra, c2021. Disponível em: <<https://redcasalatina.org/>>. Acesso em 3 de junho de 2021.

CES. **Palavras para lá da pandemia**: cem lados de uma crise. Turismo Regenerativo. Universidade de Coimbra: Coimbra, 2020. Disponível em: <<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/90747/1/Turismo%20regenerativo.pdf>>. Acesso em 11 de Janeiro de 2021.

CETESB. **Conferência de Estocolmo**. PROCLIMA. [S.d.]. Disponível em: <<https://cetesb.sp.gov.br/proclima/conferencias-internacionais-sobre-o-meio-ambiente/estocolmo/>>. Acesso em 3 de julho de 2021.

CNSEG. **Principais marcos ambientais**. c2017. Disponível em: <http://sustentabilidade.cnseg.org.br/?page_id=1528>. Acesso em 3 de julho de 2021.

CONSCIOUS TRAVEL. **Conscious travel**: creating a better tourism that works for all. [S.d.]. Disponível em: <<http://www.conscious.travel/>>. Acesso em 6 de julho de 2021.

CSA BRASIL. **Comunidades que Sustentam a Agricultura**: da cultura do preço para a cultura do apreço. c2015. Disponível em: <<http://www.csabrasil.org/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

DE MASI, D.. **Desenvolvimento sem trabalho**. 6ª ed. [S.l.]: Editora Esfera, 1999.

DIÁRIO DO TURISMO. **Fórum internacional aponta para o Turismo Regenerativo – Inscreva-se!** 12 de set. de 2020. Disponível em: <<https://diariodoturismo.com.br/forum-internacional-aponta-para-o-turismo-regenerativo/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

DUÉK, A. **Turismo regenerativo: o que é a nova proposta para viagens que podem recuperar o planeta?** Viajar Verde. 28 de out. de 2020. Disponível em: <<https://viajarverde.com.br/turismo-regenerativo-viagens-que-podem-recuperar-o-planeta/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

ECOEICIENTES. **COB**. Portal Ecoeficientes, c2014. Disponível em: <<http://www.ecoeficientes.com.br/cob/>> . Acesso em 16 de julho de 2021.

ECYCLE. **Banho de floresta**: conheça a terapia japonesa shinrin-yoku. 9 de jan. de 2018. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/banho-de-floresta/>>. Acesso em 28 de junho de 2021.

Entrevista com representante da Comunidade 1 (C1). Google Meet. 25 de jun. 2021. 47Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 2 (C2). Google Meet. 19 de jun. 2021. 1h13Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 3 (C3). Google Meet. 22 de jun. 2021. 28Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 4 (C4). Google Meet. 22 de jun. 2021. 47Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 5 (C5). Google Meet. 21 de jun. 2021. 53Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 7 (C7). Google Meet. 24 de jun. 2021. 1h11Min. Acervo da pesquisa.

Entrevista com representante da Comunidade 9 (C9). Google Meet. 26 de jun. 2021. 30Min. Acervo da pesquisa.

GAIA TRUST. **Global Ecovillage Network (GEN).** [S.d.]. Disponível em: <<https://gaia.org/global-ecovillage-network/>>. Acesso em 5 de junho de 2021.

GEN. **Global Ecovillage Network:** Catalyzing Communities for a Regenerative World. [S.d.]. Disponível em: <<https://ecovillage.org/>>. Acesso em 3 de junho de 2021.

GEN. **Global Ecovillage Network:** The Ecovillage Map of Regeneration. [S.d.]. Disponível em: <<https://ecovillage.org/projects/map-of-regeneration/>>. Acesso em 5 de junho de 2021.

GLUSAC, E. **Move Over, Sustainable Travel. Regenerative Travel Has Arrived.** The New York Times. 27 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com.cdn.ampproject.org/c/s/www.nytimes.com/2020/08/27/travel/travel-future-coronavirus-sustainable.amp.html#>>. Acesso em 17 de Janeiro de 2021.

HANAI, F. Y. **Sistema de indicadores de sustentabilidade:** Uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, estado de Minas Gerais, Brasil. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-17092009-082223/publico/teseFredericoYuriHanai.pdf>>. Acesso em 9 de junho de 2021.

HOLMGREN, D. **Os fundamentos da permacultura.** Versão resumida em português. [S.d.]. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/permaculturaFundamentos.pdf>>. Acesso em 24 de abril de 2021.

HULSMeyer, A. F. **A Ecovila Urbana: Uma alternativa sustentável.** Akropolis, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 31-44, jan./mar. 2008. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/2212>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

INFOPÉDIA. **Terceiro Mundo e o Terceiro-Mundismo.** Porto: Porto Editora, 2003-2021. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$terceiro-mundo-e-o-terceiro-mundismo](https://www.infopedia.pt/$terceiro-mundo-e-o-terceiro-mundismo)>. Acesso em 27 de abril de 2021.

KOVASNA, A. **Portuguese GEN Map of Regeneration.** Prezi, 2020. Disponível em: <<https://prezi.com/view/gUkKH57e2X9OdfcdsFDM/>>. Acesso em 5 de junho de 2021.

KRÜGER, E. L. **Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 4, p. 37-43, jul./dez. Editora da UFPR, 2001. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/3038/2429>>. Acesso em 7 de março de 2021.

LENCASTRE, C. **De predador a construtor: é a vez do Turismo Regenerativo.** Hotel Inspectors. 24 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://blog.panrotas.com.br/hotel-inspectors/2021/02/24/de-predador-a-construtor-e-a-vez-do-turismo-regenerativo/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

MANG, P.; **Contrast of Technical System Design and Living System Design.** Research Gate, 2012a. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Contrast-of-Technical-System-Design-and-Living-System-Design_fig4_273379786>. Acesso em 2 de maio de 2021.

MANG, P.; Designing from place: **A regenerative framework and methodology.** Research Gate, 2012b. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/fig1_233298832>. Acesso em 2 de maio de 2021.

MANG, P.; **Figures (7).** Research Gate, 2012c. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301966198_Regenerative_Development_regenerative_development_and_Design/figures>. Acesso em 2 de maio de 2021.

MANG, P.; HAGGARD, B. **Regenerative Development and Design: A framework for evolving Sustainability.** United States of America: Wiley, 2016.

MANG, P.; REED, B. **Regenerative Development and Design.** Research Gate, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301966198_Regenerative_Development_regenerative_development_and_Design>. Acesso em 1 de maio de 2021.

MOLLISON, B.; SLAY, R. M. **Introdução à Permacultura.** Brasília: PNFC, 1998.

MONACO, J. **Turismo regenerativo ganha força com o novo normal.** Panrotas. 25 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/mercado/opiniao/2021/02/turismo-regenerativo-ganha-forca-com-o-novo-normal_179897.html>. Acesso em 7 de julho de 2021.

PACTO GLOBAL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).** [S.d.]. Disponível em: <<https://www.pactoglobal.org.br/ods>>. Acesso em 3 de julho de 2021.

POLLOCK, A. **Regenerative Tourism: The Natural Maturation of Sustainability.** Medium. 1 de out. de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/activate-the-future/regenerative-tourism-the-natural-maturation-of-sustainability-26e6507d0fcb>>. Acesso em 9 de maio de 2021.

REGENESIS. **Who we are.** [S.d.]. Disponível em: <<https://regenesishgroup.com/team>>. Acesso em 29 de abril de 2021.

RODALE INSTITUTE. **The original principles of regenerative agriculture.** 14 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://rodaleinstitute.org/blog/original-principles-of-regenerative-agriculture/>>. Acesso em 4 de julho de 2021.

RODALE, R. **Sane living in a mad world**: A guide to the organic way of life. [S.l.]: Emmaus, Pa., Rodale Press, 1972. Disponível em: <<https://archive.org/details/sanelivinginmadw00roda/page/n1/mode/2up>>. Acesso em 21 de março de 2021.

RODALE, R. **Seven Tendencies Towards Regeneration**: In agriculture, communities, and personal spirit. [S.d.]. Disponível em: <<https://rodaleinstitute.org/wp-content/uploads/7-TENDENCIES-REGENERATION.pdf>>. Acesso em 4 de julho de 2021.

SENAR. **O que é a Educação à Distância SENAR?** c2021. Disponível em: <<http://ead.senar.org.br/sobre>>. Acesso em 16 de julho de 2021.

SMITH, J. **O que é turismo regenerativo? E como devemos implementá-lo?** WTM. 9 de dez. de 2020. Disponível em: <<https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-responsavel/o-que-e-turismo-regenerativo-e-como-devemos-implementa-lo/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

TERUEL, S. **Reconexão com a terra: turismo regenerativo como propulsor de mudança**. Travindy. 15 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.travindy.com/br/2020/07/reconexao-com-a-terra-turismo-regenerativo-como-propulsor-de-mudanca/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

TRAVINDY ESPAÑOL. TheRegenLab for Travel: **8 diferencias entre sostenibilidad y regeneración**. Youtube. 15 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ps48KUJHHk>>. Acesso em 15 de abril de 2021.

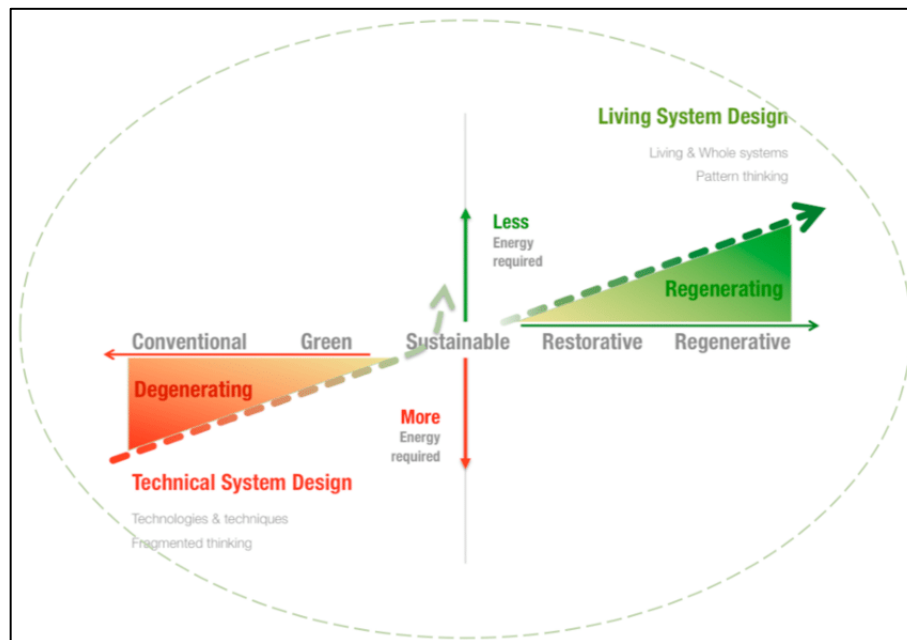
TURISMO E INOVAÇÃO. **O que é turismo regenerativo?** 22 de out. de 2020. Disponível em: <<http://turismoeinovacao.com/sustentabilidade/o-que-e-turismo-regenerativo/>>. Acesso em 7 de julho de 2021.

VRSKA, I. P. I. **Agricultura Regenerativa y el problema de la Sustentabilidad**: aportes para una discusión. Textual, n. 74, p. 51-85, 5 dic. 2019. Disponível em: <<https://chapingo-cori.mx/textual/textual/article/view/r.textual.2019.74.02>>. Acesso em 21 de abril de 2021.

WAHL, D. C. **Design de Culturas Regenerativas**. [S.l.]: Bambual Editora, 2016.

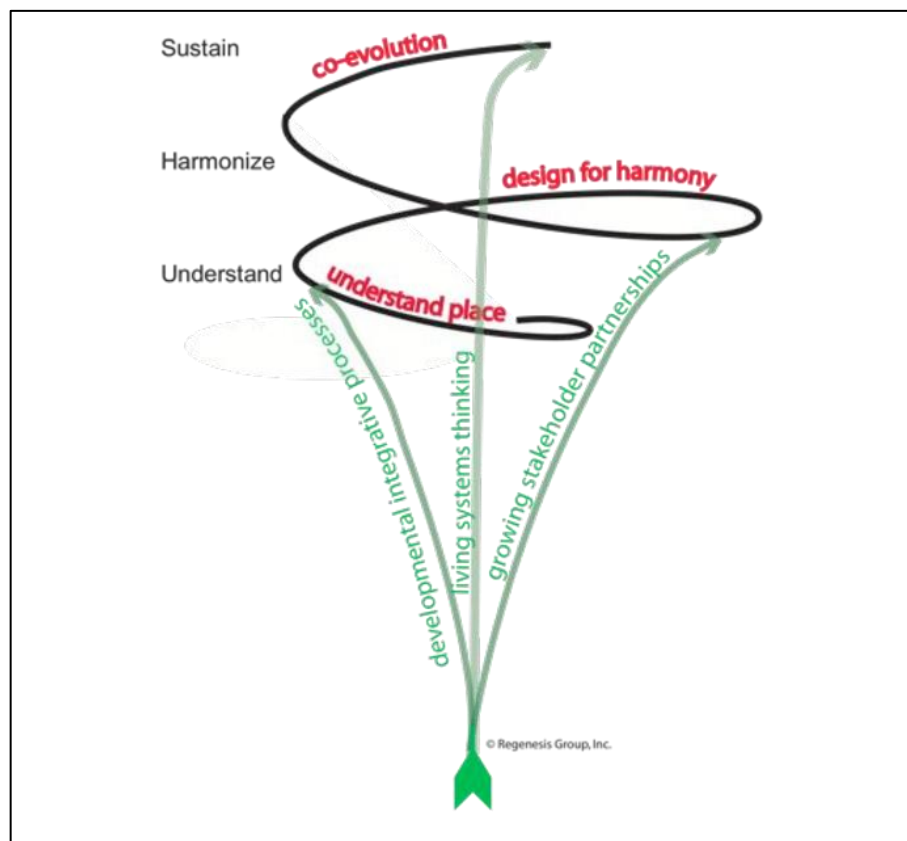
ANEXO 1 — FIGURAS ORIGINAIS

Figura 6 — *Contrast of Technical System Design and Living System Design.*



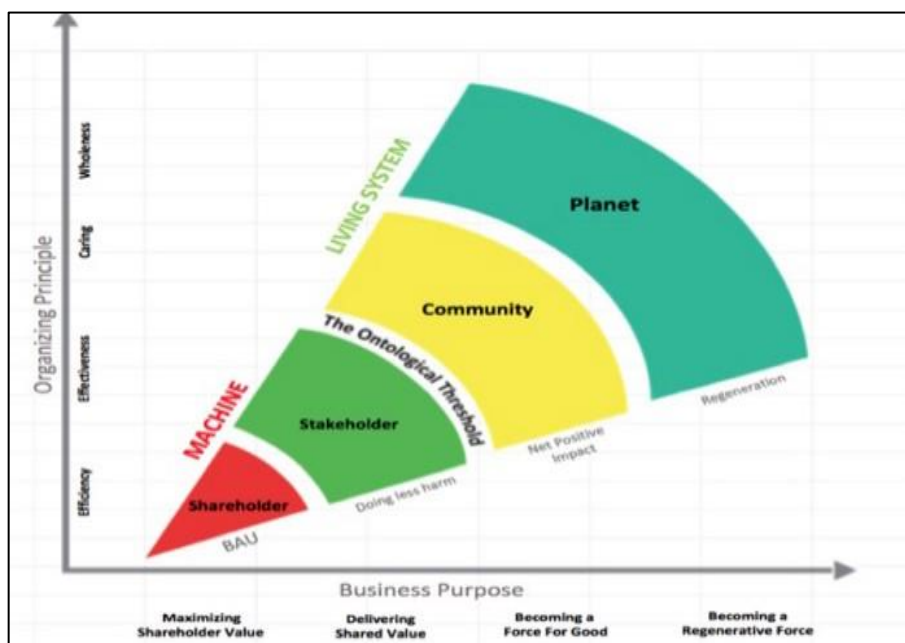
Fonte: MANG, 2012a, on-line.

Figura 7 — *A regenerative framework and methodology*



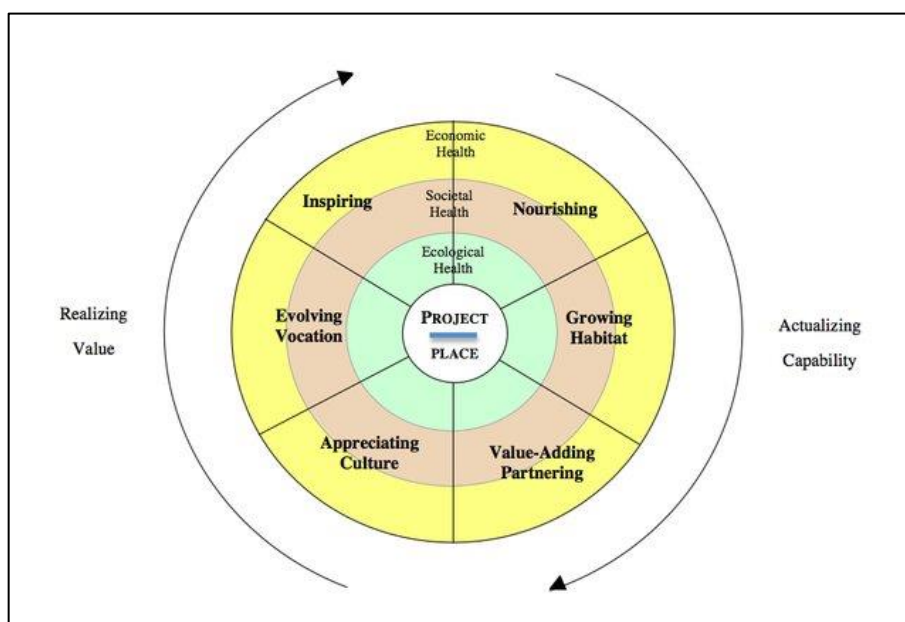
Fonte: MANG, 2012b, on-line.

Figura 8 — *The Maturation of Sustainability*



Fonte: Pollock, 2019, on-line.

Figura 9 — *Essential Living Processes framework*



Fonte: MANG, 2012c, on-line.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de entrevista foi elaborado a partir dos indicadores e ordenado de acordo com o seguinte fluxo: valores, história e surgimento; infraestrutura; projetos desenvolvidos; participação dos indivíduos nos processos e experiências oferecidas:

1. Quais os valores da comunidade;
2. Qual a história da comunidade;
3. Como se deu o processo de associativismo;
4. O que fazem;
5. Caso produzam algo, quais as técnicas;
6. Como a infraestrutura foi construída;
7. Quais as fontes de energia;
8. Como funcionam os processos de tratamento de água e esgoto;
9. Quais os processos de coleta de resíduos sólidos;
10. Existência de programas de conscientização ou educação;
11. Como funciona a relação com o ambiente e observação do entorno;
12. De onde vêm o alimento e produtos para consumo;
13. Existência de parcerias com produtores locais;
14. Como funciona o desenvolvimento de projetos;
15. Como as ideias saem do papel;
16. Participação dos indivíduos nos processos;
17. Como funcionam os processos de tomada de decisão;
18. Quais são as experiências desenvolvidas;
19. Existência de algo que é só da comunidade;

O roteiro serviu como base para as entrevistas e, conforme os indicadores foram sendo contemplados, perguntas que direcionavam os entrevistados a responderem acerca dos apontamentos destrinchados acima não precisaram ser realizadas.